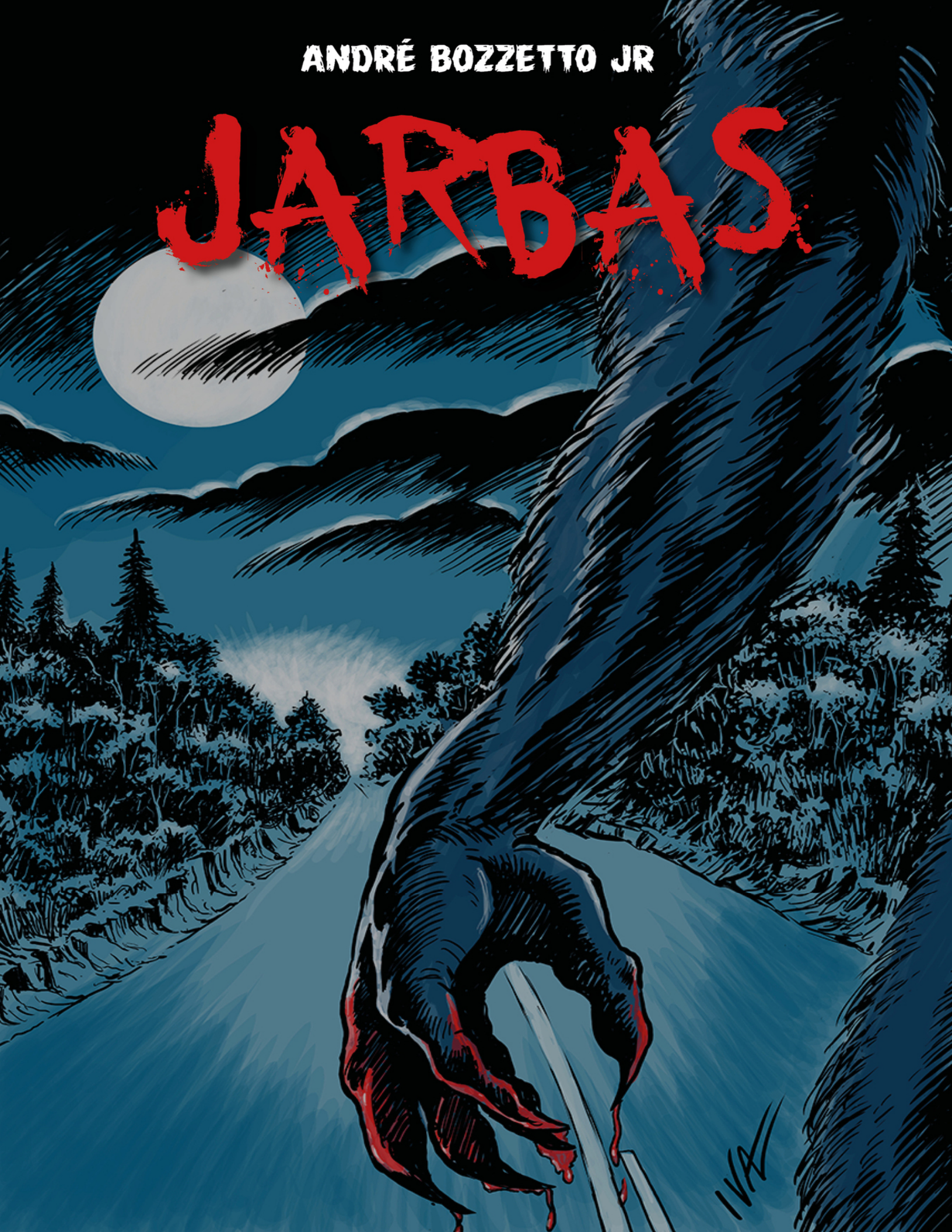


ANDRÉ BOZZETTO JR

JARBAS





ANDRÉ BOZZETTO JR

JARBAS

2ª Edição

**RELATOS
NOTURNOS**

2021

Copyright © André Bozzetto Junior

Pinhalzinho – SC

2ª Edição, 2021

Autor: André Bozzetto Jr

Capa: Vagner Bozzetto

Ilustração de capa: Ivan Lima

Ilustração de contracapa: Andrei Bressan

Ilustrações internas: Christiano Carstensen Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bozzetto Junior, André

Jarbas / André Bozzetto Junior. 2 ed. – Pinhalzinho, SC:
Relatos Noturnos, 2021.

ISBN: 978-85-471-0446-7

I. Ficção brasileira I. Título.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico, mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia ou gravação – sem permissão do autor.

Contato:

E-mail do Autor: bozzettojunior@yahoo.com.br

Website: relatosnoturnos.com

PREFÁCIO:

(original da primeira edição)

André Bozzetto Junior é um lobisomem. Um lobisomem das letras que não tem medo de escrever horror – o puro horror sanguinolento, visceral e malvado. E o horror nos contos do lobisomem André já aparece logo de cara, sem medo de se mostrar e de assumir a sua maldade cruel. Cabe ao leitor corajoso trilhar cada linha escrita por esse gaúcho de Ilópolis com o coração na mão, sabendo que, a qualquer momento, uma fera infernal vai pular sobre a sua mente desavisada, estraçalhar seus sentidos, arrancar até o último pinga do seu sangue-frio.

Os personagens do André não são sutis. O menino Jarbas é um vilão digno de constar nas listas de monstros mais sanguinários da literatura de horror. Os seus inimigos não são heróis ou paladinos de almas puras, mas homens e mulheres duros, rústicos, violentos, movidos por sentimentos simples e primitivos como a vingança e a necessidade de sobrevivência. São personalidades fascinantes pela forma como vivem, criam e espalham o horror, sem hesitar, sem pensar, sem se amedrontar. E o resto... Bem, o resto da Humanidade entra na classificação cruel de “vítimas”. Professores, enfermeiras, policiais, estudantes, crianças. Pessoas comuns que tiveram o azar de cruzar o caminho de Jarbas.

É nesse mundo escuro que você vai entrar agora. Um mundo impiedoso retratado por um autor-lobisomem que não hesitou em chamar uma escritora-vampira para prefaciá-lo. Por isso, é como uma colega das trevas, que agora tenho o prazer de convidá-lo, caro leitor, a virar a página.

Se você gosta de um horror dos bons, sem medo de ter a alma revolvida por dentes afiados e garras pontiagudas, vá em frente. O lobisomem André vai lhe servir um banquete de contos do menino Jarbas e do seu tremendo gosto por carne, vísceras e sangue humano.

Se você prefere se manter na paz e na placidez de um porto seguro, não prossiga. Nós entendemos. Mas, você sabe... É sempre bom se manter atento. Pois, desde o início dos tempos, é nas manadas que dormem em pastos calmos e verdejantes, que os lobos saciam a sua fome!

Giulia Moon

São Paulo, 7 de julho de 2011.

NATIVIDADE



LICANTRÓPICA

A ORIGEM DE JARBAS – PARTE I

A teoria

O ano era 1984 e o diálogo que serviu de estímulo para tudo o que aconteceria depois ocorreu em uma tarde de verão, ensolarada e calorenta. Os três garotos conversavam empolgadamente em um dos bancos estrategicamente posicionados sob a sombra de um enorme e majestoso eucalipto, na praça central da cidadezinha de pouco mais de 4.000 habitantes.

Betinho: – A minha mãe disse que quando ela era criança o João Preguiça já era velho, igualzinho a hoje.

Martelo: – E a minha vizinha contou que o João Preguiça ia à escola junto com a bisavó dela. Mas, pra vocês terem noção, a velha já morreu há uns trinta anos, enquanto que o João Preguiça continua por aí, vivinho da silva.

Jarbas: – E eu já ouvi várias pessoas comentando que toda a família dele morreu há muitos e muitos anos. Como é possível que ele ainda esteja vivo e forte se é tão velho assim?!

Betinho: – Porque ele é um vampiro!

Jarbas: – Exatamente!

Martelo: – Ora, isso não é possível! Ele anda por aí mendigando durante o dia!

Jarbas: – Nem tudo que aparece nos filmes está certo, Martelo! Se você tivesse lido o livro *Drácula* saberia que ele podia sim andar durante o dia. Só que nesse caso ficava mais fraco.

Martelo: – Só você mesmo para ler um livro daquela grossura! Além disso, ele nem tem figuras!

Jarbas: – É por isso que você é tão burro, *Marcelo-cabeça-de-martelo*! Nunca leu nada além de gibi!

Betinho: – Mas, Jarbas, eu estava pensando... Se ele é um vampiro, como consegue sangue para se alimentar? Se pessoas aqui da cidade estivessem sendo assassinadas ou desaparecendo, nós ficaríamos sabendo...

Jarbas: – Talvez ele se transforme em morcego e voe até outras cidades para atacar... Ou pode ser que ele se alimente apenas do sangue de animais...

Martelo: – Eu ainda acho que ele deve ser algum outro tipo de monstro.

Betinho: – Como vamos fazer para descobrir?

Jarbas: – Vamos segui-lo durante a noite.

Martelo: – Você está louco?! Nossos pais não vão nos deixar sair por aí de noite.

Jarbas: – Digam para seus pais que vão dormir na minha casa. Vocês sabem que a minha mãe é enfermeira e trabalha no turno da noite. Não teremos problemas

para sair.

Betinho: – Mas e se o João Preguiça for mesmo um vampiro e nos pegar?!

Jarbas: – Nós não vamos ser bobos! Iremos segui-lo de longe. Além disso, podemos levar alho, crucifixos e água benta.

Betinho: – Mas onde iremos encontrá-lo?

Martelo: – Eu sei onde ele dorme! Fica na mesma rua da minha casa. Havia um dentista viúvo que morava sozinho em um casarão na quadra detrás da igreja. Ele tinha um barracão nos fundos do seu terreno e permitia que o João Preguiça dormisse lá. Depois que o dentista morreu, os filhos dele decidiram fechar a casa e não alugá-la para mais ninguém, mas permitiram que o mendigo permanecesse no casebre.

Jarbas: – Eu já sabia disso! É lá mesmo que nós iremos hoje à noite!

Martelo: – Então a que horas nos encontramos?

Jarbas: – A minha mãe vai para o trabalho às 19 horas. É bom que vocês estejam na minha casa antes disso.

Betinho: – Acho que a minha mãe vai querer ligar para a sua antes de me autorizar a passar a noite lá. Será que não haverá problemas?

Jarbas: – Não se preocupe! A minha mãe está pouco se lixando para o que eu faço ou deixo de fazer... Ela vai concordar que vocês fiquem, com certeza.

Betinho: – Então está bem. Vou indo para casa.

Martelo: – Chegaremos lá pelas 18h30min.

Jarbas: – Certo. Vou ficar esperando por vocês.

O interlúdio

Exatamente às 18h31min. Betinho e Martelo chegaram à casa de Jarbas. Todos os preparativos haviam transcorrido perfeitamente bem. A mãe de Betinho ligou para Suzana e pediu se os meninos não causariam incômodo ao passarem a noite lá. A enfermeira respondeu que não haveria problema algum e, na verdade, seria até bom, pois assim Jarbas não ficaria tanto tempo sem companhia. Suzana aproveitou para se lamentar sobre as dificuldades de criar um filho sozinha e também criticou um bocado o pai de Jarbas, que provou ser *um cafajeste safado* ao ter abandonado ambos.

Durante a ligação, Jarbas estava próximo e ouviu toda a ladainha da mãe com grande aborrecimento. Desde que o marido os abandonou, há anos, ela não perdia nenhuma oportunidade de se lamuriar e demonstrar sua infelicidade para quem quer que fosse, em qualquer circunstância. Mas o problema maior é que ela estava bebendo cada vez mais. Enquanto não estava no trabalho, passava a maior parte do tempo na cama, bêbada ou de ressaca. Os afazeres domésticos e o filho acabaram se convertendo em elementos secundários da sua lista de prioridades. Abrandar o

sofrimento através do poder inebriante do álcool era o mais importante. E, se não bastasse, Jarbas havia descoberto que ela recebera um ultimato do diretor do hospital onde trabalhava: ou sua conduta melhorava – e isso significava parar de beber – ou ela seria demitida. Não era preciso ser muito esperto para saber que, naquelas condições, ela jamais arrumaria emprego melhor em outro lugar. Para Jarbas, a vida em sua casa era sombria, melancólica e cheirava à vodca barata.

Suzana se despediu dos meninos ordenando que comessem algo antes de dormir e não ficassem acordados até tarde. Fez tais recomendações muito mais para seguir uma convencional cartilha de orientações de praxe do que por realmente estar preocupada com a conduta dos garotos. Saiu em seguida, caminhando de uma forma que denotava uma sutil falta de equilíbrio.

Jarbas convidou Betinho para acompanhá-lo até a garagem. Quando a dupla retornou alguns minutos depois – trazendo consigo uma mochila cheia de cabeças de alho, estacas, crucifixos e frascos com água supostamente benta – encontrou Martelo no sofá, comendo biscoitos diante da televisão.

– Caras, acabei de ver o comercial! – exclamou Martelo, apontando para a TV – Hoje vai passar *Porky's*! Meus primos já assistiram e disseram que tem um monte de mulher pelada nesse filme! Que tal deixarmos essa história de vampiro de lado e ficarmos assistindo?

– Deixe de ser besta! – retrucou Jarbas – Esses filmes passam a toda hora! Hoje temos coisa mais interessante para fazer.

– Mas eu acho que seria melhor se nós...

– Nem pense em desistir agora! – interrompeu Jarbas, de forma tão autoritária e sinistra que fez Martelo se calar e baixar a cabeça, resignado – Daqui a pouco já vai escurecer e nós iremos atrás do João Preguiça. Teremos uma noite muito divertida!

Betinho sentiu um leve arrepio lhe percorrer a espinha. O relógio na parede marcava 19 horas.

O horror

Quando os últimos vestígios do dia se esvaneceram completamente em meio à escuridão da noite recém chegada, os três garotos já estavam atravessando sorrateiramente o centro da pequena cidade. Como de costume, havia poucas pessoas pelas ruas, e mesmo aquelas que por ali transitavam não destinaram qualquer interesse ou atenção especial ao trio de meninos.

Jarbas e seus companheiros passaram diante da única padaria da cidade, subiram a pequena ladeira da rua detrás da igreja e logo estavam diante da casa do falecido dentista. O aspecto da construção denotava abandono e desleixo, conferindo à paisagem um clima que pareceu aos garotos extremamente lúgubre e

sinistro. Seria preciso atravessar o grande e escuro pátio da residência para que chegassem ao barracão dos fundos, onde supostamente se abrigava o mendigo João Preguiça.

– Você é o maior, Martelo. Vá na frente! – disse Betinho, empurrando o amigo para dentro da propriedade.

– Eu não! – retrucou Martelo – Quem deve ir na frente é o mais velho, e eu tenho doze! O Jarbas já tem treze!

– Mas o Jarbas é tão baixinho que parece ter dez! – insistiu Betinho.

– A ideia foi dele! Que se vire! – sentenciou Martelo.

– Ora, calem a boca, seus babacas! – exclamou Jarbas – Podem deixar que eu vou na frente, pois não tenho medo de nada e nem de ninguém!

Sem hesitar, Jarbas embrenhou-se na escuridão, caminhando de forma lenta, mas decidida. Logo atrás vinham Betinho e Martelo, andando de maneira um tanto mais insegura.

– Sabem no que eu estava pensando? – cochichou Betinho – Se o João Preguiça é assim tão velho, como será que ninguém notou que ele nunca morre?

– E desde quando as pessoas dessa cidade se importam com mendigos?! – retrucou Jarbas – Ninguém liga a mínima para o João Preguiça. Se um dia ele finalmente morrer o povo nem vai sentir sua falta.

Betinho abriu a boca para dizer algo, mas se calou ao vislumbrar o casebre que surgia em meio às sombras, no fundo do terreno. Através de uma janela era visível uma tênue claridade, como se oriunda de uma vela. Martelo sentiu-se profundamente incomodado com a constituição macabra da cena e fez menção de querer recuar, sendo impedido por Jarbas, que o agarrou pela gola da camisa, encarando-o de forma ameaçadora.

– Vamos espiar pela janela, seus frangotes! – sussurrou Jarbas.

A contragosto, Betinho e Martelo se posicionaram na borda da janela, ao lado de Jarbas. João Preguiça estava no interior do casebre, mexericando em alguns objetos que retirava de dentro de uma sacola velha e desbotada, ao mesmo tempo em que bebericava algo diretamente no gargalo de uma garrafa.

– Ele não está me parecendo um vampiro... – cochichou Martelo.

– Cale a boca! – resmungou Jarbas – Acho que ele vai sair!

João Preguiça retirou da sacola grossas correntes de onde pendiam cadeados e presilhas de ferro. Largou desleixadamente a garrafa no chão e se dirigiu para a porta. Os três garotos agacharam-se de encontro à parede, ocultando-se nas sombras. Caminhando de forma apressada, o mendigo saiu do barracão e seguiu na direção de uma trilha que adentrava no bosque que existia nos limites da propriedade.

Jarbas fez um gesto para os amigos indicando que deveriam seguir o indigente. Betinho e Martelo estavam amedrontados e dispostos a desistir da aventura que a cada momento ganhava contornos mais sinistros. Porém, sabiam que seria impossível convencer Jarbas a voltar, da mesma forma que também tinham noção que nunca fora um bom negócio irritá-lo. Naquele momento em especial, Jarbas ostentava um olhar que denotava algo de insano, fazendo com que seus amigos temessem-no na mesma proporção que temeriam qualquer outra coisa que encontrassem no interior do bosque que se estendia diante deles.

Tendo o cuidado de manter certa distância, o trio seguia o mendigo com relativa facilidade, pois a lua cheia já despontava no céu límpido de verão, iluminando a paisagem de forma pálida e suave. Por sua vez, João Preguiça andava com decisão, deixando claro que tinha um destino específico. Ele atravessou rapidamente o pequeno bosque e se dirigiu para a parte antiga da cidade. Com cautela, evitava caminhar nas ruas e nas calçadas, optando por rotas alternativas em meio a terrenos baldios e becos escuros no interior dos quarteirões.

– Aposto que sei aonde vamos parar! – confidenciou Jarbas aos companheiros – Ele deve ir para a fábrica abandonada dos Bergson!

Depois de mais alguns minutos empenhados na sombria perseguição, a intuição do garoto se revelou correta. João Preguiça adentrou no prédio decadente e imundo da fábrica abandonada e desapareceu em seu interior. Jarbas olhou para os seus companheiros de aventura e, ao constatar que eles estavam pálidos e com os olhos cheios de lágrimas, logo entendeu que nem os espancando conseguiria convencê-los a entrar no prédio. Pediu então para que eles o ajudassem a espiar para dentro da construção através de uma janela lateral. Betinho segurou Jarbas pelas pernas e o ergueu até o parapeito da alta abertura. Martelo, que era maior do que os amigos, conseguiu agarrar-se nas grades e impulsionar o próprio corpo para cima do parapeito. Assim, puderam vislumbrar com perplexidade, a bizarra cena onde João Preguiça completamente nu, prendia o próprio corpo à parede, utilizando as correntes e as presilhas de ferro que trouxera do casebre.

– Veja! Há uma telha quebrada no teto! – disse Jarbas para Martelo – Se conseguirmos subir até lá poderemos ver tudo muito melhor!

– Podemos subir pela escada da caixa d’água! – disse Betinho.

Rapidamente, os três garotos agarraram-se na estreita escada de ferro que estava fixada na torre de alvenaria que sustentava a caixa d’água e subiram sem maiores dificuldades. No topo da escada, bastou transporem um vão de meio metro que separava a torre da lateral do prédio, e então já estavam no telhado. Na medida em que se aproximavam do buraco que lhes permitiria vislumbrar o interior da construção, o trio passou a ouvir perturbadores urros e rosnados vindos lá de

dentro. Apavorado, Martelo parou no meio do caminho, enquanto Jarbas se dirigiu com grande interesse para a borda da abertura, seguido por Betinho.

Quando olharam para baixo, os meninos viram que aquilo que se encontrava poucos metros abaixo deles não era mais o mendigo João Preguiça, mas sim um monstro coberto por uma espessa camada de longos pelos cinzentos, portador de uma bocarra enorme e repleta de presas afiadas, além de olhos avermelhados e reluzentes.

– É um lobisomem! – disse Betinho, com um rouco fiapo de voz, através do qual tentava disfarçar o pavor que o dominava – Como aquele do filme *Um lobisomem americano em Londres*!

– Parece mais com um daqueles do filme *Grito de Horror*! – exclamou Jarbas, em um tom que denotava grande admiração ao invés de medo – Veja! Ele se apoia apenas nas patas traseiras.

Imediatamente, a sensível audição do monstro captou as vozes dos garotos, de tal forma que ele passou então a rosnar e agitar as correntes com mais vigor, tentando saltar na direção do buraco no teto através do qual ele via duas presas em potencial.

– Vamos embora, Jarbas! – gritava Betinho, rendendo-se ao pânico – Vamos embora antes que ele quebre aquelas correntes e venha nos pegar!

– Eu quero vê-lo se alimentar. – disse Jarbas, de forma impassível.

– O quê?! – exclamou o incrédulo Betinho, em meio ao choro copioso.

– Eu quero vê-lo se alimentar. – repetiu Jarbas, se aproximando do companheiro.

Betinho estremeceu com um calafrio ao vislumbrar o olhar demente de Jarbas. Ele entendeu o que iria acontecer, mas não teve forças para reagir. Permaneceu agachado, chorando de forma aguda e estridente. Jarbas agarrou-o pela gola da camisa e, com um movimento vigoroso e decidido, empurrou-o para dentro do buraco.

Martelo, que até então assistia a tudo em estado de choque, paralisado pelo pavor, gritou desesperadamente ao ver o amigo se precipitar para dentro do prédio e acabou por sair correndo. Desceu a escada em poucos segundos e, tão logo seus pés tocaram o solo, partiu em disparada na direção de casa. Por sua vez, Jarbas nem fez menção de tentar impedi-lo, pois os urros que vinham de dentro do prédio acompanhados pelos gritos de dor e desespero de Betinho lhe pareciam muito mais atraentes.

Ao olhar através do buraco, Jarbas constatou com deleitosa satisfação que mesmo acorrentado o monstro não teve dificuldades para mutilar e eviscerar o corpo do menino, que agora jazia sem vida nos braços da criatura que o devorava. Quando percebeu que estava sendo observado, o lobisomem ergueu a cabeça e

encarou Jarbas com olhos demoníacos que ao mesmo tempo deixavam transparecer voracidade, ódio e força, muita força. Aquele olhar tocou a mente e a alma do garoto de tal forma que, ali, naquele exato instante, sua vida mudou para sempre. Algo aconteceu em seu interior e o fez ter certeza de quem queria ser a partir de então. Ou melhor, o fez ter certeza *do que* queria ser.

Se dependesse apenas de sua vontade, Jarbas passaria a noite inteira no esburacado telhado da fábrica abandonada, contemplando aquela fantástica criatura. Mas, para sua infelicidade, ia precisar correr bastante se quisesse alcançar Martelo antes que ele chegasse em casa. Não poderia permitir que aquele menino babaca abrisse sua boca grande e estragasse o maravilhoso plano que ele acabara de conceber. Olhou uma vez mais para o lobisomem, que então roía com avidez o fêmur dilacerado de Betinho.

– Eu voltarei, meu amigo... – disse Jarbas, com um sorriso maléfico nos lábios – Logo nos veremos de novo.

Prólogo

Martelo já estava quase chegando em casa. Corria tanto e tão desesperadamente que em alguns momentos sua mente perturbada lhe dava a impressão de que seus pés nem estavam tocando o chão. Ele não tinha a menor ideia do que faria ao adentrar pela porta da frente. Sabia apenas que necessitava urgentemente da segurança do lar e da proteção dos pais. De preferência, que eles tivessem alguma forma mágica de fazê-lo esquecer para sempre a cena de horror que acabara de presenciar no telhado da fábrica abandonada dos Bergson. E principalmente: que eles o mantivessem longe, bem longe de Jarbas.

Por estar com esse pensamento tão fixo em sua mente, o susto que levou ao sentir uma mão agarrando-o pelo braço ao passar ao lado do plátano que havia no pátio de sua casa foi ainda mais impactante. Desequilibrado pelo puxão, Martelo caiu no gramado e no instante seguinte sentiu um aperto vigoroso na garganta. Seu coração quase parou quando vislumbrou diante de si a face suada e enrubescida de Jarbas.

– Escute aqui seu bosta: conte para alguém o que aconteceu hoje e eu te mato, está entendendo?! – disse Jarbas, de forma tão ofegante quanto ameaçadora – Eu mato você, seu papai e sua mamãezinha, ok?! Juro que se você abrir essa sua boca grande eu entrarei na sua casa de noite e cortarei a garganta de todos vocês enquanto dormem!

Em meio às lágrimas, Martelo acenou com a cabeça, consentindo. Faria qualquer coisa para se livrar da presença do colega de escola, que naquele momento lhe parecia até mais amedrontador do que o monstro que estava acorrentado no interior da fábrica abandonada.

– E nunca mais corra desse jeito! Quase cuspi os bofes para poder alcançá-lo! – concluiu Jarbas, finalmente soltando o pescoço de Martelo e seguindo na direção da rua.

A arma

Tão logo chegou em casa, Jarbas pegou em sua carteira um papel onde havia anotado um número, desceu até a sala, tirou o telefone do gancho e discou. Depois de vários segundos que pareceram intermináveis ao ansioso menino, uma voz disse *alô* de forma um tanto ébria do outro lado da linha.

– Cássio? Aqui quem fala é o Jarbas.

– Seu moleque punheteiro! Já disse que não tenho mais nenhuma revista de sacanagem para lhe vender!

– Hoje estou precisando de outras coisas. Só queria saber se você estava em casa. Já estou indo até aí.

– Agora?! Nada disso! Estou bebendo umas geladas com uma gatinha aqui!

– Chego em dez minutos – disse Jarbas, desligando o telefone.

Apressadamente, o garoto subiu até o quarto da mãe. Abriu uma gaveta específica, pegou um envelope e retirou todo o dinheiro de seu interior. Logo entendeu que não seria suficiente. Abriu então um pequeno estojo em forma de coração que havia sobre a cômoda e despejou nos bolsos as joias que estavam guardadas ali. Ele sabia que o dinheiro correspondia às escassas economias que a mãe mantinha para alguma eventual emergência, da mesma forma que sabia também que aquelas joias eram herança de família, que ela guardava com muito carinho. Não era preciso ser muito esperto para saber que ela ficaria furiosa quando desse pela ausência disso tudo, mas naquele momento a imagem melancólica da mãe alcoólatra era fraca demais para inibir o plano grandioso que Jarbas tinha em mente.

O garoto saiu de casa tão empolgado que sequer lembrou-se de trancar a porta. Em poucos minutos, percorreu a distância que o separava da residência de Cássio. Na verdade, um casebre sujo e malcheiroso. Bateu na porta repetidamente de forma apressada e impaciente, até que um rapaz de vinte e poucos anos apareceu para atendê-lo, suado e sem camisa.

– Que merda, moleque! Eu não disse que...

– Cale a boca e escute! – exclamou Jarbas, tirando dos bolsos as joias da mãe

– Eu preciso que você me arrume um revólver e uma bala de prata. Não me pergunte o porquê. Apenas pegue essas joias e dê um jeito. O que sobrar é seu.

– Caramba! – gritou Cássio – Eu sempre achei que você não batia bem das ideias, mas não pensei que fosse tão louco assim!

– Está vendo essa grana? – perguntou Jarbas, retirando o maço de notas de dentro da camisa – Será sua também depois que me entregar a encomenda.

Cássio observou atentamente o garoto, o dinheiro e as joias que ele trazia. Era inegável que se tratava de uma bela soma.

– Eu teria que ir até a cidade vizinha para providenciar essas coisas. É impossível conseguir algo assim por aqui. – disse o rapaz, de forma hesitante.

– Vire-se! – exclamou Jarbas – Me entregue a arma e a bala de prata amanhã à noite e poderá ficar com as joias e a grana.

– Você anda muito abusado, seu nanico! – retrucou Cássio – E se eu não quiser me envolver nesse seu negócio maluco, hein?!

– Então talvez a polícia receba uma ligação anônima e decida visitar sua casa amanhã. – disse o menino, em um tom tão ameaçador que fez com que o rapaz

engolisse em seco – Aposto que eles encontrariam muitas coisas interessantes aqui, não é mesmo?

Sem disfarçar a irritação e a contrariedade, Cássio pegou as joias das mãos de Jarbas.

– Me encontre amanhã ao anoitecer atrás da oficina do Negão. E acho bom que você apareça com essa grana no bolso. – disse o rapaz, batendo a porta na cara do impertinente visitante.

Exultante e empolgado, o garoto tomou o rumo da rua. Precisaria ir até sua casa para pegar água e algo para comer. Em seguida, necessitaria também encontrar um lugar para se esconder. Ele sabia que a mãe só voltaria ao amanhecer, mas seria perigoso permanecer em casa. Afinal, não havia nenhuma garantia de que Martelo iria realmente se manter calado e seria só uma questão de tempo até os pais de Betinho estranharem sua demora e partirem à sua procura.

Com o máximo de rapidez possível, Jarbas chegou em casa, aprontou alguns sanduíches, pegou a garrafa de Coca-Cola que estava na geladeira, colocou tudo em uma sacola de pano e partiu. Decidiu que iria permanecer escondido no terreno que ficava dentro dos muros da escola, pois lá nunca existira vigilância alguma e como estavam no meio do período de férias, era muito pouco provável que alguém aparecesse.

Ao chegar à escola, o garoto encontrou-a com os portões do pátio trancados. Porém, sem titubear contornou o muro que margeava a parte da frente do prédio e entrou através de um buraco na cerca da quadra de esportes, que os meninos usavam habitualmente para ir buscar as bolas que eram chutadas para a rua pelos jogadores mais inábeis. Do lado de dentro do pátio a escuridão era opressiva, mas Jarbas conhecia muito bem o local. Caminhou até a extremidade do terreno e abrigou-se em um pequeno espaço entre a arquibancada e o muro lateral. Ali estaria suficientemente escondido, pois era impossível que alguém o visse do lado de fora, e mesmo que algum enxerido adentrasse na quadra de esportes, ele ainda teria a opção de se ocultar mais, entrando debaixo da arquibancada.

A excitação que dominava o garoto era tanta que ele sequer cogitava tentar dormir. Preferia revisar o seu plano e sonhar acordado com a infinita gama de possibilidades que a sua vida passaria a ter caso tudo desse certo. Basicamente, o que ele precisava fazer era ter o cuidado para não ser descoberto até o entardecer do dia seguinte. Quando chegasse em casa do trabalho, sua mãe daria pela falta dele e dos amigos e ligaria para todo mundo procurando-os. Logo os pais de Betinho tomariam conhecimento do sumiço do filho e mobilizariam meia cidade na busca. Era certo que Martelo seria interrogado, mas, independentemente do que ele contasse, as pessoas ganhariam as ruas à procura dos dois meninos desaparecidos. Ao anoitecer, Jarbas pegaria a arma e a bala de prata com Cássio. Depois,

procuraria o João Preguiça, o mataria e beberia seu sangue. Pronto. A partir de então ele se transformaria em uma criatura poderosa e destruidora e poderia se vingar de todos aqueles que o magoavam e aborreciam. Vingar-se-ia do grupinho de valentões da escola que adoravam caçoar da sua baixa estatura e *presenteá-lo* com cascudos e safanões; da professora de matemática que insistia em aplicar provas difíceis e irritantes; do Martelo por ser cagão e dedo duro e, principalmente, acertaria as contas com a pessoa que ele mais odiava no mundo: seu pai. Aquele safado iria pagar caro, muito caro por ter abandonado a esposa e o filho em uma atitude egoísta e inconsequente que transformou a vida deles em um permanente festival de lamúrias e melancolia.

Jarbas permaneceu imerso nessas reflexões sombrias até que os primeiros clarões do dia se fizeram presentes no horizonte. Ironicamente, foi apenas nesse momento que a exaustão conseguiu apossar-se de seu corpo e fazê-lo adormecer. Deitado na grama, debaixo da arquibancada, seu sono foi povoado por pesadelos em que eram recorrentes as imagens de um lobo gigantesco que se movia sobre as patas traseiras e espreitava-o através das sombras, bem como visões fantasmagóricas do cadáver de Betinho que, desprovido de suas pernas que haviam sido devoradas, arrastava-se pelo chão com o auxílio dos braços, chorando e chamando pela mãe enquanto deixava detrás de si um bizarro rastro de sangue e tripas.

Já passava da metade da tarde quando a freada brusca de um carro na esquina diante da escola despertou o garoto de seu sono pesado e conturbado. Jarbas olhou sobressaltado para o relógio em seu pulso e, surpreso com o adiantado da hora, saiu rapidamente debaixo da arquibancada, levando consigo apenas a sacola e deixando para trás o refrigerante e os sanduíches.

Com cautela, o garoto saiu às ruas e de cara notou uma agitação fora do normal para um dia comum. Havia percorrido menos de duas quadras e já tinha visto duas viaturas da polícia transitando. Não se lembrava de outra circunstância em que tivesse presenciado algo assim. Era evidente que a população da cidadezinha já estava a par do seu desaparecimento, e possivelmente de algo mais. Esgueirando-se por trás de muros e árvores, Jarbas se dirigiu à oficina do Negão, tendo o cuidado de evitar as ruas centrais e mais movimentadas.

Ao chegar ao local do encontro combinado na noite anterior, o garoto ficou exultante ao ver que Cássio já estava lá, fumando e rindo descontraidamente em companhia de Negão e outro empregado da oficina. Quando se deu conta da presença de Jarbas, que se aproximava discretamente, o rapaz fez-lhe um aceno com a cabeça, indicando os fundos da oficina. Em seguida, pegou um embrulho do interior de seu Chevette e se dirigiu para lá.

– O que você anda aprontando, nanico?! – perguntou Cássio, em tom zombeteiro – O Negão me disse que o assunto que está agitando a cidade hoje é o desaparecimento de dois meninos. E adivinhe quem são os desaparecidos?! Você e o tal Roberto, aquele Mané que anda sempre contigo.

– Isso não é da sua conta! – retrucou Jarbas, com rispidez – Cadê a minha encomenda?

– Primeiro me diga: trouxe a minha grana?

– Sim. Está aqui. – disse Jarbas, entregando o maço de notas ao rapaz.

– Não sei não, moleque... Acho que essa grana não vai chegar para pagar o meu *serviço*. Conseguir a arma e a tal bala de prata foi mais difícil e custou mais caro do que eu previa. Você sabe que tudo isso é ilegal, né, otário?! Comprei o revólver de um traficante.

– Não seja mentiroso, seu descarado! As joias que lhe dei valem muito dinheiro! Daria para comprar não uma, mas várias armas, se fosse o caso.

– Negócios são negócios, pirralho! Ou você me arruma mais uns trocados ou não vai ganhar porra nenhuma, está entendendo?!

– Está bem! Está bem! Prometo que arrumo mais um dinheiro para a semana que vem.

Cássio atirou o pacote na direção do garoto e continuou contando as notas de forma desleixada. Jarbas desembulhou a arma com toda a pressa do mundo, retirou a bala de prata do tambor e contemplou-a, maravilhado.

– O cara que fabricou a bala disse que nunca tinha feito uma loucura dessas antes... Ele não deu garantias de que vá realmente funcionar.

– Pode deixar que isso eu descubro. – disse Jarbas, guardando a arma na sacola que trouxera consigo.

– Veja lá o que vai fazer, nanico! Se aprontar alguma merda e envolver o meu nome eu juro que arranco o teu couro!

Jarbas nem se deu ao trabalho de responder. Virou as costas e foi se afastando.

– E nem pense em me enrolar! Semana que vem quero o resto do meu pagamento! – gritou Cássio antes de acender um cigarro e voltar para a parte da frente da oficina.

– Com certeza vou lhe pagar... Mas será de uma forma que você nem imagina. – murmurou Jarbas ao chegar à rua.

O encontro

As sombras da recém chegada noite ajudavam Jarbas a ocultar-se na escuridão quando ele se aproximou da fábrica abandonada dos Bergson. Com

grande apreensão, viu uma viatura da polícia estacionada diante do prédio decadente. *Maldito seja, Martelo! Certamente falou mais do que devia!* – pensou o garoto. E agora? Será que haviam encontrado os restos do corpo de Betinho? E João Preguiça? Teria sido preso? Haveria fugido da cidade? Ou ainda não tinha sido relacionado com o resto da história?

Preocupadíssimo, Jarbas tomou o rumo do barracão que servia de dormitório ao mendigo, nos fundos da casa do falecido dentista. No caminho precisou esconder-se duas vezes. Primeiro para não ser visto pelo pai de Betinho, que passou de carro lentamente, atento a qualquer possível movimentação nas calçadas. Pouco depois foi a vez de ocultar-se da sua própria mãe, que surgiu caminhando apressadamente do outro lado da rua. Por uma fração de segundos, o garoto chegou a ter pena do aspecto visivelmente transtornado que ela ostentava, com os cabelos desgrehados, roupas amarrotadas e olhos vermelhos e lacrimejantes. Porém, isso não poderia ser empecilho para o seu grandioso plano.

Quando chegou ao barracão de João Preguiça, Jarbas quase entrou em desespero ao constatar que ele estava completamente deserto. Levou as mãos à cabeça, atônito, e já estava prestes a tomar o rumo da rua novamente, quando teve a impressão de ver um vulto movendo-se no fundo do bosque que havia na extremidade daquela propriedade. Seguiu para lá com grande ansiedade e quase gritou de satisfação ao reconhecer o mendigo, que rumava cada vez mais para dentro da mata, levando consigo as já conhecidas correntes e presilhas de ferro.

João Preguiça não notou a presença do garoto, pois estava entretido balançando algumas das árvores que encontrava pelo caminho, como se quisesse verificar a resistência de cada uma delas. Jarbas logo percebeu que o mendigo estava procurando um lugar alternativo para se acorrentar antes que ocorresse a metamorfose. Pela pressa com que fazia isso, dava a entender que seria logo.

A atenção do garoto foi desviada no momento em que pisou em algo que despertou sua curiosidade. Havia uma parte do terreno onde a terra estava fofa e revolvida, deixando perceptível que algo tinha sido enterrado ali. Naquele instante, Jarbas poderia apostar que eram os restos do cadáver de Betinho que estavam sepultados debaixo de seus pés e ficou satisfeito ao deduzir que o mendigo havia tomado as suas precauções para não ser descoberto. Com um sorriso nos lábios, sacou a arma da sacola e procurou se aproximar silenciosamente de João Preguiça, que naquele momento parecia já ter escolhido a árvore na qual iria se acorrentar. Foi então que lhe veio à mente as palavras de Cássio. E se realmente a bala de prata não funcionasse? De qualquer forma, isso era algo que ele só iria descobrir depois que apertasse o gatilho.

Subitamente, Jarbas teve suas reflexões interrompidas ao ouvir o barulho de algo que se aproximava rapidamente às suas costas. Virou-se estabranadamente e,

nesse exato momento, recebeu um golpe na cabeça que o fez cair ao chão. Na queda o revólver escapuliu de suas mãos, e surpreso, o garoto viu diante de si o pai de Betinho, com expressão transtornada.

– Seu pivete desgraçado! Eu quero saber a verdade! Onde está o meu filho?!

Jarbas não se preocupou em responder. Apreensivo, olhou para os lados à procura da arma e avistou-a a cerca de dois metros à sua esquerda. Nesse mesmo momento, viu também as correntes de João Preguiça largadas no chão, mas não havia nem sinal do mendigo. Ainda estava tentando decidir o que fazer, quando um urro pavoroso irrompeu de dentro da mata.

Espantado, o pai de Betinho permaneceu imóvel, tentando avistar por entre as árvores o responsável pela emissão daquele som tenebroso. Contudo, sua expectativa estava destinada a se manter apenas por um breve instante. Com uma agilidade espantosa, o lobisomem surgiu de dentro da mata e saltou sobre o homem embasbacado. A vítima mal teve tempo de gritar antes que as garras poderosas do monstro se fechassem em torno de sua garganta. Jarbas, que assistia a tudo estupefato, sentiu um sinistro calafrio fustigar seu corpo no instante em que ouviu o som perturbador do pescoço do homem sendo quebrado.

Apavorado, o garoto tentou correr o mais rapidamente possível na direção do revólver, mas, quando sentiu a dor lancinante das garras do monstro rasgando suas costas, logo entendeu que jamais conseguiria ser veloz o suficiente. Em seguida, uma patada violentíssima atingiu seu rosto, fazendo-o ficar no limiar da perda da consciência. Sentiu o gosto de sangue em sua boca e a sua visão ficou turva, fazendo-o enxergar a tudo em tons borrados de preto e vermelho.

Enquanto sentia sua carne ser dilacerada pelas presas e garras afiadas da besta, Jarbas reunia todas as suas forças no intuito de manter-se consciente, o que, em última instância, significava manter-se vivo. Em meio a esse esforço, ele teve a impressão de ver sob a luz difusa da lua cheia a imagem de um rosto familiar. Seria impossível para ele, na situação em que se encontrava, discernir com clareza se estava apenas delirando em agonia ou se realmente havia mais alguém ali. Mas ele via. Sim, ele via a imagem de sua mãe segurando nas mãos a arma que ele em vão tentara apanhar alguns instantes antes. A dúvida acerca da veracidade ou não daquela cena insólita só se desfez no momento em que um rápido lampejo iluminou a paisagem e um estrondo se fez ouvir acompanhado de um urro de dor emitido pela criatura que o tinha nos braços.

Jarbas foi largado ao chão desleixadamente, e o monstro desabou ao seu lado. Porém, aquilo só permaneceu sendo um monstro por mais um instante, pois em seguida seu corpo passou a reassumir rapidamente a forma do mendigo João Preguiça. Estava morto.

Funcionou... A bala de prata funcionou – pensou Jarbas, instantes antes de os borrões vermelhos e pretos aumentarem de tamanho e taparem sua visão por completo.

Dezembro de 1984 – Só as mães são felizes

Quando Jarbas abriu os olhos pela primeira vez naquele início de noite, notou de imediato que algo havia mudado para sempre, não apenas em seu corpo, mas também em sua alma. Contrariando o que poderia supor a visão da enorme quantidade de curativos e ataduras que havia espalhado pelo seu corpo, ele não sentia dor alguma. Era justamente o contrário: ele sentia-se forte, tão forte que parecia mesmo inconcebível considerar que essa energia poderosa que pulsava em seu interior pudesse permanecer aprisionada no corpo de um garoto de treze anos, baixinho e magricela.

Impulsivamente, Jarbas saltou da cama onde estava deitado e começou a arrancar de forma apressada e desajeitada todas as ataduras e curativos que cobriam seus supostos ferimentos. Poucos instantes depois, seus olhos maravilhados vislumbravam as lacerações que havia nos seus braços e peito. Todas as lesões estavam completamente cicatrizadas. Em um ímpeto, o garoto correu na direção da janela e contemplou a sutil luminosidade que começava despontar por detrás das árvores, anunciando a iminente chegada da lua cheia. Foi apenas nesse instante que Jarbas notou que estava em um quarto de uma residência que lhe era completamente desconhecida. Contudo, isso de forma alguma o preocupava.

– Deu certo! Deu certo! – gritava o garoto empolgadamente, enquanto retirava de forma impaciente as últimas ataduras que envolviam sua cabeça.

Quando a mãe de Jarbas adentrou no quarto de forma apressada, a primeira coisa que vislumbrou foi o rosto do filho, que além de um olhar doentio e perturbador ostentava também quatro enormes cicatrizes na forma de cortes paralelos e verticais, que se estendiam desde a testa até a extremidade da mandíbula. O choque foi inevitável.

– Oh, meu menino... Que bom que você já acordou! Que bom que você está melhorando! Não se preocupe com as cicatrizes... A mamãe conhece um ótimo cirurgião plástico em Porto Alegre... Ele pode nos ajudar, com certeza! O que importa é que você está bem! Nós estamos na casa de campo do pai da Marizete, minha colega de trabalho... Aqui ninguém vai nos encontrar. Eu queria ter levado você ao hospital, mas não podia, pois certamente a polícia nos procuraria lá... E na nossa casa também! Oh, Jarbas, eu fiquei tão preocupada! Você estava tão ferido! E aquela coisa... João Preguiça... O mendigo... Eu queria...

A mulher se calou por um instante e começou a soluçar, transtornada. Pela forma frenética com que ela falara, Jarbas logo notou o misto de embriaguez e profunda perturbação que a afligia. Ele queria lhe dizer algo reconfortante, mas

nada vinha à sua mente naquele momento. O único pensamento que o habitava era a certeza de que a lua cheia iria raiar dentro de poucos instantes e então ele estaria livre daquela vida miserável de mágoas, aborrecimentos, humilhações e frustrações. Só então, em um lampejo de lucidez, lhe ocorreu que a mãe estava em perigo ao permanecer ali.

Jarbas deu alguns passos em sua direção, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, a mulher o abraçou e recomeçou seu discurso histérico e perturbado, que girava em torno de algo como ir embora e recomeçar a vida em outro lugar. O garoto afastou-se, com a intenção de obrigá-la a fugir, mas percebeu, consternado, que não havia mais tempo. Uma sensação ímpar o invadiu de forma avassaladora. Jamais ele poderia descrever o que sentiu naquele momento, da mesma forma que é impossível para qualquer recém-nascido relatar o próprio parto. Era a consumação da natividade licantrópica. O fim de uma vida humana e insignificante perante os mistérios obscuros da existência que dava lugar ao nascimento de um ser poderoso e voraz, que a partir de então atravessaria as décadas manchando as noites de lua cheia com o sangue de vítimas inocentes, disseminando o ódio e o medo por onde quer que se aventurasse.

Perplexa, a mãe presenciava a metamorfose que convertia seu filho em um monstro enorme e horrendo. Jarbas sentia sua coluna vertebral e seus membros se distendendo, conferindo-lhe uma estatura quase três vezes maior do que o seu tamanho natural. Presas pontiagudas cresciam em sua boca ao mesmo tempo em que seus dedos se convertiam em garras afiadas e o seu corpo se recobria inteiramente com uma pelagem densa e escura que emergia através de seus poros. Junto com as mudanças físicas, crescia também em seu interior uma sensação complexa, delimitada entre os extremos de uma energia intensa que clamava por ser liberta e extravasada e uma voracidade tão avassaladora que ia além de qualquer limite pressupostamente saciável. Era uma desesperadora ânsia por destruir, por aniquilar, por matar.

Graças aos resquícios de humanidade que permaneciam latentes em seu interior, Jarbas teve um momento de hesitação e relutou em ceder ao impulso hediondo que vibrava como uma corrente elétrica no interior do seu ser. Porém, essa hesitação – em que ponderava sobre poupar a vida da mãe – durou apenas alguns míseros segundos. Emitindo um urro tão potente que fez até as janelas do quarto vibrarem, o lobisomem se lançou sobre o frágil corpo da mulher, derrubando-a ao chão para em seguida rasgar sua garganta com uma mordida violenta e brutal.

O monstro estremeceu ao provar pela primeira vez a excitante sensação que o sangue humano – quente e adocicado – produzia ao ser ingerido. Suas aguçadas narinas captaram o cheiro inebriante de álcool que emanava do líquido rubro e

viscoso, e isso potencializou ainda mais o seu prazer. Exultante, a besta ergueu a cabeça e uivou longamente, como se quisesse anunciar ao mundo que, a partir de então, as noites de lua cheia lhe pertenciam.

Abril de 1985 – Pro dia nascer feliz

Martelo estava bastante apreensivo naquela noite. Durante a tarde ele vira na TV o comercial do filme *Rambo – Programado Para Matar*, que seria exibido depois da novela das oito. Empolgado com a informação, ele passou o dia na expectativa de assistir essa produção que alguns garotos mais velhos já tinham lhe dito ser ótima. Contudo, a noite chegou e com ela a inquietante possibilidade de que seu pai – que andava ranzinza nos últimos tempos – não o deixasse ficar acordado até tão tarde. Inquieto, ele dirigiu-se ao seu quarto, disposto a ouvir algumas músicas no novo toca-discos que havia ganhado no natal e esperar até o fim da novela. Com sorte, o pai estaria de bom humor e acataria o pedido para deixá-lo assistir ao filme.

O garoto revirou afoitamente a pilha de discos que havia ao lado de sua cama e escolheu um LP do *Barão Vermelho*. A agulha do aparelho desceu sobre o vinil e logo a voz inconfundível de Cazuza invadiu o ambiente. Na verdade, Martelo nem gostava tanto assim do grupo carioca. Preferia o som empolgante e enérgico de bandas como *Kiss*, *Black Sabbath*, *Judas Priest* e *Iron Maiden*, mas naquele momento ele sequer cogitava colocar um disco de alguma dessas bandas para rodar. Já fazia um certo tempo que ele não os tirava das embalagens e preferia que continuassem assim. O motivo era simples: esses eram os álbuns que ele ouvia o tempo todo quando estava em companhia de Betinho e Jarbas e tudo que pudesse ser feito para evitar a lembrança dos dois antigos colegas de escola deveria ser tratado com empenho e seriedade. Contudo, certas coisas são inevitáveis.

Bastou olhar através da janela e vislumbrar a enorme lua cheia que brilhava no céu em meio às nuvens esparsas para que Martelo relembresse todos os fatídicos acontecimentos daquela noite, no final do último mês de dezembro. Seu corpo era estremecido por calafrios e seus olhos se enchiam de lágrimas quando aquelas terríveis lembranças lhe vinham à mente. O que lhe consolava era o fato de que já havia se passado mais de três meses e Jarbas continuava desaparecido. Martelo tinha a convicção de que, se um dia o antigo colega reaparecesse, iria tentar explicar tudo. Talvez assim ele não ficasse tão furioso. Diria que seus pais, assim como os pais de Betinho e o delegado de polícia, o pressionaram muito e ele foi obrigado a contar o que fizeram naquela noite, sob a ameaça de ser mandado para um reformatório. Mas ele não havia contado tudo. Disse que Betinho caiu do telhado e não que Jarbas o empurrou. Também omitiu a parte em que João

Preguiça se transformou em lobisomem, pois era certo que se dissesse isso iria ser mandado direto para um hospício ao invés de um reformatório.

Contudo, a polícia não encontrou Betinho e nem João Preguiça. Para complicar ainda mais, o pai de Betinho também foi dado como desaparecido no dia seguinte, da mesma forma que Jarbas e sua mãe. A investigação prosseguia, mas nada de concreto havia sido encontrado e os policiais pareciam desorientados. Quanto a Martelo, ele obviamente não foi mandado ao reformatório e aos poucos tentava retomar o curso normal de sua vida. Tinha desistido de tentar entender tudo o que, de fato, havia acontecido. Se nem os investigadores conseguiam descobrir a verdade, não seria a sua mente pré-adolescente que iria solucionar o quebra-cabeça. O que permanecia eram os pesadelos, que agitavam suas noites reproduzindo imagens e sons aterradores remanescentes daquela noite pavorosa, bem como o medo sutil de acordar no meio da madrugada e dar de cara com Jarbas empunhando uma faca ensanguentada e dizendo: *Eu avisei que se você abrisse essa boca grande eu cortaria as gargantas dos seus pais e a sua também!* Isso era algo realmente horripilante, mas, enquanto a lua cheia estivesse brilhando no céu, sempre existiria a cruel possibilidade de a realidade se revelar ainda mais aterradora do que os piores pesadelos e os medos mais íntimos.

Com o aparelho de som estando em um volume moderado, Martelo conseguiu ouvir com perfeição o apavorante grito de terror que ecoou no primeiro andar da casa. Não havia dúvidas de que era a voz de sua mãe. Com um sobressalto, o garoto se precipitou através da porta do quarto. Quando chegou à borda da escadaria que levava ao andar inferior, ele ainda teve tempo de ver as pernas da mãe desaparecendo através do pequeno corredor que levava até a cozinha. Alguém ou alguma coisa, estava arrastando-a, deixando para trás um enorme rastro de sangue. Chocado com a impactante visão, Martelo sentiu o medo tentando dominá-lo e cogitou fugir para a rua através da porta da frente. Contudo, logo a preocupação com a mãe falou mais alto e ele desceu as escadas.

A macabra trilha de sangue, que se iniciava na sala e seguia pelo corredor lateral, passava também pela cozinha e, através da porta dos fundos, tomava a direção do quintal. Desesperado, Martelo correu até o pátio e viu que o trilho rubro adentrava na garagem, que se encontrava com a porta aberta. Instintivamente, o garoto olhou para a sua direita e viu a intrigante imagem do pai, pálido e imóvel feito uma estátua, segurando um saco de lixo em cada mão. O homem estava ensopado de suor e seus olhos vidrados denunciavam o terror que invadia sua mente.

– Pai! Pai! O que aconteceu com a mãe?! Quem foi que a pegou?! – exclamava Martelo, de forma alvoroçada.

– Eu não devia ter deixado a porta aberta... – balbuciou o homem, com voz trêmula.

Percebendo o transtorno e a imobilidade do pai, Martelo resolveu tomar suas providências. Voltou correndo para a cozinha, pegou na gaveta a maior faca que encontrou, saiu novamente para o pátio e colocou-a na mão do pai. Em seguida, empurrou-o até a entrada da garagem. Desorientado e apavorado, o homem esboçou uma leve resistência, mas logo depois pareceu ter aceitado a ideia de adentrar no recinto, que se encontrava imerso na mais completa escuridão. A única coisa que denunciava a presença de *algo* em seu interior eram os inquietantes ruídos que de lá provinham. Barulhos que fizeram com que viesse à mente de Martelo a imagem de galhos de árvores sendo quebrados. Galhos, ou... ossos!

Desesperado, o garoto correu novamente para o interior da casa, com o intuito de ligar para a polícia, mas tão logo chegou à porta da cozinha o seu coração quase parou no instante que ele ouviu o angustiante grito emitido pelo pai no interior da garagem. Martelo olhou para trás e teve a visão mais terrificante de sua vida.

Do interior escuro do recinto saiu um monstro enorme, coberto de pelos negros e com olhos vermelhos reluzentes. O garoto sentiu sua mente vacilar ao constatar que o lobisomem – que caminhava lentamente em sua direção apoiado apenas nas patas traseiras – segurava com uma das patas dianteiras o corpo mutilado e sem vida de seu pai. Como se estivesse ostentando um fantoche, a besta balançava desleixadamente o cadáver pelo tornozelo esquerdo, enquanto emitia grunhidos que, para os ouvidos de Martelo, soavam terrivelmente parecidos com risadas humanas.

Diante dos olhos estarecidos do garoto, o lobisomem agarrou a cabeça do cadáver e, com um único e vigoroso movimento, arrancou-a do corpo. Em pânico, Martelo gritou de forma estridente e fez menção de seguir para o interior da casa, no exato instante em que o monstro jogou a cabeça decepada do pai em sua direção. Mesmo resvalando no sangue que manchava o assoalho, o menino conseguiu chegar até a sala, enquanto ouvia detrás de si o estrondoso barulho da lateral da porta da cozinha se partindo no momento em que a besta forçava passagem para entrar.

Naquele momento de perturbação, ocorreu ao garoto que se ele conseguisse chegar ao seu quarto e se esconder no armário ou debaixo da cama, talvez ficasse a salvo. Subiu as escadas com a máxima rapidez possível, tentando não prestar atenção no angustiante som das pesadas passadas do monstro que o seguia de perto. Já era tarde demais quando ele concluiu que poderia ter sido mais frutífero sair pela porta da frente e correr para a rua.

Ironicamente, no exato instante em que Martelo abriu a porta de seu quarto os alto-falantes do aparelho de som entoavam o refrão da música *Pro dia nascer feliz*.

A única coisa que ele teve tempo de fazer antes que as afiadas garras do lobisomem se fechassem em torno do seu pescoço foi olhar através da janela e ver as luzes acesas na casa vizinha da esquerda. A distância não era tão grande. Seria mesmo possível que ninguém lá tivesse ouvido barulho algum? *Vizinhos estúpidos! Só aparecem aqui quando não se precisa deles!* – pensou o garoto, enquanto o monstro suspendia-o no ar emitindo aqueles terrificantes rosnados similares a risadas.

Em meio ao enorme esforço que fazia para manter-se respirando, Martelo encarou a face da besta e reconheceu algo de familiar em seu olhar demoníaco. *Jarbas! É Jarbas!* – concluiu ele, em seu último pensamento antes de o lobisomem transpassar seu abdômen com suas garras enormes e arrancar-lhe os intestinos com extrema brutalidade. O quarto então se tornou subitamente mais escuro e a voz de Cazuza calou-se para sempre.

Agosto de 1985 – Maior abandonado

João estava convencido de que iria se aborrecer ao chegar em casa naquela noite. O encontro com a amante fora mais caloroso e prolongado do que de costume e ele sabia que a esposa iria fazer um monte de perguntas sobre o seu atraso. É claro que o trânsito engarrafado do final de tarde ou uma reunião de última hora poderiam servir de desculpas, mas não havia a certeza de que elas seriam suficientemente convincentes. Ele estava tentando bolar um argumento mais elaborado quando estacionou o carro diante da entrada da sua propriedade e desceu para abrir o portão. Foi nesse instante que um vulto surgiu das sombras contíguas ao muro.

Espantado, João recuou com medo de que fosse algum assaltante, mas de imediato uma parcela de alívio se manifestou em seu íntimo ao perceber que se tratava de um menino. Provavelmente iria apenas pedir alguns trocados e partiria. Porém, na medida em que o garoto se aproximava, suas convicções pareciam não fazer mais muito sentido. Chamou-lhe a atenção o aspecto sinistro do garoto, que estava ao mesmo tempo ensopado de suor e trêmulo, como se estivesse sendo acometido por algum tipo de espasmo. Sem falar nas horríveis cicatrizes que ele ostentava no rosto.

– Finalmente! – exclamou o menino, com uma voz que pareceu a João um tanto grave e áspera para alguém daquela idade – Se demorasse um pouco mais eu não conseguiria resistir.

Só então o homem reconheceu Jarbas. O seu filho Jarbas, que ele não via há cinco anos. Surpreso, João pensou em pedir o ao garoto o que havia acontecido com o seu rosto, como ele havia chegado até ali, e uma série de outras coisas, mas, quando ele abriu a boca, a frase lhe escapou foi outra.

– Jarbas! Por onde você andou?! E a sua mãe, onde está?! A polícia já me procurou umas três vezes nos últimos meses querendo saber se eu tinha notícias de vocês!

– Eu fiz uma longa viagem para encontrá-lo, pai... – disse o garoto, ignorando as perguntas de João – Há muito tempo que eu esperava por esse encontro.

Jarbas continuou avançando na direção de seu pai, mas não mais se esforçando para retardar a iminente transformação. Ele deixaria a besta aflorar, estraçalharia aquele homem que lhe despertava tanto ódio e depois invadiria a casa para ter um apetitoso encontro com a esposa e a filha dele, sua meia-irmã. Durante as várias horas em que permaneceu rondando a residência à espera de João, o garoto pode ver as duas mulheres perambulando pelo jardim, e a ideia de devorá-las surgiu-lhe como algo extremamente excitante, até mesmo irresistível. Sim, aquela seria uma noite de lua cheia muito agradável.

Desconcertado, João caiu sentado ao lado do portão, incapaz de fugir ou mesmo de gritar. A imagem do filho rejeitado se transformando em um monstro horrendo diante de seus próprios olhos era demais para sua mente suportar.

– Venha, papai... – disse Jarbas em tom cavernoso e gutural, com o último fio de voz que lhe restava antes da metamorfose se completar – Deixe eu lhe dar um abraço...

TEMPOS



DE LOBO

HISTÓRIA DE ACAMPAMENTO

Sexta-feira, 21h14min

Pouco mais de trinta estudantes com idades entre dez e quatorze anos estavam acomodados ao redor da fogueira. Três professores os acompanhavam.

– Essa é uma história pouco divulgada, pois ninguém quer causar pânico entre a população – disse Gustavo, o professor de Educação Física, em um tom sóbrio – Mas a verdade é que coisas muito estranhas já aconteceram nesta região.

– Nossa! Lá vem uma daquelas fajutas histórias de fantasmas! – interrompeu com deboche a professora de Inglês.

– Deixe ele contar, professora! – gritou uma das crianças.

– Sim, vou contar! – consentiu Gustavo – Não quero assustar ninguém, mas eu fiquei sabendo que, nos últimos tempos, pelo menos umas quatro pessoas desapareceram sem deixar vestígios no interior desta floresta. Por isso, garotos, nada de se embrenhar na mata sozinhos! Não sabemos o que ronda por aí na escuridão...

Diante de tal advertência, algumas crianças permaneciam sérias, mas a maior parte ria do tom teatral com o qual o professor proferira suas palavras. Vera, a professora de Geografia, tinha acabado de se levantar e preparava-se para dizer algo, quando um barulho vindo de dentro da floresta à direita do acampamento chamou a atenção de todos. Era o som de galhos e folhas sendo esmagados pelo que parecia ser pesadas passadas. Então um par de olhos vermelhos e intensamente brilhantes despontou na escuridão, acompanhado de um urro bestial e apavorante. No instante seguinte, o monstro estava no interior da clareira.

Com uma agilidade espantosa, a criatura agarrou Vera pelos cabelos, suspendeu-a no ar e arrancou seus intestinos com um único golpe, brutal e aterrador. Em pânico, a maior parte dos estudantes se dispersou, correndo para todos os lados, chorando e gritando desesperadamente. Os três ou quatro que ficaram chocados demais até mesmo para fugir, tiveram suas vidas rapidamente ceifadas pela voracidade sangrenta do monstro, que ainda teve tempo de agarrar a professora de Inglês e arrastá-la pelo chão com extrema violência, a ponto de arrancar-lhe as pernas.

Finda a primeira parte do massacre, o ser bestial ergueu o seu enorme fuço lupino para o alto e farejou. O cheiro convidativo de carne humana estava disseminado em todas as direções. Seria uma longa e apetitosa noite de caçada ao luar.

Sábado, 19h40min

A família Silva mal havia estacionado diante da sua casa de campo quando Plínio percebeu que havia algo errado.

– A janela lateral da garagem está aberta! – disse ele – Tenho certeza absoluta de que a fechei na semana passada.

– Meu Deus! Ladrões de novo?! – disse Sandra, a esposa.

– Esperem aqui! – ordenou Plínio, saindo do carro.

– Pai, não vá! – pediu Angélica, a filha adolescente do casal.

– Esperem aqui! – repetiu o patriarca.

Com cautela, Plínio se aproximou da janela e confirmou o arrombamento. Constatou que a porta da garagem também havia sido destrancada. Tentando ser o mais silencioso possível, pegou o machado na pilha de lenha ao lado e entrou na residência. Atravessou o curto corredor que ligava a garagem à cozinha e de imediato percebeu que havia alguém ali, mexendo na geladeira.

– Seu pilantra! Vou arrebentar sua cabeça! – gritou Plínio, segundos antes de constatar que o invasor era um menino de não mais do que doze anos de idade.

– Por favor, senhor! Não o machuque! – implorou o professor Gustavo, surgindo na porta do outro lado da cozinha – Eu posso explicar tudo!

– Quem são essas pessoas?! – indagou Sandra, que também chegava à cozinha.

– Decerto são vagabundos que pensam que podem invadir as casas alheias! – vociferou Plínio – Eu não mandei vocês esperarem no carro?! Onde está a Angélica?!

– Calma! Ela está lá fora! – respondeu a mulher.

– Gente... Nós não somos ladrões... – argumentou Gustavo – Eu sou professor do Colégio São Francisco e esse garoto é um dos alunos... Invadimos a casa porque estávamos desesperados procurando por ajuda, ou por um telefone...

– Não há telefone aqui. – disse Sandra.

– Eu percebi. – consentiu Gustavo.

– Conte melhor essa história! – disse Plínio, demonstrando então estar mais desconfiado do que propriamente enfurecido – Por que esse desespero?

– Bem... O fato é que estamos na “Semana do Meio Ambiente” e a direção da escola achou que seria pertinente realizarmos um acampamento comemorativo com certas turmas, para desenvolvermos algumas atividades educacionais voltadas para a preservação ambiental e essas coisas. – explicou Gustavo – Chegamos de manhã a algum ponto dessa mata que agora não sei mais onde fica, pois passamos a noite correndo no escuro e estou completamente perdido. As coisas começaram a ficar estranhas já durante a tarde, quando uma menina veio chorando até mim dizendo que um garoto tentou... *agarrá-la* na beira do riacho. Corri até lá e constatei que era um menino completamente desconhecido. Não era aluno da nossa

escola. Tentei abordá-lo, mas ele fugiu por entre as árvores e rapidamente desapareceu no interior da mata. Ele tinha um aspecto muito estranho, sabe? O seu rosto tinha cicatrizes e...

– Sim, mas e depois?! – interveio Plínio, com impaciência.

– Depois as coisas transcorreram dentro da normalidade, embora uma sensação desconfortável tenha me acompanhado durante o resto do dia. Às vezes eu tinha a impressão de estar sendo observado por alguém que se esgueirava por entre as árvores. Porém, foi de noite que tudo aconteceu. Estávamos todos ao redor da fogueira quando um monstro surgiu do nada e iniciou um massacre!

– Um monstro?! – indagou Plínio, com incredulidade.

– Um monstro?! – repetiu Sandra, em tom bem mais crédulo.

– Sim, um monstro! Uma coisa enorme, gigantesca, coberta de pelos negros e uma enorme cabeça de... de cachorro, ou algo assim! Por Deus! Se vocês vissem o que aquilo fez! A coisa pegava as pessoas e...

Gustavo calou-se e levou as mãos ao rosto. O menino, que ouvia a tudo em silêncio, começou a chorar discretamente. Plínio e Sandra se entreolharam, desconcertados.

– A questão é que só nos restou fugir... – recomeçou Gustavo, com voz embargada – Corremos a noite inteira através da escuridão da mata. Vez por outra ouvíamos os gritos e pedidos de socorro de outras crianças, mas nada poderíamos fazer contra aquela coisa. Depois que amanheceu continuamos a vagar sem rumo pela floresta e, depois de caminhar o dia inteiro, chegamos até aqui, onde não encontrei ninguém e decidi invadir a casa. É claro que bastaria seguirmos a estrada para chegarmos a algum outro lugar, mas já estava começando a anoitecer e ficamos com medo de encontrar o monstro pelo caminho. Sei que tudo é realmente muito estranho, mas de alguma forma acredito que aquele menino esquisito que encontrei na beira do riacho tem algo a ver com isso.

Ao fim do relato, Sandra aproximou-se de forma condescendente dizendo:

– Pois eu acho que...

– Mãe! Mãe! Veja quem apareceu lá fora! – interrompeu Angélica, adentrando na cozinha em companhia de outra pessoa.

A garota apontou o dedo para o lado, indicando a presença de um menino sujo e quase que completamente nu, exceção feita ao casaco de Angélica, que lhe pendia dos ombros.

– O nome dele é Jarbas. – complementou a moça – Ele me contou que ontem estava em um acampamento escolar na floresta e...

– Meu Deus! – exclamou Gustavo – É ele! É o menino do qual eu falava!

Com um sorriso perverso distorcendo-lhe as feições, Jarbas jogou o casaco no chão e deu um passo à frente. Nos instantes que se sucederam, seu corpo já não era

mais humano. Uma densa pelagem negra irrompeu de seus poros, seus ossos se distenderam, alterando enormemente sua estatura, garras afiadas destacaram-se em suas mãos e caninos pontiagudos emergiram da bocarra que ocupava a maior parte de sua horrenda cabeça lupina.

– É o monstro! É o monstro! – gritou o pequeno estudante, agora chorando de forma estridente.

Como se em resposta, as mulheres gritaram apavoradamente e no momento seguinte todos estavam fugindo para o interior da casa ou para o pátio. A exceção foi Plínio que, diante da aterradora visão, ficou tão pasmo a ponto de ter afetado seu discernimento em torno da gravidade da situação. Quando ele finalmente assimilou a ideia de que estava diante de uma besta monstruosa de mais de dois metros de altura, já era tarde. Com afobação ele tentou desferir um golpe com o machado, mas o monstro o interceptou com risível facilidade, agarrando seu braço armado e arrancando-o do corpo em um ato grotesco e perturbador. Antes mesmo que a vítima caísse ao chão, o lobisomem cravou suas garras poderosas no ombro dela, ergueu-a e despedaçou-lhe a garganta com uma mordida tão brutal que fez com que o sangue jorrasse de encontro às paredes e sobre a mobília branca da cozinha.

Com desinteresse, a fera largou o corpo de Plínio no assoalho e farejou o ar em busca dos fugitivos. Desta vez ela não deixaria suas presas irem tão longe.

Sábado, 11 de julho de 1998

– Parabéns, minha querida! Espero que goste do seu presente! – exclamou Ronaldo com o seu característico tom de voz possante, ao mesmo tempo em que entregava para a garota uma grande e pesada caixa retangular.

– Muito obrigada, pai! – respondeu Vitória, sorridente – Nossa! Que caixa enorme! O que será?!

A garota removeu rapidamente o papel ornamentado que envolvia a caixa e abriu-a. Seus olhos brilharam de satisfação e um enorme sorriso distendeu seus lábios. Contudo, Ana, a sua mãe – que até então assistia a cena em silêncio – teve uma reação exatamente oposta.

– Mas que maravilha, Ronaldo! – gritou a mulher, em um tom que era ao mesmo tempo irônico e raivoso – Sua filha acaba de completar quatorze anos e você dá para ela uma espingarda!

– É um rifle, Ana! – retrucou o homem – Um belo rifle calibre 22!

– Adorei, pai! Adorei! – vibrava Vitória.

– Era só o que faltava! – esbravejou Ana – Ronaldo, eu até entendo que você seja frustrado porque o seu pai não lhe deixou ser policial, aceito a sua mania por armas, permito que você vá para as suas adoradas caçadas... Mas não leve a nossa filha para esse caminho! Isso não é coisa de menina!

– Mas, mãe! Eu adoro caçar!

– Está vendo, Ana?! – rebateu Ronaldo – Ela adora caçar! Além disso, é ainda tão jovem e já atira melhor do que eu! Dá gosto de ver essa menina manejar uma arma! É um orgulho para mim!

– Mas é perigoso! E você sabe que eu não gosto!

– Mãe! Não seja estraga prazeres! Você sabe que eu atiro desde os dez anos e nunca teve problema nenhum! Ainda mais agora que eu tenho um rifle novinho só para mim!

– É mesmo, Ana! Não seja estraga prazeres! – reforçou Ronaldo.

– Vamos logo, pai! Eu já deixei as mochilas prontas!

– Vão caçar?! Hoje?! – exclamou Ana. – Mas e o bolo? E os doces?

– Nós voltamos amanhã de tardinha. Daí vamos comer o bolo, os doces, cantaremos parabéns e tudo o mais.

– Mas e a final da Copa do Mundo?! Não vão assistir?!

– Talvez a gente volte a tempo.

– É, mas o Brasil vai perder, com certeza! – desdenhou a garota.

– Ronaldo! Você sabe que não gosto de ficar sozinha nesta casa! – insistiu a mulher – Por favor, não vá!

– Querida, compreenda que essa casa é muito segura! E ninguém costuma vir até aqui. Por isso nós a compramos, lembra? Só tem mato!

– E animais para caçarmos! – complementou Vitória, empunhando seu rifle com indisfarçável satisfação.

E assim a conversa estava encerrada. Apesar dos protestos e súplicas da esposa, Ronaldo e a filha pegaram as mochilas, as armas, os apetrechos de acampamento e se embrenharam na mata seguindo para o leste, na direção do lago. Ana ficou sozinha na ampla e confortável casa de campo. Sentia-se frustrada e infeliz. Se soubesse que seria assim, optaria por ter ficado na cidade. Depois de trancar a porta, atirou-se no sofá da sala, desanimadamente. Se ao invés disso tivesse ido até a cozinha, talvez avistasse através da janela o vulto sinistro que se esgueirava por entre os arbustos, e então teria mais um sentimento desagradável para incluir entre aqueles que já a fustigavam: o medo.

*

Na região alagadiça que ficava entre o lago e o campo mais ao sul, Ronaldo e Vitória abateram cinco perdizes, e o homem encheu-se de orgulho pelo fato de que três dos animais foram derrubados pela filha. Ela realmente atirava muito bem. Quando a noite chegou, a dupla de caçadores recuou até uma clareira na entrada do bosque e acampou. No caminho Vitória ainda abateu uma lebre. O pai mal cabia em si de tanta satisfação.

– Pegamos tudo isso em tão pouco tempo! Imagine amanhã! – exclamava Ronaldo, acendendo a fogueira.

– Sim, amanhã pegaremos ainda mais. – concordou Vitória – Até porque esse rifle novo é muito bom, bem melhor do que aquele antigo.

Pai e filha comeram e riram descontraidamente ao redor da fogueira durante várias horas. Ronaldo já havia sugerido que fossem dormir quando Vitória ateve-se observando a lua cheia que vez por outra encontrava brechas para emitir sua pálida luminosidade por entre a densa cortina de nuvens escuras.

– Pai...

– O que foi, querida?

– Será que é verdade aquela história sobre a tal família que foi morta no mês passado, lá do outro lado da reserva?

– Não, meu bem! Isso são apenas histórias que aqueles seus colegas de escola inventam para rir dos trouxas que acreditam!

– E a mãe?

– O que tem ela?

– Vai ficar bem sozinha lá na casa, né...?

– Claro que sim! Claro que sim!

Domingo, 12 de julho de 1998

Quando amanheceu, as mais otimistas das previsões se confirmaram. Dezenas de marrecos, saracuras e perdizes foram abatidas. Aquela havia sido a mais produtiva das caçadas de Vitória e o seu pai estava tão maravilhado com o seu desempenho que já cogitava inscrevê-la em competições de tiro. Certamente deixaria muitos marmanjos de queixo caído, passando vergonha.

O sol já começava a dar sinais de despedida quando pai e filha se puseram no rumo da casa de campo. Haviam caminhado poucos quilômetros quando foram surpreendidos por um homem de meia idade que surgiu de repente no meio da trilha. O sujeito portava uma espingarda e tinha uma ampla sacola de couro presa ao ombro.

– Olá. – disse o desconhecido.

– Olá. – respondeu a dupla em uníssono.

– Por acaso vocês viram um garoto circulando por estas bandas?

– Um garoto?! – indagou Vitória, intrigada.

– Sim. Um garoto maltrapilho, de aparência esquisita.

– O senhor é a única pessoa que avistamos desde ontem à tarde. – afirmou Ronaldo.

– Compreendo. E ontem de noite? Não notaram e nem ouviram nada de estranho por aí?

– Não. Acampamos perto do lago, passamos o dia todo por lá e não percebemos nada de anormal.

– Certo. Melhor assim. – concluiu o desconhecido, afastando-se sem mais nada acrescentar.

A dupla de caçadores ficou nitidamente intrigada. Ronaldo até pensou em chamar o sujeito de volta e pedir mais explicações, mas desistiu ao constatar a apreensão no semblante da filha.

– Vamos para casa, papai!

– Vamos sim, querida. Vamos sim.

– Você acha que isso pode ter algo a ver com aquela história das mortes?

– Ora, claro que não! Mesmo que a tal história fosse verdade, você não acha que um *garoto esquisito* poderia ter matado toda aquela gente, né?!

A garota concordou com um aceno de cabeça sem muita convicção. Pai e filha então percorreram em silêncio e o mais rapidamente possível os pouco mais de dois quilômetros que ainda os separavam da sua casa de campo. Durante o

percurso, os tons alaranjados do entardecer ficaram para trás, a temperatura baixou sensivelmente e as trevas da noite assumiram o controle da paisagem.

Quando a dupla chegou à rústica e charmosa residência, encontraram-na quase que completamente às escuras, exceção feita à suave luminosidade que emanava da televisão da sala.

– ... E a França faz 3 x 0 no Brasil e se sagra Campeã Mundial de Futebol! Termina o sonho do Penta para a Seleção Brasileira! – anunciava Galvão Bueno em tom melancólico, já nos últimos instantes da transmissão da final da Copa do Mundo.

Contudo, Ronaldo e Vitória não deram importância ao catastrófico evento esportivo. Passaram a zanzar pela casa, ligando as luzes e chamando por Ana, sem serem atendidos. A tensão se tornava maior a cada cômodo adentrado. Havia objetos quebrados e espalhados pelo chão em quase todos os ambientes. No quarto do casal a cama estava desarrumada e os lençóis estavam sujos de sangue. A camisola de Ana jazia no chão, rasgada.

– Meu Deus! Cadê a mãe?! Cadê a mãe?! – gritava Vitória, sem conter as lágrimas.

O pai nada respondeu. Sério e tenso, seguiu para os fundos da casa chamando pela esposa e acompanhado de perto pela filha. Espantados, encontraram manchas de sangue que iam do pátio em direção ao interior da mata, no sentido oeste. Ronaldo já estava retornando para dentro de casa, onde pretendia pegar seu rifle e uma lanterna para se embrenhar na floresta, quando um ruído de passos na relva chamou sua atenção.

Suja, ensanguentada e seminua, Ana surgiu caminhando tropegamente de trás de uma árvore. Lágrimas escorriam de seus olhos, que por sua vez denotavam uma perturbação que flertava com os perigosos limites da sanidade.

– Ronaldo... Por que me deixaram sozinha?! Por quê?! Se soubessem o que *ele* fez comigo...!

– Mãe! Mãe!

– Meu Deus! Ana! – exclamou o marido, chocado – O que aconteceu?! Quem fez isso com você?!

– Ele! – respondeu a abalada mulher, apontando para a esquerda.

Ronaldo e Vitória viraram-se na direção indicada e duvidaram dos seus próprios olhos quando vislumbraram um garoto completamente nu acompanhando a cena por entre os arbustos. Ele possuía terríveis cicatrizes no rosto e também em várias outras partes do corpo, porém o que mais contribuía para lhe conferir uma aparência apavorante e perturbadora era o brilho rubro que emanava de seus olhos e o enorme sorriso que ostentava nos lábios. Um sorriso maléfico, que transparecia devassidão e perversidade.

– Eu implorei para que não me deixassem sozinha! Eu implorei! – gritava Ana, desta vez com um tom de voz grave e áspero que em nada se assemelhava com o seu timbre habitual.

Perplexos, pai e filha viram presas enormes aflorando da boca da mulher, ao mesmo tempo em que espessos pelos marrons passavam a recobrir a sua pele. Sob o luar espectral, o garoto deformado assistia a tudo e se comprazia às gargalhadas. Gargalhadas estas que logo evoluíram para rosnados ritmados e culminaram em um longo e aterrador uivo de satisfação.

Diante da bizarra metamorfose que convertia a mãe em um monstro grotesco, Vitória apenas gritava e pranteava, chocada demais até mesmo para esboçar uma fuga. Apesar do abalo, Ronaldo, por sua vez, virou-se e cogitou correr para o interior da casa em busca de seu rifle, mas a hesitação anterior lhe foi fatal. A besta recém transformada agarrou-o pelos ombros, suspendeu-o no ar e rasgou sua garganta com uma mordida vigorosa.

Em pânico, Vitória vislumbrou o pai sendo parcialmente devorado por aquela coisa terrível que um dia fora sua mãe. A cena grotesca minou sua resistência e ela caiu sentada nas folhas secas. Foi nesse exato momento que percebeu a lenta aproximação do outro monstro, aquele que antes estava oculto sob a aparência do garoto. Tudo levava a crer que as feras iriam banquetear-se naquela noite.

Porém, com o canto do olho a moça notou a presença de mais alguém se aproximando, desta vez pela esquerda. Virou-se instintivamente naquela direção e logo reconheceu o homem que ela e o pai haviam encontrado anteriormente no caminho de casa. Ele estava com uma espingarda em mãos.

Sem titubear, o recém-chegado apontou a arma na direção do lobisomem mais próximo e atirou. O estrondo ecoou pela noite, juntamente com o urro de agonia da besta abatida.

– Mãe! Mãe! Mãe! – gritava Vitória, ao observar o corpo ensanguentado do monstro retornar à sua antiga forma humana.

– Seu desgraçado! Tenho balas de prata para você também! – vociferou o desconhecido, engatilhando novamente a espingarda e dando dois passos na direção do segundo monstro, que até então permanecia imóvel, como se surpreso pela cena que acabara de presenciar.

Contudo, demonstrando uma agilidade espantosa, a besta girou seu enorme corpo para a direita e saltou na direção dos arbustos. No instante seguinte já havia desaparecido no interior da mata fechada. Mesmo sem ter a fera no seu campo de visão, o homem ainda disparou dois tiros na direção tomada por ela, ainda que convencido da impossibilidade de acertá-la.

– Nós não devíamos ter saído! Não devíamos ter saído! – balbuciava Vitória aos prantos, abraçada aos cadáveres ensanguentados dos pais.

– Não se martirize, menina – disse o desconhecido, com o tom de voz mais reconfortante que conseguiu emular – Vocês não foram culpados. A culpa é daquele demônio. Eu já estou atrás dele há algum tempo. O maldito matou meu irmão, minha cunhada e minha sobrinha, além de várias outras pessoas. O nome dele é Jarbas.

Aquelas últimas palavras tiveram o efeito de algo similar a uma sombria revelação transcendental na mente de Vitória. Se converteram em um verdadeiro gatilho capaz de disparar um novo sentido para a sua vida. Vingança! Sua mente abalada e sua alma machucada nunca mais teriam paz até que ela desse cabo do desgraçado que acabara de tirar a vida das pessoas que ela mais amava. *O nome dele é Jarbas*. Jamais se esqueceria disso. Jarbas... Jarbas... JARBAS!

A NOITE EM QUE ELE PASSOU POR AQUI

Acredito que nunca irei me lembrar com precisão de todos os detalhes daquela história, pois tudo aconteceu em meio a uma carga tão grande de *stress*, angústia e medo que o meu cérebro adolescente não deve ter dado conta de processar as informações por completo, de forma que algumas imagens só me vêm à mente na forma de *flashes* pouco coerentes, enquanto que outros dados eu simplesmente esqueci por completo. Não duvido que parte desse bloqueio seja decorrente do esforço que eu mesmo fiz durante anos para tentar me esquecer de toda aquela tragédia. Porém, acontecimentos terríveis como os desencadeados naquele dia deixam marcas profundas demais para que se finja que elas nunca existiram e, se por um lado me esqueci de muitos nuances que permearam os fatos, por outro me lembro do suficiente para passar noite e mais noites em claro, atento a cada ruído vindo do exterior e temendo intimamente que exista algo lá fora, me espreitando através da escuridão.

A data é fácil de lembrar: 12 de maio de 2002. Neste dia ocorreu o Grande Prêmio da Áustria de Fórmula 1 e tanto eu quanto o meu pai – que era um grande fã de corridas automobilísticas – ficamos profundamente chocados quando vimos através da televisão a equipe Ferrari obrigar o piloto brasileiro Rubens Barrichello a ceder o primeiro lugar para o alemão Michael Schumacher, praticamente em cima da linha de chegada. Passamos a tarde toda intercalando nossas conversas entre a corrida vexatória e um fato bizarro que havia agitado a nossa monótona cidadezinha na véspera: a morte brutal de dois agricultores – pai e filho – que ocorrera em circunstâncias um tanto misteriosas.

Pelo pouco que se sabia, os dois homens tinham ido trabalhar na roça e quando anoiteceu simplesmente não retornaram para casa. Preocupados, os demais familiares organizaram uma busca e acabaram encontrando os cadáveres terrivelmente mutilados. Ao que consta, havia pedaços de corpos espalhados por uma grande área em meio ao milharal. Tudo levava a crer que se tratava do ataque de algum tipo de animal, mas que animal poderia fazer aquilo?! Havia também boatos sobre um louco ensandecido que poderia ter assassinado os agricultores, mas ninguém tinha certeza de nada. De qualquer forma, a polícia estava fazendo buscas na região em companhia dos familiares das vítimas e voluntários.

Naquela época, a nossa família morava em uma casa que era exatamente a última da zona urbana e ficava localizada em uma rua sem pavimentação que havia sido recém aberta em uma área onde até então só havia mata. Não tínhamos nenhum vizinho por perto e seguindo adiante pela estrada que costeava a nossa propriedade se chegaria à zona rural do município. Pelo que o meu pai me explicou, o sítio onde ocorreram as mortes ficava há uns sete quilômetros da nossa

casa, seguindo naquela direção. Por isso pudemos observar o intenso movimento das viaturas policiais e dos carros que passaram por ali na manhã de domingo e não retornaram ao longo do dia, dando a entender que as buscas prosseguiriam noite adentro lá por aquelas bandas.

Logicamente, a cidade inteira estava amedrontada em função daquele acontecimento macabro, e nós mais ainda, em virtude da localização da nossa residência. Em função disso, quando começou a entardecer o meu pai pediu para a minha mãe conferir se todas as portas e janelas estavam bem trancadas e disse que a partir de então deveríamos permanecer fechados dentro de casa.

Entretanto, vovó pediu para que aguardássemos apenas uns dez minutos para que ela ajuntasse alguns pinhões do outro lado da estrada, uma vez que, naquela época do ano, eles caíam o tempo todo de cima dos pinheiros. Papai ficou meio receoso, mas como a vovó costumava realizar aquela tarefa quase que diariamente – e ele sabia que era algo que realmente não levava mais do que alguns minutos – acabou concordando. Foi o primeiro grande erro do dia.

Acho que naquele curto intervalo de tempo mamãe foi conferir as janelas dos quartos e papai foi fechar a garagem. Eu fiquei na sala, fazendo algo sem importância e só dei por mim quando ouvi a voz tensa do meu pai chamando insistentemente pela vovó. Preocupado, corri até lá fora e vi papai na beira da estrada, olhando para dentro da mata e gritando o nome da minha avó. Todos sabíamos que ela jamais se embrenhava na floresta para além da primeira fileira de pinheiros e certamente não faria isso justamente naquele dia e naquele horário, uma vez que já estava escurecendo. Com certeza, algo de ruim havia acontecido.

Preocupadíssimo, papai cogitou ir à procura da minha avó, mas a minha mãe implorou com lágrimas nos olhos para que ele não entrasse na mata sozinho. Decidiram então que o melhor a fazer era ligar para a polícia. Na nossa cidadezinha não tinha delegacia de Polícia Civil – e continua não tendo até hoje – de forma que em qualquer emergência a opção era sempre telefonar para a Brigada Militar. Papai fez várias ligações e ninguém atendeu, provavelmente por que os únicos quatro policiais do efetivo local estavam envolvidos na busca pelo misterioso responsável pelas mortes dos agricultores. Desesperada, a minha mãe sugeriu que papai ligasse para o tio Cláudio e, na falta de opção melhor, assim ele fez.

Creio que se passou uma meia hora até o meu tio aparecer, trazendo dois amigos com ele. Um eu reconheci de imediato e sabia que era o Robertão. O outro eu não conhecia, mas logo fiquei sabendo que se chamava Aristides. Os três já desembarcaram do Chevette do tio Cláudio empunhando espingardas. Por sua vez, papai foi até a garagem e pegou a dele.

Antes de sair em companhia do grupo, o meu pai ainda entregou o seu revólver em minhas mãos e disse que era para eu ficar de olho em qualquer coisa que parecesse suspeita. Pensei que mamãe iria protestar – pois eu tinha apenas treze anos na época – mas ela estava tão apavorada que nem disse nada.

Então os quatro se foram, levando lanternas e espingardas. Naquela hora a escuridão do lado de fora era total e eu me lembro de ter reparado que, quando o grupo se embrenhou entre os pinheiros, uma névoa densa e rasteira os envolveu até a altura dos joelhos. Este tipo de fenômeno é muito comum nas noites de outono aqui na serra, mas naquele momento em especial parecia conferir à paisagem um toque de filme de terror mais do que apropriado para a dramaticidade da situação. Eu fiquei ali, espiando pela janela enquanto eles avançavam para dentro da mata, caminhando desconfiadamente e gritando pelo nome da minha avó. Após alguns instantes, eu já não ouvia mais suas vozes, e o máximo que conseguia enxergar – ainda que apenas de relance – eram os feixes de luz de suas lanternas se movendo em meio à escuridão. Depois, mais nada.

Eu jamais conseguiria estipular se passaram quarenta minutos, uma hora ou mais, mas o fato é que nesse meio tempo eu tentei ligar mais duas ou três vezes para a polícia sem obter nenhum sucesso e, enquanto isso, minha mãe permaneceu sempre chorando e orando baixinho diante de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida que ela trouxe para a sala.

Em dado momento, olhei novamente através da janela e percebi que a névoa, antes rasteira, tinha se intensificado a tal ponto que apenas os galhos mais altos dos pinheiros que ficavam do outro lado da estrada permaneciam visíveis. Foi então que escutei aquele grito terrível acompanhado de um urro, uivo ou coisa que o valha, tão apavorante que só de me lembrar fico com todos os pelos do meu corpo arrepiados. Em seguida, começaram os disparos. Acho que foram mais de dez tiros. Talvez vinte. Mamãe começou a orar com ainda mais fervor e eu permanecia estático, incapaz de tirar os olhos da entrada do bosque.

De repente, eu os avistei. Papai vinha correndo na frente – e eu juro que jamais imaginei que um homem grande e pesado como ele poderia correr tão depressa – e logo atrás, tão ou mais desesperado, vinha o tio Cláudio. Não havia nenhum sinal dos outros dois homens, mas alguma outra coisa saiu do meio da névoa no encalço dos fugitivos. Incrédulo, vi que se tratava de um *cachorrão*, mas se não bastasse ele ter o quádruplo do tamanho do maior cão que eu já tinha visto até então, ainda se aproximava correndo apenas em duas pernas, como se fosse gente!

Quando vi aquilo, senti a minha mente vacilar. Fui tomado por uma espécie de náusea, vertigem ou o raio que o parta, e acho que só não desmaiei de pavor porque ouvi a voz do meu pai gritando – na verdade, implorando – para que eu

abrisse a porta. Então tomei fôlego e obedeci. Os dois coitados praticamente se atiraram para dentro e, na confusão, tio Cláudio esbarrou em mim com tanta força que chegou a me derrubar no chão. Eu estava com o revólver na mão e, na queda, meu dedo apertou involuntariamente o gatilho. Por sorte o disparo atingiu apenas o teto, mas serviu para fazer com que a minha mãe berrasse com ainda mais intensidade do que já estava berrando.

Meu pai deve ter conseguido girar a chave no último segundo, pois vi que ele ainda estava com a mão na maçaneta quando uma pancada tremenda sacudiu a porta pelo lado de fora. Depois vieram mais quatro ou cinco golpes em sequência, todos tão violentos que só não colocaram a porta abaixo porque ela era realmente muito reforçada. Sem saber o que fazer, gritávamos em pânico, quando, subitamente, as pancadas cessaram e teve início um outro tipo de barulheira. Não foi preciso muito esforço para entendermos que aquele monstro estava destruindo o Chevette do tio Cláudio. Além de tudo, aquela criatura ainda era inteligente!

Quando o meu tio se aproximou com a intenção de espiar pela janela, os vidros foram arreventados com violência e um par de braços peludos e com garras enormes se projetou para dentro tentando agarrá-lo. Surpreso, tio Cláudio caiu sentando, ao mesmo tempo em que o monstro começou a golpear a janela com mais força. Foi aí que meu pai pegou o revólver da minha mão e disparou três ou quatro tiros contra a coisa. Ferido, o monstro rosnou de dor e recuou, correndo de volta para a mata. Hoje eu tenho certeza de que, se não fosse pelos tiros, a coisa teria arrombado a janela sem maiores dificuldades e nos feito em pedaços.

Quando a calma pareceu retornar, começaram as explicações. Falando os dois ao mesmo tempo e cheios de nervosismo, papai e tio Cláudio disseram para mamãe que estavam vasculhando a mata quando perceberam que alguma coisa estava circulando ao redor deles, em meio ao nevoeiro. Sem mais nem menos, a tal coisa surgiu da escuridão e agarrou o Aristides, arrastando-o para detrás das árvores. Guiando-se pelos gritos do pobre coitado, os outros foram atrás, mas quando finalmente o encontraram ele já estava morto e com o corpo terrivelmente mutilado. Foi então que o monstro surgiu de novo e saltou sobre Robertão. Apavorados, papai e tio Cláudio começaram a atirar, mas, segundo eles, a coisa se movia muito rapidamente em meio à névoa e a escuridão e quando eles deram por si já estavam diante dos pedaços do corpo do segundo amigo. Sem tempo sequer para recarregar as armas, só restou aos dois sobreviventes deixar as espingardas para trás e correr com todas as forças em busca de um abrigo.

Confesso que fiquei muito chocado com esse relato, principalmente quando tio Cláudio começou a repetir quase aos prantos: *Eu vi quando ele arrancou as pernas do Robertão! Eu vi! Eu vi!*

Eu já estava começando a chorar também quando a minha atenção – e a de todos os demais – voltou-se para novos sons de tiros que ecoaram de dentro da mata. Ficamos todos quietos, na expectativa de ouvir algo mais, e assim permanecemos por um período de angustiante silêncio que pareceu interminável. Então ouvimos uma voz debilitada pedindo por socorro. Parecia vir de perto, e quando papai espiou pela janela disse ter visto um homem rastejando do outro lado da estrada, perto dos pinheiros. Não dava para ver muita coisa, em função do nevoeiro, mas com certeza o cara estava muito ferido. Tio Cláudio logo disse que não poderia se tratar de nenhum dos seus amigos, pois certamente eles estavam mortos. Mamãe sugeriu que poderia ser alguém que estava participando das buscas pelo assassino dos agricultores, o que pareceu fazer sentido. Porém, ninguém se sentia encorajado para sair lá fora e socorrer o indivíduo agonizante.

O cara permaneceu lá fora suplicando por longos e angustiantes minutos, e quando ele começou a chorar, papai não aguentou. Lembro de ouvi-lo esbravejando:

– *Jesus Cristo! Não suporto ver alguém sofrendo desse jeito sem fazer nada!* E antes que a mamãe pudesse impedi-lo, ele abriu a porta e correu até o homem ferido. Depois de alguns segundos de hesitação, tio Cláudio foi também, e logo os dois retornaram trazendo o pobre desconhecido. Era um sujeito de meia idade, e estava muito machucado, com cortes e feridas horríveis espalhadas por várias partes do corpo, provavelmente provocadas por mordidas.

Papai e tio Cláudio deitaram o homem no sofá e mamãe correu buscar a caixa de medicamentos, com a intenção de fazer algo pelos seus ferimentos e amenizar seu sofrimento. Porém, mal ela havia iniciado os curativos, o infeliz gemeu alto pela última vez e apagou. Papai conferiu o pulso do sujeito e checkou sua respiração por mais de uma vez, e, por fim, disse-nos que ele estava morto.

Então eu me sentei em uma poltrona e lá fiquei, em silêncio. Olhava para aquele sujeito coberto de sangue deitado no nosso sofá e custava a acreditar no que estava acontecendo. Lembro que papai ligou – ou tentou ligar – para mais alguém, mas ninguém apareceu por lá. Muitas possibilidades foram sugeridas, várias hipóteses foram cogitadas sobre o que deveria ser feito, mas a conclusão a que sempre chegavam era a de que seria melhor permanecer em segurança ali mesmo, dentro de casa. Acho que se passaram várias horas, e acredito até que eu tenha adormecido, quando, subitamente, um terceiro tiroteio teve início no meio do mato. Foram vários disparos feitos em um espaço de tempo muito pequeno e depois, novamente o silêncio.

Estávamos todos tensos, sem saber o que fazer, quando alguém bateu na porta. Desta vez não eram pancadas violentas como aquelas desferidas pelo monstro, mas sim batidas que pareciam provocadas por uma pessoa um tanto

nervosa e apressada. Meu pai espiou pelo olho mágico e disse que havia uma garota do lado de fora. *Abram logo essa merda!* Gritou ela, irritada. Ainda com certo receio, papai destrancou a porta e a moça entrou, carregando um rifle em mãos. Ela estava toda suada e suja, mas mesmo assim tive certeza naquele momento que se tratava da garota mais bonita que eu já tinha visto cara a cara até aquele dia. Devia ter uns dezoito ou dezenove anos, não mais do que isso.

Sem cerimônias, ela disse que andava caçando um *bicho* em companhia de um amigo, mas que, em função da escuridão e do nevoeiro, acabou perdendo o companheiro de vista no meio da floresta. Papai deduziu que deveria se tratar do sujeito desconhecido que havia aparecido horas antes e apontou o dedo na direção do sofá onde estava o cadáver. A moça então olhou naquela direção e arregalou os olhos em uma expressão de espanto. Chegou mesmo a soltar um gemido de pavor e recuar alguns passos, sobressaltada. Foi só nesse momento que todos nós olhamos mais atentamente para o sofá e entendemos o terror que se apoderou da moça.

O suposto cadáver estava com os olhos abertos e nos encarava com um sorriso diabólico nos lábios. Por sua boca entreaberta pude ver as presas enormes em que haviam se convertido os seus caninos e através dos rasgos da sua roupa percebi que o seu corpo estava se tornando muito peludo e estranhamente... Maior! Quando o sujeito soltou uma espécie de grito e levantou-se do sofá, o seu rosto já estava convertido em algo que lembrava muito pouco as feições de um ser humano. Ele estava se transformando em uma criatura igual aquela que perseguiu o papai e o tio Cláudio!

Apavorados, corremos para o outro lado da sala, e eu não sei exatamente o que teríamos feito se a moça não tivesse erguido seu rifle na direção do monstro e disparado. O tiro o atingiu bem no meio da testa e ele caiu de volta no sofá. Desta vez estava realmente – ou novamente – morto e, segundos depois, já tinha recobrado suas feições humanas.

Chocada, a moça largou o rifle e sentou-se em uma cadeira, levando as mãos ao rosto. Alguém lhe ofereceu água, e, depois de recompor-se, ela nos deu algumas explicações. Disse que ela e o amigo que acabara de matar estavam há tempos perseguindo um lobisomem. Esse monstro certamente era o responsável por todas as mortes que estavam acontecendo na região naqueles dias e, no passado, ele havia sido também o causador da morte dos pais da garota e do irmão e mais alguns familiares do seu companheiro de caçada. Afirmou também que no último tiroteio – aquele que ouvimos logo antes de ela bater à nossa porta – conseguiu atingir o lobisomem com balas de prata e que, em função disso, tinha certeza de que ele tinha se mandado para outras bandas. Para a minha perplexidade, essa criatura bestial que a garota descreveu – e que se revelou possuidora de um terrível potencial de destruição – tinha até nome: *Jarbas!*

Sem querer se estender muito, a moça disse que iria buscar o carro dela, que estava estacionado na beira da estrada, há alguns quilômetros dali, e que levaria o cadáver do amigo consigo. E assim ela fez.

Nunca mais tivemos notícias daquela garota, mas até hoje lhe sou grato, pois tenho a convicção de que ela salvou nossas vidas. Quanto às outras mortes, nenhuma foi oficialmente esclarecida pela polícia e os casos continuam até hoje sem solução. A única unanimidade é a opinião de que jamais um ser humano poderia ter mutilado e estraçalhado aquelas pessoas da maneira que foi feito. Todo mundo acredita que o responsável tenha sido algum tipo de animal, mas eu sou um dos únicos a par da verdade... Um animal que deve ter saído diretamente das profundezas do inferno e atende pelo nome de *Jarbas*! Isso eu jamais esquecerei!

Por outro lado, um mistério que ainda me intriga e perturba profundamente é a incapacidade de saber qual foi o destino da vovó. O que terá acontecido com ela?! Nas raríssimas ocasiões em que tocamos no assunto ao longo dos anos, papai e mamãe deram a entender que acreditavam que ela foi morta pelo lobisomem. Aqui na nossa cidade também circula a versão de que ela foi mais uma vítima do mesmo animal desconhecido que matou os dois agricultores e a dupla de rapazes que a procurava. Porém, eu tenho minhas dúvidas.

No mesmo ano em que esse fato aconteceu, eu implorei para que nos mudássemos daquela casa. Eu dizia aos meus pais que tinha medo de que o lobisomem voltasse, e eles acabaram concordando, mesmo tendo investido o dinheiro de toda uma vida de economias na construção daquela residência. Hoje, moramos em um apartamento de um pequeno prédio localizado bem no centro da cidade. Eu jamais teria coragem de admitir isso para o papai e para a mamãe, mas, na verdade, o meu maior medo não era de que o lobisomem voltasse, *mas sim de que a vovó voltasse*. Tive pesadelos por noites e mais noites, e passei outras tantas em claro, temendo ouvir algum barulho suspeito e, ao olhar pela janela, dar de cara com a vovó saindo do meio da mata enevoada sorrindo para mim com a boca cheia de presas pontiagudas e pelos asquerosos brotando de cada parte do seu corpo. Sim, eu rezo diariamente para que ela esteja realmente morta. Isso é muito triste, mas penso que ainda seria a melhor opção. Porém, no fundo, bem no fundo eu continuo temendo que ela ainda esteja lá, vagando tetricamente por entre os pinheiros, à espreita de algum desavisado que ouse perambular por aquelas bandas em uma noite de lua cheia.

O MELHOR AMIGO

Foi em um final de tarde sombrio em que se encontrava sozinho no parque, imerso em reflexões melancólicas, que Bruno avistou pela primeira vez aquele estranho garoto. Andava esgueirando-se por entre as árvores, com olhar furtivo e desconfiado. Aparentava ser mais velho do que ele, com treze ou talvez quatorze anos, vestia roupas que além de velhas e gastas pareciam mesmo antigas, como se tivessem sido confeccionadas em outra época. Porém, o que mais causava incômodo e até certa aversão eram as cicatrizes que trazia no rosto. Eram quatro cortes paralelos e verticais, que atravessavam toda a sua face, desde a testa até a extremidade da mandíbula. Mas a aversão inicial foi logo desfeita quando o estranho garoto passou a puxar conversa com Bruno em um tom cordial e amigável, de forma que, quando as primeiras sombras da noite se debruçaram sobre o parque, os dois já pareciam velhos amigos. Na verdade, o garoto desconhecido pouco falou sobre si. Limitou-se a dizer que se chamava Jarbas e que estava na cidade há poucas semanas. Na maior parte do tempo, foi Bruno quem falou. Sentia uma forte e inexplicável sensação de empatia em relação ao outro menino, de tal forma que lhe contou tudo aquilo que nunca havia contado para mais ninguém. Falou sobre as agressões e humilhações sofridas na escola, sobre a solidão que tanto o atormentava, sobre a decepção provocada por Júlio, o falso amigo que o abandonara em função de uma nova amizade, e falou até mesmo sobre o padrasto e todas as coisas obscenas e perversas que ele era capaz de fazer durante a ausência da mãe, que trabalhava fora em turno integral.

O estranho garoto disse que Bruno deveria ficar tranquilo, pois a partir daquele dia seriam amigos e ele, Jarbas, não permitiria que ninguém mais o maltratasse. Bruno então começou a chorar. Eram lágrimas de alívio e esperança. Ele então passou a acreditar que finalmente tinha um amigo, e algo singular no olhar de Jarbas o fazia crer que realmente ele não seria mais maltratado. Nunca mais.

Nesse momento, a noite já havia tomado por completo o que ainda restava do dia e uma brilhante lua cheia começava a despontar por detrás das gigantescas árvores do parque. Jarbas pôs a mão sobre o ombro de Bruno e o observou com um olhar esquisito. *Acho que hoje seu padrasto irá embora* – disse ele, segundos antes de se embrenhar por entre as árvores de onde tinha surgido.

De fato, quando chegou em casa, quase uma hora depois, Bruno encontrou a porta entreaberta e o recinto completamente vazio. A TV permanecia ligada e a sala estava toda revirada, como se uma grande confusão tivesse ocorrido ali. E desta noite em diante, o padrasto nunca mais foi visto. A polícia não conseguiu

nenhuma pista para esclarecer o seu desaparecimento e a mãe do garoto se convenceu de que o marido havia fugido com alguma amante.

A partir de então, Bruno e Jarbas passaram a se encontrar quase que diariamente, sempre no parque, ao final da tarde. Bruno sabia que o estranho garoto era de alguma forma responsável pelo sumiço do padrasto, e lhe era muito grato por isso.

Passaram-se alguns dias sem que nada de significativo acontecesse, até que, em certa ocasião, Jarbas disse que Bruno deveria ir até um galpão abandonado na saída da cidade, levando em sua companhia Júlio, o menino que ele acusava de ser *um falso amigo*, ingrato e traidor.

Não foi difícil para Bruno convencer Júlio a acompanhá-lo. Bastou dizer que lhe mostraria uma coleção de revistas masculinas que ele havia surrupiado do padrasto. Era inverno, e a noite se aproximava rapidamente, acompanhada por ventos gélidos que zuniam de forma sinistra, arrancando as poucas folhas que ainda restavam nas árvores. Quando chegaram ao galpão abandonado, o local já estava quase que completamente às escuras, exceção feita pela luz do luar que entrava pelas janelas estilhaçadas. Júlio parecia perturbado pela aparência tétrica do lugar e começou a pedir impacientemente pelas revistas. Nesse momento, Jarbas surgiu das sombras. Sob a luz amena da lua cheia, sua aparência era ainda mais perturbadora: as cicatrizes de seu rosto pareciam mais salientes e seu olhar transparecia algo que nada tinha de humano. Júlio observava aquele estranho garoto com visível receio, mas antes que ele pudesse perguntar qualquer coisa, algo ocorreu diante de seus olhos e fez com que o sangue lhe gelasse nas veias, deixando-o estático, em choque.

Com um sorriso malicioso nos lábios, Jarbas despiu-se completamente. Foi então que Bruno percebeu que as cicatrizes que ele trazia no rosto possuíam similares em várias outras partes do corpo, como peito, costas e braços. Pela primeira vez, o garoto se deu conta que os cortes ostentados pelo seu novo amigo não tinham sido produzidos por lâminas de qualquer espécie, mas sim por garras de algum animal descomunal. Jarbas postou-se no chão, de quatro, e diante dos olhos incrédulos dos outros meninos, seu corpo começou a mudar. Presas pontiagudas brotaram de suas gengivas, os dedos se distendiam e suas unhas se transformavam em garras afiadas, sua coluna vertebral se prolongava dando maior envergadura ao seu tronco; os ossos da face ressaltaram para frente formando uma espécie de fuço lupino de grandes proporções; as orelhas se tornavam enormes e protuberantes. Ao final da metamorfose, o que estava diante da dupla de meninos apavorados era um monstro duas vezes maior do que eles, inteiramente coberto por uma espessa camada de pelos negros e com olhos enormes e demoníacos.

Com um salto extremamente ágil, a criatura agarrou Júlio pelo pescoço e o ergueu. O menino chorava copiosamente enquanto o monstro emitia rosnados que mais pareciam risadas. Em um gesto de extrema violência, a criatura animalasca abocanhou o braço direito do garoto e o arrancou. Bruno, que assistia a tudo petrificadamente, caiu de joelhos e cobriu os olhos com as mãos. O monstro então arrancou o outro braço do menino, que agora não mais chorava, mas gritava de forma estridente e desesperada.

Apavorado, Bruno começou a chorar e tapou os ouvidos com as mãos, na vã esperança de não mais ouvir a torturante agonia de seu colega de escola. Neste momento, Júlio já estava caído no chão e gastava suas últimas forças gritando por sua mãe, enquanto a criatura bestial lhe arrancava as pernas, primeiro a esquerda, depois a direita.

A essa altura, é provável que Bruno já tivesse perdido completamente o restante de sua sanidade. Ele tinha desenvolvido uma convicção desde o primeiro momento: Jarbas nada tinha de normal, embora demonstrasse ser um bom amigo. Sabia também que esse estranho garoto com cicatrizes no rosto havia sido o responsável pelo desaparecimento do seu padrasto e sempre teve a certeza de que a intenção de convidar Júlio para ir até aquele lugar ermo era lhe aplicar uma lição pela sua deslealdade e ingratidão. Provavelmente uma boa surra. Mas aquela cena infernal desenrolando-se diante de seus olhos ia muito além do limite suportável por sua mente infantil e perturbada. Nem em seus piores pesadelos algo assim poderia ter sido vislumbrado.

O monstro arrancou a cabeça do corpo já sem vida de Júlio e ergueu-o para o alto emitindo um uivo de satisfação. A criatura agora se movia lentamente na direção de Bruno. O menino sentiu o hálito fétido da besta a centímetros do seu rosto. Foi quando a cabeça de Júlio foi colocada em suas mãos. A monstruosa fera lhe observava com uma espécie de excitação, arfando e lambendo as bordas da boca ensanguentada.

Nesse momento, Bruno já não chorava mais. As lágrimas começavam a secar em seu rosto pálido e inexpressivo. Então, de forma lenta, mas decidida, o garoto arrancou com as próprias mãos um olho da cabeça decepada de Júlio e levou-o à boca, mastigando-o vorazmente.

Se alguém tivesse se aventurado a passar pelas imediações do galpão abandonado naquela noite, certamente teria algo sinistro e assustador para contar no dia seguinte. Contaria sobre os barulhos macabros que vinham do seu interior, sons que lembravam gargalhadas de uma criança enlouquecida e uivos animaisos que mais pareciam risadas de diabólica satisfação.

SOMBRAS DO PASSADO

Fernando sentia-se extremamente desconfortável ao retornar para a casa dos pais, vinte anos depois de ter saído de lá. Havia aborrecimento, mágoa e sobretudo vergonha habitando seu interior. Aos trinta e cinco anos, parecia-lhe humilhante a ideia de ter que voltar a morar com a mãe, mas simplesmente não havia outra opção naquele momento. Fora demitido há oito meses e nenhuma outra oportunidade de trabalho apareceu desde então. Além da questão financeira, a demissão ainda teve o drástico efeito de uma última gota d'água que fez transbordar o copo trincado de um casamento que já vinha de uma longa crise. Falido, abandonado pela esposa e ainda com uma impertinente dor no lado esquerdo do peito, que o fazia crer que a sua saúde também já cobrava o preço de seus fracassos. Assim estava Fernando quando adentrou na sala mal iluminada e cheirando a mofo da grande e antiga casa onde passara os quinze primeiros anos de sua vida.

A mãe, fragilizada por uma série de moléstias provenientes da idade avançada, recebeu-o com carinho e uma ponta de melancolia. Estava contente em ter o único filho por perto, mas lhe agradaria muito mais saber que ele estava sendo feliz e bem-sucedido em seus empreendimentos, o que definitivamente não era o caso. Após oferecer-se para preparar uma refeição a Fernando – que recusou prontamente – a anciã pediu licença para recolher-se aos seus aposentos, pois naquele dia acordara com uma dor de cabeça insuportável.

Soturnamente, Fernando subiu as escadas e percorreu o longo corredor que levava ao seu antigo quarto. No trajeto, não pode deixar de reparar no aspecto decadente e sombrio que a casa adquiriu ao longo das duas últimas décadas, diferindo enormemente do visual alegre e aconchegante que ela tivera em algum momento de um passado longínquo. Quando abriu a porta, o homem sentiu-se como se tivesse acabado de adentrar em um túnel do tempo. O quarto estava intacto. Com exceção da poeira, que se acumulava em cima de alguns móveis, o recinto estava exatamente como Fernando se lembrava de tê-lo visto pela última vez, em 1989, ano em que foi mandado para o colégio interno. O toca-discos continuava na cômoda, ao lado da cama, a sua coleção de bonecos dos *Transformers* e dos *Comandos em Ação* continuava na estante e as paredes continuavam decoradas com pôsteres dos grupos que ele adorava, como *A-Ha*, *Echo and The Bunnymen* e *The Cure*, embora fosse visível que estes últimos já se encontravam um tanto desbotados pela ação do tempo. Com um sorriso nostálgico, colocou o LP de *Hunting High and Low* para rodar e deitou-se na cama. Mesmo que não fosse a intenção, adormeceu pesadamente e sonhou com a ex-esposa. Acordou sobressaltado, com a nítida impressão de ter visto um vulto observando-o

através da porta entreaberta. Desconfiado, andou até o corredor e não viu ninguém. Dirigiu-se então ao quarto da mãe e encontrou-a cochilando ruidosamente. Sabendo que não havia mais ninguém na casa, julgou ter sido apenas uma impressão distorcida em função do sono, e deixou o assunto de lado.

Aproximando-se de uma janela, Fernando percebeu que havia dormido durante a maior parte da tarde, pois já começava a anoitecer. Sem nada melhor para fazer, desceu ao primeiro andar, atravessou a cozinha e saiu pela porta dos fundos, chegando ao grande e arborizado pátio que havia ali. Observou com estranhamento o alto muro que cercava os arredores e impedia o acesso – e até mesmo a visão – de qualquer coisa externa à propriedade. Aquele muro não estava ali em 1989! Sim, 1989. Aquele era o ano que ele queria esquecer, mas que continuava a persegui-lo e assombrá-lo, como uma maldição. Por mais que as lembranças dolorosas daquele período nunca o tivessem abandonado, naquele momento, ao retornar à casa onde tudo aconteceu, elas afloravam de forma ainda mais perturbadora. Fernando sabia que isso iria acontecer inevitavelmente, mas como não havia outra alternativa além de ir morar com a mãe, ele entendeu que talvez já fosse a hora de enfrentar as sombras do passado.

Enquanto os tons escuros da noite iminente deixavam o céu progressivamente com um aspecto mais sombrio e melancólico, Fernando via todas as imagens daquele fatídico dia se reconstituírem pela milésima vez em sua mente, como em um filme triste elaborado com o intuito de levar o espectador às lágrimas.

Ele estava prestes a completar quinze anos naquela época. Em uma tarde abafada de verão, os pais ausentaram-se para ir a um evento de botânica e deixaram-no responsável por cuidar de Clara, a irmã adotiva que vivia com eles desde que tinha poucos meses de vida, e que naquele momento estava com doze anos de idade. Até então o muro que cercava a propriedade ainda não existia e o pátio da casa fazia divisa com um terreno repleto de árvores grandes e antigas e que, por sua vez, limitava-se com uma pequena praça onde havia um monumento em homenagem ao primeiro prefeito da cidade e um *playground*, onde as crianças da vizinhança costumavam brincar. Fernando estava lavando a bicicleta diante da garagem quando Vinicius passou e o convidou para ir até o fliperama, onde estavam Betina e Sandrinha. O colega de escola ainda frisou que a própria Sandrinha insistira para que ele fosse até ali convidá-lo. Sandrinha! A menina que tanto o encantava e que há um bom tempo já vinha alimentando seus sonhos e fantasias juvenis. Naquele momento, o convite parecia praticamente irresistível.

Empolgado, o garoto pediu para que Vinicius esperasse e entrou em casa procurando pela irmã, como se estivesse disposto a testar a sua reação: se ela dissesse que não se importava em ficar um pouco sozinha, então ele iria se

encontrar com a garota dos seus sonhos, quem sabe lhe daria um beijo e no máximo uma hora depois estaria de volta. Seria simples e eficiente.

Fernando encontrou Clara entre as árvores que ficavam nos limites da propriedade, o lugar onde mais gostava de brincar. Porém, ela não estava sozinha. Havia um menino lhe fazendo companhia, e Fernando sentiu-se ligeiramente incomodado com o aspecto repulsivo dele, uma vez que trazia no rosto uma série de enormes cicatrizes. A irmã apresentou o garoto como sendo Jarbas, um novo morador da vizinhança, e este, por sua vez, sorriu cordialmente para o rapaz.

Logo de cara, Fernando percebeu que, além da aparência, havia algo mais de desagradável naquele menino. Porém, tratou de desfazer-se dessa ideia. Afinal, era apenas um garoto com não mais de doze anos. Que perigo poderia representar? Além disso, ele voltaria logo, estaria em casa antes mesmo dos pais retornarem. Não havia com o que se preocupar.

Excitado, Fernando pegou a bicicleta que mal acabara de lavar e partiu velozmente em companhia do colega de escola. No fliperama encontraram com as garotas e o rapaz ficou estupefato ao constatar que Sandrinha estava disposta a lhe dar muito mais do que um beijo, em uma daquelas oportunidades que não se pode, jamais, deixar passar. E como sempre acontece nesses casos, o tempo voou e quando Fernando pegou o rumo de casa já era noite alta. Ele estranhou ao ver a viatura da polícia parada diante da sua residência e pequenos grupos de pessoas cochichando nas calçadas. Com o coração apertado, correu até o pai que conversava com um policial em tom de desespero e logo foi golpeado pela mais dura realidade: Clara havia desaparecido, e no lugar onde ela estivera brincando com o menino desconhecido havia apenas uma inquietante poça de sangue. Nos dias que se seguiram, muitas buscas foram feitas, mas a menina nunca mais foi encontrada. Jarbas, o tal garoto que a acompanhava naquela tarde, também não foi mais avistado. Na verdade, além de Fernando, ninguém mais sequer lembrava de tê-lo visto pelas redondezas.

A família então mergulhou em depressão e o rapaz absorveu para si todas as culpas, de forma que aceitou de bom grado a sugestão dos pais de mandá-lo para um colégio interno. Três anos depois, saiu de lá direto para a faculdade e não voltou mais para casa nos vinte anos que se seguiram ao desaparecimento de Clara. Em 2005 o pai morreu de cirrose, mas Fernando nem foi ao velório. Compareceu apenas no cemitério, e, tão logo terminou a cerimônia do enterro, foi embora em companhia da esposa.

E eram essas as lembranças que faziam lágrimas verter dos olhos de Fernando enquanto ele vislumbrava o muro sujo e mal conservado que havia no lugar onde outrora estavam as árvores em que a irmã costumava brincar. *Me desculpe, Clara... Me desculpe* – murmurou ele, antes de enxugar os olhos nas mangas da camisa e

retornar para o interior da casa. As dores no lado esquerdo de seu peito estavam mais intensas do que nunca.

Durante o simplório e insosso jantar, Fernando e a mãe falaram apenas sobre banalidades, e logo a anciã anunciou – em um tom de voz fraco e trêmulo – que iria para a cama, pois estava com uma terrível dor nas costas. Contudo, antes de se recolher a idosa senhora advertiu ao filho para que não ficasse zanzando pela casa até altas horas. Mesmo intrigado com tais palavras, o homem julgou que não valia a pena ficar questionando a mãe sobre algo tão trivial, de forma que optou tão somente por desconsiderar o aviso.

Sem sono e também sem ânimo para sair, Fernando pegou na velha biblioteca do pai um exemplar de *Dom Casmurro*, sentou-se em uma poltrona da sala e mergulhou na melancólica história de Bentinho e Capitu. Em dado momento, sobressaltou-se com a nítida impressão de ter ouvido passos no corredor que interligava a sala e a cozinha. Permaneceu imóvel e em silêncio, na expectativa de ouvir mais alguma coisa, mas foi inútil. *Devem ser ratos...* – disse para si mesmo – *creio que há dezenas deles nessa casa.*

Mais tarde, quando ergueu os olhos do livro, envolto em pensamentos que comparavam a estada de Bentinho no seminário com a sua própria passagem por um colégio interno, Fernando sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha quando a incômoda sensação de estar sendo observado aguçou os seus sentidos. Intrigado, sondou os arredores de forma apreensiva, mas nada vislumbrou de anormal. As palavras da mãe então lhe vieram à mente: *não fique zanzando pela casa até altas horas*. Seriam fantasmas? O fantasma de Clara, assombrando-o por não tê-la protegido? O fantasma do pai, fustigando-o por sua negligência? Aproximando-se da janela, Fernando contemplou a lua cheia brilhando por entre a nebulosidade do céu e concluiu que era hora de ir para a cama.

O antiquíssimo relógio localizado na parede ao lado da escada indicava que haviam passado cinco minutos da meia-noite. Foi naquele instante que Fernando começou a ouvir os barulhos. Desta vez não era uma impressão inconclusa, mas sim algo claro e evidente. Em um primeiro momento o homem teve a impressão de que os ruídos se assemelhavam a gemidos de dor, mas logo se convenceu de que se tratava de rosnados que nada tinham de humano. Lentamente, avançou até o corredor lateral e concluiu que aqueles sons macabros vinham do porão. Cheio de cautela, mas movido por uma mórbida curiosidade, abriu a porta que dava acesso à escada que levava ao subsolo e espiou. Havia uma tênue luminosidade vindo de algum lugar lá embaixo. Os rosnados pareciam se tornar mais fortes e Fernando recuou. Poderia um cão vadio ter se infiltrado no porão por algum outro acesso? Ou será que a mãe mantinha alguma outra *coisa* presa ali? Um novo rosnado, ainda mais potente do que os anteriores, se fez ouvir e o homem abriu mão de sua

curiosidade. Fechou a porta, pegou uma cadeira na cozinha e escorou-a na maçaneta, para certificar-se que nada sairia do porão no meio da madrugada. Em seguida, correu para o seu quarto e rolou pela cama, insone, até finalmente adormecer, várias horas depois.

Na manhã seguinte, Fernando despertou sobressaltado, depois de um sono agitado por sombrios pesadelos, e tão logo se vestiu, saiu à procura da mãe. Encontrou-a ainda em seu leito, balbuciando e transpirando, com febre. Ligou para o Dr. Pedro e este apareceu poucos minutos depois para medicar a anciã. Em particular, o médico informou que a enfermidade da velha senhora estava se agravando e que provavelmente não lhe restava muito tempo de vida. Fernando ouviu a tudo, resignado, e despediu-se do doutor. Só então partiu para o porão, tendo o cuidado de passar antes na garagem para pegar um machado.

Com uma inegável parcela de medo, mas disposto a solucionar o mistério, o homem removeu a cadeira e abriu a porta que dava acesso ao porão. Havia uma lâmpada ligada, bem no fundo do ambiente, mas tudo estava extremamente silencioso. Fernando desceu as escadas lentamente e logo lhe chamou a atenção o fato de as paredes estarem revestidas com isopor e caixas de ovos, em uma medida que visava claramente isolar os barulhos internos. Ao chegar no úmido subsolo, ficou ainda mais surpreso ao constatar que havia ali uma porta de ferro separando o ambiente principal do secundário. Era debaixo dessa estranha porta que vinha a parca luminosidade que ele avistara anteriormente. Com o coração batendo descompassado, o homem colou o ouvido à porta e sentiu o sangue gelar-lhe nas veias ao ouvir aquele som insólito. Era um choro. Um choro de criança.

Fernando hesitou, deu um passo atrás e cogitou sair correndo, mas por fim, acabou removendo a tranca da porta de forma impulsiva e escancarou-a. Foi então que levou o maior susto de sua vida. Sentiu suas pernas vacilarem, o machado lhe caiu das mãos, o seu peito pareceu que ia explodir e teve a sensação de desmaiar perante aquela atordoante visão. Encolhida em um canto do quarto, vestindo roupas velhas e gastas estava Clara. Sim, Clara, com sua mesma fisionomia angelical, os mesmos cabelos loiros, os mesmos olhos azuis... Exatamente a mesma aparência que possuía na última vez que Fernando a viu.

– Cla... Clara...?! – balbuciou o homem, sentindo sua mente vacilar.

– Fernando! Você não devia ter entrado aqui! – disse a menina, levantando-se e dando alguns passos na direção do irmão, enquanto enxugava as lágrimas.

Assustado, Fernando encolheu-se de encontro à parede.

– Não tenha medo, mano... – disse a menina, em tom cordial – Não vou lhe fazer mal. Não sou um fantasma.

– Clara! Como é possível?!

– Fique calmo. Agora que você está aqui eu vou lhe contar tudo. Mas tente manter-se realmente calmo, ok?

– Certo, certo. – consentiu Fernando, embora sem muita convicção.

Clara sentou-se no chão, ao lado do irmão e iniciou o seu relato.

– Naquela noite disseram-lhe que eu tinha desaparecido, não é mesmo? Foi isso que contaram a todos, mas eu estava aqui. Sempre estive aqui, daquela noite em diante. Lembra-se daquele menino, o Jarbas? Bem, de menino ele tinha só a mais vaga aparência, pois era um monstro. Quando começou a anoitecer ele se tornou agressivo e começou a fazer... *coisas* comigo! – nesse momento as lágrimas voltaram a verter dos olhos da menina – Eu tentei fugir, mas foi inútil! Em certo momento ele simplesmente se transformou em um monstro enorme e horrível, me arranhou, me mordeu e certamente teria me despedaçado se papai e mamãe não tivessem chegado. Papai pegou o revólver na biblioteca e atirou na criatura, que me largou e fugiu pelo bosque que contorna a praça. Sob os gritos de protestos da mamãe, que exigia me levar ao hospital, papai ordenou que eu permanecesse em casa. Disse que mamãe deveria limpar os meus ferimentos e providenciar curativos, mas como ela continuava histérica, ele a esbofeteou no rosto e a obrigou a obedecer. Na rua os vizinhos já começam a se reunir, atraídos pelo barulho dos tiros. Alguém já tinha chamado a polícia. Papai então falou que eu havia sido raptada por um sujeito desconhecido. Grupos de busca foram organizados, mas, logicamente, não resultou em nada. Quanto a mim, no dia seguinte meus ferimentos já estavam praticamente cicatrizados. Veja, as mordidas se concentraram mais no ombro, na perna e nas costas. Papai então explicou que sabia o que tinha me atacado. Ele já havia visto um caso assim quando esteve em uma das suas expedições botânicas na Indonésia. Disse também que, a partir de então, eu deveria viver reclusa dentro de casa e ninguém deveria saber da minha condição, nem você. Por isso lhe mandaram para o colégio interno. Mamãe relutou, mas só até a chegada da primeira lua cheia. Quando ela viu no que eu me transformei, concordou em manter o meu caso em segredo e ajudou o papai a construir esse quarto blindado no porão. Desde então, eu tenho livre acesso pela casa durante o dia e na maioria das noites, mas quando é lua cheia eu me tranco aqui e mamãe me liberta na manhã seguinte. É por isso que eu estava chorando, porque quando percebi que ela não apareceu para abrir a porta, imaginei que estivesse mal.

– E ela está! – consentiu Fernando, demonstrando grande perturbação – O médico me disse que ela não vai durar muito tempo!

– É verdade – disse Clara, em tom melancólico – Não sei o que farei sozinha nessa casa depois que ela se for...

– Mas, Clara... Será que não havia outro jeito de lidar com a situação? Será que não há outra maneira?

– Não, meu querido, não há... Olhe para mim: eu estou com trinta e dois anos, em um corpo de uma menina de doze... O que as pessoas pensariam quando se dessem conta de que eu não envelheço?! Essa era a única maneira. Papai agiu certo... Desde aquela noite eu sou uma pessoa amaldiçoada.

– Oh, Clara... Me desculpe, me desculpe! – implorou Fernando, abraçando a irmã e caindo em um choro copioso.

– Não foi culpa sua, mano! Ninguém poderia imaginar que tudo terminaria dessa forma. Eu estou feliz que esteja aqui. Andei bisbilhotando você e, embora não quisesse me revelar, gostei de ter a sua presença nesta casa.

– E o que faremos agora? – perguntou Fernando, tentando se recompor.

– Bem, eu preciso tomar um banho. – disse Clara – Depois irei preparar alguma coisa para comermos, veremos se mamãe precisa de algo, e então poderemos conversar até o anoitecer, quando terei que voltar para cá. Gostaria que você me contasse tudo sobre o que andou fazendo ultimamente.

A princípio, Fernando consentiu, mas logo depois mudou de ideia. Percebeu que aquilo era demais para a sua cabeça e precisaria de um tempo para refletir. Além disso, as dores no peito continuavam fortes e ele não estava com a mínima vontade de relatar à Clara seu passado recente, pois teria apenas fracassos para contar e isso lhe aborrecia e envergonhava na mesma proporção. Disse então para a irmã que estava se sentindo mal, que não queria comer e que iria se deitar. Conversariam em outro momento.

Ao chegar no quarto, o homem atirou-se em sua cama e constatou que não estava em condições de realizar nenhuma grande reflexão. Aquelas revelações o haviam atordoadado de tal forma que ele sentia apenas uma espécie de exaustão, como se as suas parcas energias tivessem se exaurido com o choque da terrível descoberta. Dessa forma, não tardou para que ele mergulhasse em um sono profundo e surpreendentemente tranquilo, sem pesadelos e tormentos para assombrá-lo.

Quando despertou, muitas horas depois, Fernando sentiu-se bem melhor. Estava sereno e o peito não doia mais. Seu interior parecia tomado por uma sensação de paz como a muito não sentira. Ele teve então uma intuição de como deveria proceder. Ao chegar ao corredor, constatou olhando através de uma janela que já havia anoitecido e a lua cheia brilhava em um céu límpido e inspirador. A casa estava silenciosa. Andou até o quarto da mãe e encontrou-a serena e rígida em seu leito. O corpo já estava frio. *Morrer dormindo...* – pensou Fernando. – *O que poderia ser melhor?* Beijou a face gelada da anciã e afastou-se caminhando de forma decidida. Desceu as escadas, adentrou no corredor que interligava a sala e a

cozinha, abriu a porta que dava acesso ao porão e se embrenhou na penumbra. Guiou-se pela luz amarelada que emanava por debaixo da porta de ferro e então plantou-se diante dela.

De dentro do quarto blindado vinham urros e rosnados suficientemente assustadores para fazer o sangue de qualquer homem gelar-lhe nas veias, mas ele não teve medo. Aliás, foi justamente o contrário: naquele momento Fernando sentiu-se invadido por uma paz interior como a muito, muito tempo não experimentava. De forma decidida, removeu a tranca e abriu a porta, em um gesto que metaforizava a mais pura libertação. A *sua* libertação. Com lágrimas de emoção e alívio nos olhos, o homem sorriu pela última vez, adentrou no quarto blindado e fechou a porta de ferro detrás de si.

A ÚLTIMA FESTA EM PORTO ALEGRE

Quando a Van conduzida por Rodrigo saiu da Avenida Farrapos, três das quatro moças solicitadas já estavam a bordo. A primeira era ruiva, a segunda tinha os cabelos loiros e a terceira possuía traços orientais. Todas estavam na faixa dos vinte e poucos anos de idade.

O motorista dirigia perturbado por um princípio de apreensão, pois estava atrasado e ainda faltava pegar a morena. Porém, poucos metros depois de ter dobrado a esquina e entrado na Rua Ernesto Alves, a serenidade voltou ao seu semblante, pois a última moça estava ali, aguardando no local combinado.

– Boa noite, Verônica! – disse Rodrigo de forma sorridente ao sair da Van – Fico contente que você seja das pontuais.

– Faz mais de meia hora que estou aqui! – respondeu a moça, sem disfarçar a irritação – Quem está atrasado é você!

– Mas a culpa é das suas colegas que demoraram a aparecer! – justificou-se Rodrigo, abrindo a porta lateral do veículo para ajudá-la a embarcar.

– Elas não são minhas colegas! – resmungou Verônica.

– Pelo menos por esta noite serão! – decretou o rapaz ao fechar a porta.

Tão logo Verônica acomodou-se em um assento, as demais ocupantes da Van passaram a analisá-la atentamente e sem a menor preocupação em parecerem discretas. Era inegável que a moça recém chegada era muito bonita, e saltava aos olhos o fato de que deveria ser nova no ramo, pois, enquanto as *profissionais* usavam minissaias e maquiagens extravagantes, ela ostentava um vestido comprido até a altura dos joelhos e exibia em seus lábios um discreto batom vermelho.

– Nota-se muito bem que não é uma das nossas! – disse a moça ruiva, em tom de escárnio.

– Será que ela pensa que está indo a um casamento?! – provocou a loira, usando o mesmo tom da colega.

– Quando eu a vi pensei que fosse uma freira! – emendou a garota de traços orientais.

– Parem de implicar com a moça! – intrometeu-se Rodrigo, sem descuidar-se do volante – Que diferença faz a roupa de cada uma se daqui a pouco todas vocês estarão peladas no colo de algum velho tarado?!

– Isso mesmo! – complementou a ruiva, dirigindo-se para Verônica – Você sabe quem são os nossos clientes de hoje?!

– Sei sim! – respondeu Verônica, com rispidez.

– Mas você parece tão *patricinha*! – insistiu a ruiva, de forma debochada – Está precisando de grana para pagar a faculdade?!

– Não! – retrucou Verônica – Preciso de dinheiro para o tratamento da minha mãe, que está com câncer.

A resposta da moça pareceu surpreender o trio de prostitutas, pois, embora permanecessem com semblantes que denotavam arrogância, não fizeram mais nenhum comentário provocativo durante o restante do percurso.

Quando Rodrigo estacionou a Van diante de um prédio antigo e mal conservado da Avenida Júlio de Castilhos, a lua cheia já pairava no céu da capital gaúcha, ainda que o seu brilho pálido fosse quase que totalmente ofuscado pelos tons amarelados da iluminação pública e pelas cores difusas dos letreiros e luminosos que encimavam as fachadas dos estabelecimentos comerciais. De forma rápida e discreta, o motorista conduziu as quatro mulheres para o interior do prédio.

O primeiro andar estava completamente vazio e às escuras, aparentando ser uma sala comercial desativada. No piso superior, contudo, havia uma cozinha discretamente mobiliada, mas extremamente bem servida de inúmeros tipos de bebidas, como vinhos, uísques, vodkas e licores cujos frascos – cheios e vazios – encontravam-se espalhados por toda parte. No outro lado da cozinha havia uma porta que, ao ser aberta por Rodrigo, revelou um cômodo consideravelmente maior, mas ocupado apenas por um sofá, um par de poltronas, uma robusta mesa de madeira e uma antiga escrivaninha, sobre a qual havia um aparelho de som e uma dezena de CDs espalhados ao redor.

Tão logo as moças adentraram nesse segundo ambiente, uma porta se abriu no extremo oposto do recinto e dois homens idosos surgiram através dela. De imediato todas as garotas perceberam que se tratava de gêmeos que, além de idênticos, estavam vestidos com ternos marrons rigorosamente iguais. Aparentavam ter mais de setenta anos e tinham os esparsos cabelos grisalhos penteados para trás e fixados com gel. Também usavam óculos de lentes grossas e aros escuros. Mediante uma primeira análise, a única coisa que os diferenciava era o fato de que um deles caminhava com relativa desenvoltura – ainda que de forma bastante lenta – enquanto que o outro só se locomovia amparado por um par de muletas metálicas.

– Senhoritas, eu lhes apresento nossos anfitriões: os irmãos Danilo e Donato! – exclamou Rodrigo, apontando para a dupla de idosos com um gesto exagerado e teatral.

Com certo constrangimento, as moças sorriram para os anciões, que, por sua vez, riram de forma bem mais empolgada, ao mesmo tempo em que as observavam atentamente dos pés à cabeça. Um dos irmãos chegou até a lamber os lábios e esfregar as mãos em um gesto descaradamente lascivo.

– Que merda é essa pendurada nas paredes? – perguntou Verônica para Rodrigo, após cutucá-lo discretamente com o braço.

– São caixas de ovos! – respondeu o rapaz, achando graça da pergunta – Servem para fazer o isolamento acústico do ambiente. Sabe como é, festas costumam ser barulhentas e não queremos importunar a vizinhança.

– Rodrigo, coloque uma música e traga algumas bebidas para as meninas ficarem mais à vontade! – ordenou um dos idosos.

– Claro! Agora mesmo! – concordou o rapaz, ligando o aparelho de som e partindo em seguida na direção da cozinha.

– E então, quem vai dançar?! – indagou o outro anfitrião, sorrindo empolgadamente.

– Eu vou! – respondeu Verônica, antes que qualquer outra moça pudesse se manifestar.

– Ótimo! – exclamou o ancião. – Então suba na mesa! Suba na mesa!

Verônica obedeceu a ordem do velho e, depois de um segundo de hesitação, começou a mover seu corpo no ritmo da música. Primeiro de forma mais discreta, depois de maneira consideravelmente mais sensual. Intimamente, ela estava convencida de que era muito melhor ficar rebolando em cima da mesa do que sentir todo o seu corpo ser apalpado no colo de algum daqueles velhos asquerosos.

Em seguida, Rodrigo retornou trazendo uma bandeja cheia de garrafas e copos já servidos e entregou um com uísque na mão de Verônica. Ela secou o copo de uma só vez e depois disso procurou relaxar. Percebeu quando o empregado saiu e trancou a porta da cozinha e viu quando o velho das muletas sentou-se no sofá com uma garota de cada lado – a loira e a de feições orientais – e passou quase que automaticamente a despi-las. Vislumbrou também quando o outro idoso sentou-se em uma poltrona com a ruiva no colo, acariciando e lambendo o seu corpo de forma repulsiva.

– Está vendo, Donato! – gritou um dos anciões, em meio a risadas maliciosas – Uma loira, uma morena, uma ruiva e uma japonesa! Eu disse que o negócio hoje seria especial!

– É verdade! – respondeu o outro, apontando o dedo para Verônica – Depois vamos conferir o material daquela gostosa ali!

Verônica fingiu que não ouviu aquele diálogo e continuou dançando. Embora soubesse que era necessário, ela preferia não ver e não ouvir nada. Por isso, mediante um considerável esforço, tentou concentrar-se apenas na música e, de olhos fechados, procurava desconsiderar o barulho inconfundível de copos e roupas caindo no chão, os gemidos – masculinos e femininos – que impregnavam o ambiente e, principalmente, a enorme profusão de obscenidades que eram praticamente declamadas pelos velhos entre um e outro suspiro.

A moça permaneceu dançando dessa forma por um período que nunca saberia precisar, e essa espécie de transe autoimposto só foi quebrado quando ela percebeu que alguns gemidos masculinos haviam evoluído para estranhos sons desarticulados e graves, ao mesmo tempo em que as vozes femininas tinham se tornado tão altas e agudas que já tinham praticamente se convertido em gritos. No exato momento em que abriu os olhos, Verônica ouviu a voz irritada de um dos idosos protestando.

– Mas, que merda, Danilo! – exclamou Donato – Por que tão rápido?! Eu ainda queria *brincar* com aquela morena antes de comê-la!

Mesmo repreendido, o outro ancião nada respondeu, pois a sua anatomia disforme já não lhe permitia articular palavras. Diante dos olhares atônitos das moças, que passaram a gritar de forma ainda mais desesperada, o velho se convertia rapidamente em uma criatura monstruosamente bizarra, recoberta com uma camada irregular de pelos cinzentos e possuidora de feições lupinas desproporcionalmente grandes e ameaçadoras.

Apavorada, a moça de traços orientais correu de encontro à parede, no extremo oposto do ambiente e, igualmente amedrontada, a loira tentou segui-la. Porém, com uma agilidade que em nada lembrava aquele velho que só conseguia andar com o auxílio de muletas, o monstro saltou na direção da segunda garota, agarrou seu braço esquerdo e o puxou de forma tão brutal que o arrancou do corpo.

Desesperada ao ver a amiga tombar jorrando sangue, a ruiva também tentou fugir, mas foi segurada por Donato, que naquele momento também já não era mais humano, mas sim uma criatura bestial tão horrenda quanto o irmão. Provavelmente seu destino seria tão trágico quanto o da loira, se algo de completamente inesperado não tivesse acontecido naquele exato instante.

Com convicção, Verônica ergueu seu vestido até a altura da cintura e com esse gesto revelou o coldre que estava preso à sua coxa direita. Rapidamente, sacou dali uma pequena pistola calibre 22 e disparou dois tiros contra a cabeça do monstro que segurava a loira. Por sua vez, a besta tombou ao piso emitindo um rosnado abafado que denotava muito mais surpresa do que propriamente dor.

No instante seguinte, o monstro remanescente avançou na direção de Verônica, obrigando-a a saltar da mesa e correr na direção da parede à direita. Esse deslocamento dificultou sua pontaria e ela disparou com uma imprecisão que não lhe era habitual. O primeiro tiro atingiu a criatura na garganta, fazendo com que dali jorrasse um jato de sangue viscoso e repulsivo. O segundo disparo acertou a boca do monstro e a moça pôde ouvir perfeitamente o som singular dos dentes se estilhaçando com o impacto do projétil. Apenas o terceiro tiro teve a precisão almejada, e a bala alojou-se no cérebro do lobisomem após perfurar-lhe o crânio logo acima do olho esquerdo.

Tão logo foram abatidos, os monstros começaram a retornar às suas respectivas formas humanas e quando, segundos depois, Rodrigo entrou na sala com ar surpreso, visualizou somente os corpos nus e ensanguentados dos patrões estendidos no chão e separados pelo cadáver mutilado da prostituta loira. Chocado, o rapaz hesitou por um instante, sem saber se corria de volta para a cozinha ou se sacava o revólver que trazia sob a camisa e, nesse momento de dúvida, foi alvejado por Verônica, que o atingiu com um tiro na perna esquerda.

Ao ver Rodrigo tombar junto à parede, a moça não perdeu tempo. Correu até lá, tomou-lhe o revólver que ele trazia na cintura e ainda o atingiu com uma coronhada na cabeça. Em seguida, dirigiu-se às prostitutas que choravam e soluçavam encolhidas em um canto da sala.

– Caíam fora daqui, suas putas nojentas! – gritou Verônica – E agradeçam por eu não meter a mão na cara de vocês para ver se deixam de ser imbecis!

Sem pronunciar sequer uma palavra, as duas mulheres se levantaram e correram porta afora. Verônica voltou-se então para Rodrigo.

– Agora é entre nós dois, seu babaca! – vociferou a moça, colocando o cano de sua pistola bem próximo ao rosto do rapaz.

– Piedade, Verônica! – implorou Rodrigo – Eu não sou como eles! Não sou lobisomem e...

– Isso eu já sei! – interrompeu a garota – O que eu ainda quero saber é para quantos mais destes monstros você trabalha!

– Eu trabalhava só para os irmãos...

– Mentira!

– É verdade! Eu juro!

– Vou meter uma bala nessa sua cara deslavada!

– Mas é verdade! É verdade! – exclamou Rodrigo, aos prantos.

– Então me diga outra coisa: conhece um desses lobisomens imundos chamado Jarbas?!

– Jarbas?! – repetiu o rapaz.

– É! Um menino, com cicatrizes no rosto! Estou procurando por ele há anos!

– Não! Nunca nem ouvi falar!

– E quais outros você conhece?!

– Nenhum!

– Nenhum?! – repetiu a moça, incrédula – Como assim?!

– Eu já disse! Eu só trabalhava para os irmãos! Volta e meia eles se encontravam com outros lobisomens, mas, nesses casos, meros empregados como eu não participavam das reuniões!

– Mas eu vou encontrá-los! – esbravejou a garota, encostando a arma na cabeça de Rodrigo – Do mesmo jeito que encontrei os seus patrões!

– Espere! Espere! – implorava o rapaz, chorando copiosamente – Eu não sou um lobisomem! Você não pode me matar!

– Você foi cúmplice em inúmeras mortes provocadas por aquela dupla de velhos nojentos! É tão merecedor de uma bala de prata quanto eles!

– Não faça isso, Verônica! Não faça isso, Verônica! Por favor, Verônica...

Ignorando as súplicas do Rodrigo, a moça apartou o gatilho sem titubear. No instante seguinte, o corpo sem vida do ajudante dos lobisomens tombou no piso ao lado dos cadáveres de seus antigos patrões.

– Agora vá promover orgias no inferno, seu verme! – vociferou a garota, com escárnio – Aliás, meu nome não é Verônica... É Vitória!

O CRIME PERFEITO

O furgão estacionou em um ponto da estrada que era ladeado por árvores grandes e antigas e que, em função de sua envergadura, projetavam amplas e densas sombras pelos arredores. Ali, com os faróis desligados e protegido pela escuridão, o veículo permanecia quase invisível.

De forma silenciosa, as portas traseiras do furgão foram abertas e de seu interior desembarcou um menino loiro e rechonchudo. Com movimentos precisos e ágeis, o garoto atravessou rapidamente o pequeno bosque que separava a estrada de um muro de pouco mais de dois metros de altura. Sem qualquer dificuldade, o pequeno invasor saltou o obstáculo e aterrissou no pátio interno da propriedade, que lhe pareceu ser um pequeno e modesto sítio. A casa – que ficava no centro de um gramado mal cuidado e tomado por ervas daninhas – estava às escuras, mas havia luz na garagem.

Oculto junto às sombras do muro, o menino ergueu a cabeça para o alto e inspirou o ar profundamente. Seu olfato aguçado absorveu o cheiro de sua presa, um odor desagradável de suor e perfume barato. Sua mãe havia lhe dito que o seu alvo se tratava de um bandido, um contrabandista que vendia armas e drogas trazidas do Paraguai. Um sujeito que não faria falta nenhuma. Na verdade, sua mãe lhe disse até que acabar com aquele indivíduo seria como prestar um favor à sociedade. E, como ele era um filho obediente, prestaria mais esse favor. Prestaria quantos ela lhe pedisse.

O garoto continuou andado junto ao muro até chegar o mais próximo possível da garagem e quando saiu das sombras, permitindo que o luar incidisse sobre si, pouco de humano restava em sua anatomia. O ser que espreitava sua distraída vítima através da janela já havia se convertido em uma enorme criatura licantrópica.

Do lado de dentro, um homem descarregava apressadamente pesadas caixas do porta-malas de um carro e as colocava perfiladas no chão. Embora estivesse absorto em sua tarefa, o sujeito ouviu claramente um som agudo quando algo afiado raspou no lado de fora da porta de ferro da garagem. Desconfiado, o indivíduo abriu a porta do carro e retirou um revólver do porta-luvas. Não seria a primeira vez que os seus *concorrentes* tentavam armar para o seu lado e, se fosse necessário, ele mandaria bala em quem aparecesse. Logicamente, em uma situação assim ele não seria idiota o suficiente para abrir a porta e sair para o pátio, de forma que lhe pareceu apropriado limitar-se a espiar pela janela, no intuito de verificar alguma possível movimentação externa.

Ao olhar para a esquerda o homem não viu absolutamente nada de anormal e certamente ele sentiria-se aliviado se ao olhar para a direita não tivesse dado de

cara com um par de olhos avermelhados e reluzentes que o encaravam de forma acintosa. A criatura que ostentava aquela face hedionda estava com sua cabeça a centímetros da janela, de forma que o hálito asqueroso que emana de sua bocarra embaçava o vidro à sua frente.

Apavorado mediante aquela visão infernal, o homem gritou alto e desejou apontar a arma para o monstro e meter uma bala entre seus olhos. Porém, esse desejo jamais se concretizou, pois antes mesmo que ele pudesse erguer o revólver, os braços robustos e monstruosos do lobisomem invadiram o recinto estilhaçando a janela e agarrando-o pela cabeça. Atordoadado, o sujeito sentiu uma dor aguda e quando deu por si já estava do lado de fora da garagem, estirado no gramado e sem o revólver, que tinha sumido da sua mão. Ele percebeu que havia sangue turvando sua visão, e quando passou a mão pelo rosto na tentativa de melhorar a situação, só teve tempo de vislumbrar as presas enormes e pontiagudas da besta vindo na direção do seu pescoço. Um grito estridente escapou da sua garganta um instante antes dela ser dilacerada pela mandíbula poderosa do monstro, o que fez com que a sua voz fosse sufocada pelo sangue que jorrava do ferimento fatal.

Quando se sentiu saciada, a criatura largou o corpo sem vida de volta ao chão e, sem perder tempo, saltou novamente o muro e embrenhou-se entre as árvores. No momento em que chegou ao furgão que o aguardava, o lobisomem já tinha reassumido a forma do menino. Antes de embarcar no veículo, ele ainda observou atentamente os arredores por alguns segundos, pois teve a impressão de ter ouvido o som de algo se movendo discretamente entre as árvores.

– Vamos logo, Bruno! Precisamos dar o fora daqui! – exclamou uma voz vinda de dentro do furgão.

Mediante o chamado, o garoto embarcou no veículo e fechou as portas detrás de si. Se ele tivesse decidido vasculhar as redondezas, provavelmente teria encontrado o homem que observava a tudo atentamente em meios aos arbustos e que, tão logo o furgão se afastou, tirou do bolso um celular e efetuou uma ligação.

– E então, Jaques? – indagou uma voz grave do outro lado da linha.

– A minha teoria estava certa, chefe... – disse o observador – Acabei de presenciar mais uma execução.

– Ótimo. Pelo menos agora sabemos o que precisa ser feito.

– O senhor quer que eu faça o serviço ainda hoje?

– Não. Deixe para a próxima lua cheia. Até lá poderemos planejar tudo com calma. Agora volte para Porto Alegre. Preciso de você aqui.

– Tudo bem, logo cedo pela manhã estarei aí. – concluiu Jaques, encerrando a ligação.

Um mês depois

Rodolfo abriu a porta do apartamento e entrou em companhia de Jaques. O ambiente principal em que eles acabavam de adentrar era bastante amplo e consistia em um misto de sala e cozinha. Ao fogão, uma mulher loira e de aparência abatida e desleixada manuseava algumas panelas e observou com desconfiança a chegada dos dois homens. No outro lado do cômodo, um menino estava entretido em montar um quebra-cabeça tão grande que as suas peças ocupavam quase que a totalidade da mesa junto a qual estava sentado. Ao contrário da atitude desconfiada da mãe, ele apenas olhou de relance para os recém chegados e não lhes destinou maiores atenções.

– Sente-se! – disse Rodolfo de forma simpática ao apontar para as cadeiras que circundavam a mesa da cozinha. – Vou pegar algo para bebermos!

Quando Rodolfo aproximou-se da pia para pegar os copos, Morgana foi ao seu encontro com pretensa discrição.

– O que esse cara está fazendo aqui?! – cochichou a mulher, com irritação – Desde quanto você traz *clientes* para casa?!

– Não seja boba! – retrucou Rodolfo, no mesmo tom sussurrado – Ele já me pagou dez mil adiantados! Clientes assim devem ser muito bem tratados!

– Dez mil?! – repetiu Morgana, surpresa.

– Sim! Por isso sente-se lá e trate de ser simpática!

Imediatamente a mulher desligou as bocas do fogão e sentou-se à mesa, cumprimentando Jaques cordialmente.

Por sua vez, Rodolfo serviu vinho para o visitante e para companheira e em seguida sentou-se também, enchendo o próprio copo.

– Como está fria essa noite, não é mesmo?! – disse o anfitrião, esforçando-se para parecer gentil – Em circunstâncias assim um vinho vai muito bem!

– É verdade. – concordou o visitante, em meio a um gole – Mas, será que agora podemos tratar do nosso negócio?

– Claro! – respondeu Rodolfo – Aqui está a minha sócia para podermos fechar o negócio. É como comentamos ontem: dez mil adiantados, que o senhor já nos pagou, e dez mil depois do *trabalho* realizado.

– No Mato Grosso eu já contratei um serviço semelhante por um quarto desse valor... – disse Jaques.

– Sim, eu acredito! – retrucou o anfitrião – Mas o fato é que o nosso serviço é infalível, entende?! Já tivemos uma dezena de *encomendas* e nunca nenhuma falhou!

– Entendo... – ponderou o visitante, com ar pensativo – Mas e as garantias?

– A forma como realizamos o trabalho é a nossa garantia! – exclamou Rodolfo, com empolgação – Na cena do crime não ficam impressões digitais, nem armas ou projéteis que possa permitir um rastreio por parte da polícia... Se alguma

testemunha por ventura conseguir ver algo, jamais poderá identificar o executor e nem mesmo um exame de DNA permitiria identificá-lo!

– Claro – concordou Jaques – Sei muito bem do que você está falando.

– Vá por mim... – insistiu Rodolfo, com jeito bonachão – Eu sou ex-policia! e entendo do assunto! Na maioria das vezes a polícia acaba concluindo que as mortes são causadas por ataques de animais não identificados! É o crime perfeito!

– Sim, eu compreendo. Também sou ex-policia! – disse o visitante, aumentando sensivelmente o tom de voz – O fato é que, ao usarem um lobisomem como matador de aluguel, vocês até podem passar impunes pela polícia, mas acabam despertando a atenção de outros indivíduos... Entendem?

Rodolfo e Morgana entreolharam-se de forma ligeiramente apreensiva.

– Chamam a atenção de caçadores de lobisomens e até de outros licantropos que prezam pela discrição e sigilo acerca de suas existências... – continuou Jaques – mesmo lá em Porto Alegre, quando li no jornal a notícia da segunda morte consecutiva em circunstâncias semelhantes por aqui, eu já compreendi do que se tratava. Só não pensei que alguém pudesse estar ganhando dinheiro com isso.

– Olha, eu não sei aonde você que chegar, mas... – disse Rodolfo, com voz ligeiramente trêmula.

– Isso precisa acabar! – exclamou Jaques, em um tom de voz surpreendentemente gutural – Não queremos correr o risco de sermos descobertos! Não queremos babacas como vocês atraindo caçadores para cá!

Espantada, Morgana deixou escapar um gemido de pavor e quase caiu da cadeira. Por sua vez, Rodolfo ainda tentou sacar a arma que trazia oculta sob a camisa, mas – com um único e certeiro golpe desferido com extrema agilidade – Jaques rasgou sua garganta com as garras afiadas que brotaram de seus dedos como se por um passe de mágica.

Enquanto o companheiro agonizava no chão, expelindo jatos de sangue através da garganta dilacerada, Morgana tentou fugir, mas mal teve tempo de se levantar da cadeira e logo foi agarrada pela nuca e suspensa no ar por Jaques que, demonstrando pleno controle da metamorfose, mantinha-se semitransformado, em um estágio intermediário entre homem e licantropo.

– Agora vamos conversar com o *lobinho* ali! – vociferou guturalmente o visitante, dirigindo-se ao menino que permanecia sentado à mesa, observando a cena com olhos arregalados e dotados de uma luminosidade anormal.

– Deixe o Bruno em paz! Deixe o Bruno em paz! – gritava a mulher, tentando inutilmente se desvencilhar de seu captor.

– Largue a minha mãe! – ordenou o garoto, com voz quase tão cavernosa quanto a do outro lobisomem.

– Só depois que você me der algumas informações!

Como Bruno permaneceu em silêncio, Jaques começou a interrogá-lo.

– Quem é o seu mestre?!

– Eu não tenho mestre!

– Quem o transformou?! É isso que eu quero saber! Conte-me tudo ou eu vou morder o pescocinho gostoso da mamãe agora mesmo!

– Você quer saber sobre Jarbas?! Pois eu lhe direi tudo com prazer. Mas antes largue a minha mãe!

– Primeiro fale! – gritou Jaques, balançando Morgana no ar e fazendo-a soltar um gemido de dor.

– Foi há nove anos... – disse Bruno, falando de forma apressada e inegavelmente rancorosa – Jarbas tinha a aparência de um menino, como eu, e aproximou-se prometendo amizade e companheirismo... Ele nos livrou do meu padrasto, que era um filho da puta desgraçado, e prometeu que me daria condições de reagir contra todos aqueles que me humilhavam e me faziam sofrer...! Na época me pareceu uma boa ideia... Afinal, eu não tinha nada a perder! Mas acontece que eu não sou como Jarbas... Não conseguia fazer as mesmas coisas que ele... Não *queria* fazer o que ele fazia! Então ele simplesmente se entediou de mim e foi embora... Me deixou novamente sozinho e com essa... *Maldição!*

– E com o passar do tempo, você decidiu que seria um matador de aluguel para sustentar a mamãe! – complementou Jaques, tentando fazer com que sua voz soasse irônica.

– E por que eu não ajudaria a única pessoa desse mundo que realmente se importa comigo?! Que não me rejeitou nem mesmo depois de descobrir a *coisa* na qual eu me tornei?!

– Ah, sim! Ela se importa tanto com você que o trata feito um retardado mental e o induz a matar por dinheiro!

– Cale a boca, seu filho da puta! – exclamou Morgana, antes de ser novamente chacoalhada com violência.

– Largue ela! – gritou Bruno, levantando-se.

– Diga onde está esse tal de Jarbas! – ordenou Jaques, apertando ainda mais o pescoço da mulher.

– Tenho quase certeza de que ele está em Porto Alegre. – resmungou Bruno. – Agora largue-a! Vamos!

A face anômala e peluda de Jaques se retorceu então em algo similar a um sorriso de satisfação no mesmo instante em que virou seu pulso para a direita, em um gesto brusco e vigoroso, quebrando o pescoço de Morgana em meio a um estalo perturbador.

Ao ver a mãe ser atirada ao chão sem vida, Bruno urrou de dor e raiva enquanto apressava o processo de metamorfose. Intimamente, ele sentiu como se

nunca antes tivesse desejado algo tão fervorosamente como estraçalhar o desgraçado que se encontrava à sua frente. Porém, o páreo revelou-se duro demais para ele.

Ainda mantendo-se semitransformado, Jaques saltou sobre Bruno com uma velocidade assombrosa. Sem nenhuma hesitação, agarrou o adversário pelo pescoço com a mão direita e rasgou-lhe o ventre com a esquerda, arrancando grande parte de suas vísceras com um único puxão.

Sentindo a vida lhe escapar, Bruno retornou completamente à sua forma humana quando deslizou para o assoalho em meio a uma grotesca poça formada pelas suas tripas e pelo seu próprio sangue.

– Diga... Diga para... Jarbas... Que eu o odeio... – balbuciou o menino, antes de fechar os olhos para sempre.

Recomposto em suas feições humanas, Jaques chegou mesmo a sentir pena de Bruno, ainda que essa sensação incômoda tenha durado apenas um minuto. Para livrar-se rapidamente daquele sentimento atípico, concentrou-se nos seus próximos afazeres. Precisaria ainda provocar um incêndio no apartamento, e depois poderia retornar para Porto Alegre. Se nenhum outro trabalho emergencial aparecesse, ficaria algum tempo em casa e procuraria angariar possíveis informações sobre o tal Jarbas.

A maneira com que Bruno falara daquele lobisomem deixou Jaques sensivelmente intrigado, e ele passou quase que automaticamente a nutrir o desejo de encontrá-lo. Na verdade, ele já estava intuitivamente convencido de que tal encontro iria acontecer. Seria apenas uma questão de tempo.

MADRUGADAS



VERMELHAS

Às vezes sou grato por meus pais não estarem mais vivos. Seria doloroso para eles me verem nessa situação. Segunda-feira fui demitido do emprego no qual eu já trabalhava há dez anos. Dez anos! E o novo gerente me demitiu dizendo que eu era muito pouco sociável e que nos últimos meses as minhas vendas decaíram dia após dia. Porra, mas o que ele esperava que eu fizesse?! Era uma loja de artigos eletrônicos, as pessoas me pediam o que queriam e eu mostrava, simples assim. Mas, para o novo gerente, os tempos são outros. *É preciso mais dinamismo, mas versatilidade, um atendimento mais personalizado... Hoje em dia os clientes querem mais, sempre mais!*

Mais um soco na cara dele, isso sim eu tinha vontade de dar! O nome do babaca é César. Já está na minha lista. Este não perde por esperar.

O fato é que as últimas semanas têm sido terríveis para mim. As últimas semanas, ou talvez os últimos meses. Depois de muito tempo ensaiando e tomando coragem, finalmente convidei Carolina – atendente da locadora que eu costumo frequentar – para sair comigo e ela recusou. Isso foi em uma quinta-feira. No sábado voltei lá para pegar mais alguns DVDs e notei que ela me olhava com um sorriso debochado e cochichava com a outra atendente. Decerto estavam comentando sobre o quão ridículo me consideram. Carolina, da locadora. Aquela vaca também já está na minha lista.

Na verdade, eu já fui demitido de outros empregos antes e já fui esnobado por outras mulheres. No passado, talvez eu simplesmente deixasse isso de lado e seguisse em frente, mas ultimamente sinto que estou chegando ao meu limite. Não consigo mais ter paz! Já estou com trinta e seis anos e não tenho família, não tenho amigos, não tenho emprego e não tenho mulher... Nem para namorar e nem para trepar! Sinto raiva de tudo, e isso só piora a cada vez que coloco o pé na rua. Tenho a impressão de que a cada dia surge mais lixo nas ruas. Lixo humano! Não aguento mais ver tantas prostitutas, travecos, cafetões, mendigos e drogados! E olha que eu não estou falando apenas da Avenida Farrapos ou do Centro... Parece que agora eles estão por todos os lugares! E aos montes!

Na semana passada fui assaltado aqui perto de casa! O ladrão era um loiro magricela e fedorento e me abordou na esquina com uma faca. Não tenho a menor dúvida de que queria dinheiro para comprar crack. Garanto que o vagabundo vai fumar aquela merda até morrer, mas a minha vontade era de acabar com ele! Já faz algum tempo que eu venho tendo umas ideias muito loucas... Vontade de fazer como o Robert De Niro naquele filme antigo em que ele interpreta um taxista: se armar até os dentes e sair mandando bala na bandidagem! Se não contribuísse para mudar esse mundo de merda, pelo menos melhoraria um pouco essa cidade... Um

ladrão a menos significaria também menos gente sendo assaltada e correndo o risco até de ser morta... Um traficante a menos significaria também menos vagabundos chapados zanzando pelas ruas cheios de más intenções... Limpar um pouco todo esse lixo! É sobre isso que eu estou falando!

Eu sei de um cara que tem uma banca de revistas perto da rodoviária, mas que na verdade usa isso apenas como fachada. Ele é um vendedor de armas. Meu pai comprou um revólver desse sujeito há muitos anos atrás. Estou pensando seriamente em ir até lá e comprar uns *brinquedinhos*. Lembro que naquele filme o De Niro tinha um *Magnum 44*. Será que o vendedor da banca tem um desses? Acho que amanhã vou descobrir...

DEPOIS DA MEIA-NOITE

Joana saiu do Hospital Porto Alegre prometendo para si mesma que nunca mais aceitaria trocar de turno com ninguém. Ela jamais gostou de trabalhar durante a noite, mas a sua colega Sônia insistiu tanto, alegando ter um compromisso de extrema importância, que ela ficou constrangida em recusar, afinal de contas, o edifício Plaza Miró, onde residia, ficava muito perto e bastava ela atravessar a Praça do Internacional para estar em casa. E era exatamente entrando na praça que ela estava naquele momento, prestes a percorrer o curto trajeto que já havia realizado centenas de vezes anteriormente. O diferencial é que naquela ocasião era de noite – quando até as paisagens mais familiares adquirem nuances sombrias e por vezes inquietantes – e a chuva fina e insistente que caía desde o final da tarde tornava tudo mais desagradável e irritante, principalmente para quem não tinha se dado conta de levar um guarda-chuva.

Apressada e entretida com suas queixas internas, Joana acabou levando um grande susto quando avistou uma moça saindo correndo e gritando do meio da escuridão, na parte mais arborizada da praça. Pelo aspecto da mulher, a enfermeira deduziu que se tratava de uma prostituta, ou de uma das viciadas que eram avistadas com cada vez mais frequência consumindo drogas pelos arredores, às vezes em plena luz do dia. O que mais chamava a atenção na aparência da moça era o fato de ela estar com as roupas rasgadas e um tanto ensanguentadas. Parecia estar tão apavorada que passou correndo pela frente da enfermeira sem nem lhe dirigir um olhar. Apenas chorava e gritava algo desconexo a respeito de um *cachorro louco*.

Assustada, Joana cogitou ir atrás da mulher, perguntar o que estava acontecendo e até oferecer ajuda, mas desistiu quando percebeu que ela corria na direção do hospital. Com certeza, lá alguém iria socorrê-la. Molhada, com frio e, a partir de então, também com uma ponta de medo, a enfermeira decidiu seguir em frente e chegar em casa de uma vez, quando subitamente teve a impressão de ter avistado algo correndo por detrás das árvores. Julgou que aquilo seria o vulto de um cachorro, um enorme cachorro. De imediato, as palavras da moça desesperada lhe vieram à mente e ela sentiu aquela incômoda sensação de medo aumentando.

Em função do adiantado da hora e, decerto também por causa da chuva, a enfermeira não avistou mais ninguém caminhando pela rua e até mesmo o tráfego de automóveis na avenida do outro lado da praça era quase nulo. Disposta a não correr riscos desnecessários, Joana decidiu que não atravessaria a parte escura da praça. Voltaria até o hospital e telefonaria para o marido ir buscá-la. Certamente ele ficaria irritado com a ideia de ter que levantar da cama no meio de uma madrugada fria e chuvosa como aquela, mas azar. Seria assim e pronto.

Joana mal havia iniciado o caminho de volta quando um som intrigante chamou a sua atenção. Era um choro infantil que vinha detrás das grandes árvores que ficavam no canto da praça. Angustiado, a enfermeira olhou em volta procurando por um taxista ou qualquer outra pessoa que pudesse vir em seu auxílio, mas os arredores continuavam desertos. Ao ouvir o choro aumentar de intensidade, ela não se conteve e, tentando controlar o medo e o nervosismo, seguiu na direção das árvores. Se havia uma criança ferida ou em perigo, ela jamais conseguiria ignorar ou negligenciar auxílio. Isso iria contra os seus princípios.

Apesar da pouca visibilidade, Joana avançou pela penumbra guiando-se pelas lamúrias e, ao contornar uma grande árvore, deu cara com um menino sujo e despido que soluçava encolhido no chão. Espantada, a enfermeira percebeu que havia sangue no corpo dele.

– Meu Deus! – exclamou Joana – O que aconteceu com você, garoto?! O cachorro lhe mordeu?!

Lentamente, o menino ergueu a cabeça e encarou a enfermeira. Seus olhos inumanos e de aparência doentia reluziam em um tom avermelhado enquanto ele lambia os lábios, deixando à mostra um par de caninos compridos e pontiagudos. Antes que Joana pudesse gritar, ele lançou o braço em sua direção e tapou a boca dela com uma mão peluda, deformada e repleta de garras afiadas que se prenderam ao seu rosto como se fossem ganchos de aço.

– Não, dona... – disse a criatura, em um tom de voz que parecia emular o som de trovoadas – Aqui quem morde sou eu!

Em pânico, a enfermeira quis gritar e fugir, mas a *coisa* jamais permitiria. Antes de sentir a sua mente vacilar e perder-se para sempre, ela ainda encarou uma vez mais o seu agressor e percebeu que ali restava muito pouco de humano... Provavelmente, apenas a parte maldosa.

PAPO DE TIRAS

Quando dobrou a esquina, Lauro imediatamente avistou Silveira sentado em uma das mesas que ficavam na calçada, diante da lanchonete. Visto àquela hora da manhã, à paisana e entretido com a leitura do jornal, ele nem de longe lembrava o truculento policial militar que era tão respeitado por alguns e temido por outros tantos. Lauro também trabalhava na polícia – mas na Civil – e, além da profissão similar, ainda tinha em comum com Silveira o fato de ambos pertencerem ao mesmo grupo, ou, da mesma *alcateia*, como preferiam dizer alguns membros mais refinados.

– Bom dia! – disse Lauro, sentando-se ao lado do amigo.

– Você é um dos responsáveis pela investigação desse caso, certo? – perguntou Silveira, sem responder ao cumprimento e apontando para uma manchete do jornal onde se lia: *Decapitador faz mais uma vítima*.

– Sim. Estou conduzindo as investigações.

– E então...?

– É a terceira morte. Já foram duas prostitutas e uma enfermeira, que foi atacada ao sair do hospital de madrugada, no final do seu turno.

– Isso eu já sei! – resmungou Silveira – O que eu quero saber é se isso é obra de um dos nossos!

– As cabeças das vítimas não foram cortadas como a imprensa está divulgando, mas sim arrancadas – disse Lauro, sem tirar os olhos do cardápio – Você sabe muito bem que nenhum sujeito *normal* conseguiria fazer isso. Além do mais, os corpos apresentavam indícios de violência sexual, arranhões e mordidas bem singulares... Sim, definitivamente, o assassino é um dos nossos.

– O Chefe já está sabendo de tudo isso?

– Claro. Inclusive já designou o Jaques para ajudar a cuidar do assunto.

– Ótimo! – exclamou Silveira, com semblante pensativo – Jaques é dos bons.

Lauro chamou o garçom e pediu o seu lanche. Silveira permaneceu em silêncio por mais alguns instantes, como se refletindo sobre as informações trazidas pelo amigo.

– Por que será que o babaca arranca as cabeças das mulheres?! – questionou o policial militar.

– Com certeza estamos falando de um louco... – respondeu Lauro – Ao arrancar as cabeças ele está deixando a sua assinatura nos crimes. Não se trata de mera satisfação de instintos... O cara está se divertindo com isso.

– Que merda! Com todo o esforço que a gente faz para manter ocultas todas as atividades do grupo, e agora aparece um filho da puta como esse para causar alvoroço e chamar a atenção da mídia!

– Sim, mas não se preocupe... – disse o policial civil – Há gente nossa de olho na imprensa. Garanto que ninguém vai publicar nada que nos comprometa... E logo, logo vamos encontrar esse doido. Isso se Jaques não acabar com ele antes!

– Tomara que Jaques também arranque a cabeça do bastardo! – exclamou Silveira, acendendo um cigarro – Ou nos chame para que possamos arrancar nós mesmos!

Lauro riu alto, achando graça da irritação do companheiro. Depois deu uma mordida no sanduíche que o garçom acabara de trazer e mudou o foco do assunto para o Gre-Nal que aconteceria no domingo. Afinal, estavam de folga e ninguém aguenta falar só sobre problemas 24 horas por dia.

Nada como um dia após o outro! Nada como uma noite após a outra! Nada como hora após hora! Ontem a manhã começou ruim, mas a madrugada terminou de forma espetacular!

Logo cedo fui até a padaria que fica aqui perto de casa e comprei um pastel. Aproveitei que tinha acordado de bom humor e convidei a funcionária para sair comigo. Ela até que foi gentil, mas recusou, dizendo que não podia porque já tinha namorado. É claro que fiquei aborrecido, pois sabia que ela estava mentindo. Tenho certeza que ela é solteira. Senti o desânimo me rondando e até cogitei voltar para casa. Porém, decidi seguir em frente e fui até a banca de revistas do vendedor de armas.

No início o cara ficou meio desconfiado, decerto pensando que eu poderia ser um policial disfarçado, mas quando eu mostrei a grana tudo mudou. Ele deixou a esposa cuidando da banca e me conduziu até um minúsculo apartamento em um prédio que fica do outro lado da rua. Lá ele me mostrou o arsenal que tinha à venda. Havia muitas armas maravilhosas, mas infelizmente ele não tinha um *Magnum 44* como àquele do filme do De Niro. Acabei comprando um revólver calibre 38 de cano longo, todo cromado, lindo! Peguei também outro revólver menor, calibre 22. Fiquei louco por uma pistola 9mm que o cara me mostrou, mas infelizmente eu não tinha dinheiro suficiente para comprar aquela também.

Cheguei em casa exultante e passei o resto do dia manuseando os revólveres. Lamentei apenas não poder dar alguns tiros para treinar. Pensei também em construir uma geringonça como aquela que o De Niro usa no filme, para fazer a arma saltar de dentro da manga do casaco, mas infelizmente eu não tenho habilidade nenhuma com essas coisas tecnológicas e logo acabei desistindo. No meio da tarde me lembrei que o personagem do taxista também usava uma faca presa na perna – e no final do filme ela acabou sendo muito útil para ele – de forma que fui até um mercado e comprei uma muito legal, tipo aquela dos filmes do Rambo!

Quando anoiteceu, fiquei tão ansioso que nem consegui jantar! Eu só queria saber dos preparativos! Prendi a faca na perna com fita adesiva, de forma que eu poderia removê-la com facilidade se fosse necessário. Embora não estivesse tão frio, vesti o sobretudo, pois ele ocultava perfeitamente o revólver 38 que eu iria carregar às costas, preso na calça. Para minha satisfação, percebi que os bolsos eram grandes o suficiente para que eu levasse o calibre 22 em um deles. Eu sabia que não adiantaria sair muito cedo, de forma que passei horas perambulando nervosamente dentro de casa. Imaginei mil possibilidades, fiz mil conjecturas e

tive a certeza que a minha estreia seria um sucesso. Eu sentia que seria... Praticamente ouvia uma voz me dizendo que tudo daria certo.

Saí de casa um pouco depois das 23 horas. Me plano inicial era esperar até a meia-noite, mas não aguentei a ansiedade. Caminhei apressadamente e não parei até chegar ao meu destino: a Rua Marechal Floriano Peixoto, mais especificamente naquela parte que muita gente – inclusive a imprensa – já se acostumou a chamar de *Cracklândia*. Ou seria *Cracolândia*? Enfim, estou falando daquele ponto infestado de moradores de ruas, vagabundos, putas e drogados em geral... O esgoto humano da cidade!

Parei em uma esquina, bem perto da porta de entrada de uma casa noturna da pior espécie. Para disfarçar, acendi um cigarro e fiz de conta que estava esperando alguém para entrar naquele *inferninho*. Passei um tempo observando atentamente aquela gente repugnante que zanzava por ali com a intenção de escolher o alvo ideal. Não faria sentido que fosse um viciado qualquer, pois um mero traste a menos não faria diferença nenhuma em meio a tantos outros que infestavam os arredores. Teria que ser alguém especial, e não foi preciso analisar muito para identificar o cara certo. Era um homem moreno, magro e baixo que, apesar do frio, usava apenas uma calça jeans e uma camiseta branca encardida. Logo percebi que aquele era um traficante, pois, sem se preocupar muito em ser discreto, ele pegava a grana daqueles que o procuravam e dava em troca alguns pacotinhos bem pequenos que retirava dos bolsos da calça. Sim, era aquele que eu queria!

Porém, o cara tinha bastante gente para quem vender sua mercadoria e ficou lá por muito tempo. Eu já tinha fumado quase a carteira de cigarros inteira e alguns daqueles vagabundos já começavam a me olhar de atravessado. Por duas vezes alguns moleques se aproximaram pedindo esmola. Na primeira eu os ignorei e eles se afastaram. Na segunda foram mais insistentes e eu tive que ameaçar dar um tabefe em um deles para que desistissem. Nesse meio tempo, nem uma única viatura da Brigada Militar passou por lá. Vergonhoso!

Já era quase uma hora da madrugada quando aquele *traficantezinho* de merda se deu por satisfeito e encerrou as vendas. Depois de uma rápida conversa com um grupo de prostitutas que estava ali perto, ele saiu em companhia de uma delas. Os dois dobraram a esquina e seguiram para a esquerda. Tentando ser o mais discreto possível, fui atrás deles.

Na outra rua, os dois se enfiaram em um beco escuro que ficava entre um prédio e um muro alto e coberto de pichações. Logo imaginei que eles estariam trepando e esperei alguns instantes para pegá-los bem distraídos, no meio do ato. Quando entrei no beco, o meu coração batia acelerado e senti que as minhas mãos tremiam um pouco. O fedor de mijo e merda que havia ali quase me fez recuar de tanto nojo. Porém, avistei o casal um pouco à frente e com isso o meu sangue

ferveu. Eu não podia mais voltar atrás... Não *queria* voltar! Saquei o 38 da cintura segui em frente.

Enquanto me aproximava, tropecei em algo barulhento que havia no chão, provavelmente uma garrafa. Os vagabundos estavam se agarrando e se beijando, e quando ouviram o barulho olharam na minha direção. *O que é isso, meu irmão?! Qual é a tua?! –* disse o marginal. Foi só nessa hora que percebi que o sujeito não estava com uma puta, mas sim com um travesti. *Você está falando comigo?! –* gritei para ele, erguendo o revólver.

O cara pareceu surpreso, mas não perdeu tempo. Deixou o traveco de lado e correu para o fundo do beco. Fui atrás e disparei dois tiros, sem acertar nenhum. O estrondo dos disparos – mais fortes do que eu imaginava – e o fato de ter errado as duas primeiras tentativas me deixou atrapalhado e nervoso, de forma que temi que o vagabundo pudesse fugir. Porém, o terceiro tiro foi certo. Atingi o cara no ombro direito. Ele gritou, trombou de encontro à parede e foi deslizando até o chão, caindo sentado. Rapidamente, posicionei o cano da arma a menos de um metro da cabeça dele e atirei de novo. O sangue do nojento chegou a respingar até no meu rosto!

Foi só então que prestei atenção no traveco, que estava parado no meio do beco, gritando com as mãos na cabeça. Acho que ele ficou tão assustado que simplesmente não conseguiu decidir se deveria fugir ou tentar socorrer o amante. *Cale a boca, senão arrebento a sua cabeça, veado de merda! –* gritei eu. Depois disso, acho que o cara caiu na real e, para a minha surpresa, decidiu me enfrentar! Ele tirou um estilete não sei de onde e partiu para cima de mim.

Meio desequilibrado, dei um passo para trás e apontei o revólver para a cabeça do travesti. Apertei o gatilho e logo percebi que – embora tenha atirado à queima-roupa – não tinha acertado em cheio. O veado largou o estilete e começou a gritar da forma mais desesperada e irritante do mundo, com as mãos no rosto. O tiro pegou de raspão e arrancou fora pedaços da bochecha e da orelha dele. Confesso que cheguei a ficar um pouco espantado com a quantidade de sangue que escorria do ferimento.

Então encostei a arma no peito dele e atirei de novo. Dessa vez o traveco caiu duro, mortinho. Fiquei então olhando aqueles dois corpos nojentos estendidos no chão e senti uma sensação de indescritível bem-estar. A minha vida veio à mente como em um *flashback* cinematográfico cuja única parte que fazia sentido era justamente aquela noite. Tive a impressão de que toda a minha existência até então tinha sido uma mera preparação para aquele clímax apoteótico. Ergui meus braços para o céu, fechei os olhos e gritei bem alto: – *Eu sou bom! Eu sou bom!* Fiquei assim, como que levitando na minha própria alegria, e quando dei por mim tive a

impressão de que já tinha se passado um bom tempo. As lágrimas de felicidade já haviam secado no meu rosto, e então compreendi que estava na hora de ir embora.

Quando saí do beco, percebi de imediato que um vigilante me observava através da porta de vidro de um prédio que ficava do outro lado da rua. Será que ele tinha ouvido toda a barulheira? Teria ligado para a polícia? Eu já estava saindo de mansinho, quando notei que o cara estava gesticulando e chamando mais gente do interior do prédio. Segundos depois, umas sete ou oito pessoas se espremiavam contra a porta de vidro e olhavam para mim. E o mais interessante: elas sorriam!

De repente, as luzes de diversos apartamentos daquele prédio começaram a ser acesas. Inúmeras pessoas apareceram nas janelas, e todas elas sorriam para mim... Então elas começaram a me aplaudir! Aplaudiam e assoviavam festivamente e, para a minha emoção, começaram a entoar em coro: *Tadeu! Tadeu! Tadeu!* Eu já estava começando a chorar de emoção novamente, quando faixas e cartazes começaram a ser exibidos através das sacadas. Eram frases de apoio, do tipo: *Você é nosso herói!* e *Muito obrigado, Tadeu!* Tive a impressão até que uma velha estava jogando confetes para baixo! Peguei o rumo de casa exultante e, depois de ter dobrado a esquina, fogos de artifício começaram a estourar no céu. Não tive dúvidas de que eram em minha homenagem.

Quando finalmente deitei na minha cama, já estava quase amanhecendo. Eu me sentia exausto, mas ao mesmo tempo exultante e com a sensação de dever cumprido. Logo peguei no sono e sonhei que a moça da padaria corria nua na minha direção, me derrubava no asfalto e depois me amava loucamente. Quando acordei, muitas horas depois, percebi que estava tendo uma ereção.

Luizinho sentiu-se zozzo e nauseado ao abrir os olhos. Acordou tão desorientado que precisou de vários minutos para se dar conta de que estava debaixo de uma árvore próxima ao lago, no interior do Parque da Redenção. Já era de madrugada, e ao seu lado havia apenas uma garrafa de cachaça barata completamente vazia. Bino e Suzy, os amigos com quem ele tinha ido até ali para beber e fumar, haviam desaparecido. Teriam ido transar no meio do mato? Provavelmente não. Se quisessem fazer isso, teriam feito ali mesmo, como já ocorrera outras vezes.

Intrigado, Luizinho apalpou os próprios bolsos e não encontrou vestígios do seu cachimbo e nem do seu dinheiro. Ah, aqueles safados! No mínimo tinham ido comprar mais *pedra*! Poderia até ser que eles voltassem para compartilhar, afinal, quem tinha conseguido a grana ao assaltar uma idosa tinha sido o próprio Luizinho, mas não seria bom arriscar.

Mesmo sentindo uma incômoda tontura, o rapaz se levantou disposto a seguir até as imediações do Auditório Araújo Vianna, onde sempre se podia encontrar algum *pedreiro*. Estava convencido de que encontraria o casal de amigos por lá.

De forma lenta e trôpega, Luizinho havia caminhado pouco mais de uma centena de metros por um dos escuros caminhos de terra que cortam o parque, quando pisou em algo viscoso e escorregadio. Pensou se tratar apenas de um monte de fezes de algum dos diversos gatos que infestavam aquela área, e já estava seguindo adiante, praguejando e sem destinar maior atenção ao fato, quando percebeu que aqueles estranhos resíduos seguiam na forma de uma trilha até o interior de um pequeno bosque.

Logicamente, o rapaz não tinha nenhum interesse em seguir aquele rastro bizarro, e só se dignou a dar alguns passos na direção das árvores porque teve a impressão de ter avistado algo familiar: a jaqueta de Bino. Apesar da pouca luminosidade, Luizinho se aproximou do objeto e percebeu horrorizado que era realmente a jaqueta do amigo que estava ali. Tomado por um pavor indescritível, constatou também que a cabeça e o braço direito de Bino estavam junto à roupa. O resto do corpo havia desaparecido.

Em pânico, o rapaz gritou de forma estridente e saiu correndo daquele lugar. Como se em resposta ao seu grito, uma voz feminina se fez ouvir de dentro do bosque, chorando e pedindo por socorro. Apavorado, Luizinho correu desorientadamente por entre as árvores e, antes que chegasse de volta à estrada, tropeçou em uma raiz saliente e se estatelou no chão. Caído, ele continuava ouvindo a voz daquela mulher gemendo e implorando por socorro. Será que ela sempre esteve gritando e ele simplesmente não tinha ouvido? Por quanto tempo

aquela mulher estaria sendo submetida a algum tipo de tormento que deveria ser, no mínimo, aterrador? Na verdade, o rapaz não queria saber as respostas para essas perguntas. Quando se levantou, queria apenas se mandar dali, fugir daquele lugar o mais rapidamente possível, mas percebeu que, ao invés disso, estava caminhando justamente na direção de onde vinham os gritos, pois, intimamente, ele sabia que era Suzy quem estava gritando.

Existem coisas que os olhos humanos jamais deveriam vislumbrar. Foi algo similar a esta ideia que veio à mente de Luizinho quando ele contornou uma grande árvore e espiou na direção onde o bosque se tornava mais denso. Estava escuro e, de certa forma, sentiu-se grato por isso. Não havia nenhuma dúvida de que era realmente Suzy quem estava ali, gemendo e chorando em agonia. Mas *aquilo* que estava com ela não seria tão simples descrever. Era uma coisa enorme, peluda e horrível que arfava e rosnava de forma terrificante. E o que aquela criatura estava fazendo com a pobre mulher era algo tão obscuro e bestial que, ao chocado rapaz, nada restou a fazer além de gritar horrorizado enquanto sua mente vacilava.

Parecendo não se importar por ter sido surpreendido, o monstro soltou um rosnado que soou parecido com uma rouca risada no momento em que ele pisou nas costas de Suzy com uma das patas inferiores e agarrou a cabeça dela com as superiores. Provocando um estalo grotesco, o lobisomem torceu violentamente o pescoço da mulher para o lado e, em seguida, arrancou sua cabeça com um único golpe. Luizinho então se desatou a correr.

Estabanadamente, o rapaz percorreu o bosque guiando-se pela luminosidade dos postes que costeavam as vias internas do parque. Acreditava que, se conseguisse chegar até a parte mais movimentada do local, talvez o monstro desistisse de persegui-lo, ou, se continuasse insistindo, alguém poderia socorrê-lo. Apesar dos tropeços e das trombadas de encontro a galhos e troncos de árvores, Luizinho conseguiu chegar bem próximo da estradinha iluminada. Tão próximo que, por um instante, ele acreditou que iria se salvar. Porém, ao atravessar a última fileira de árvores antes da viela, ouviu um ruído assustador às suas costas e sentiu garras poderosas cravando-se ao redor de suas pernas.

Caído na relva, o rapaz gritou em vão por socorro e, quando começou a ser arrastado de volta para o interior do bosque, um pensamento singular lhe veio à mente. Ele não acreditava em Deus há muito tempo, de forma que considerava até indigno suplicar por salvação, mas, naquele momento, implorou para que, se Deus realmente existisse, pelo menos que interviesse lhe concedendo uma morte rápida. Nada o apavorava mais do que a possibilidade de que o monstro fizesse com ele algo similar ao que fez com a pobre Suzy.

Minha vida deu mais uma guinada, e desta vez foi ainda mais radical e irreversível. Não que eu estivesse insatisfeito com a redescoberta de mim mesmo que ocorreu naquela noite no beco, quando acabei com o traficante e o travesti. Aquilo foi espetacular, e certamente eu viveria feliz mandando bala em vagabundos noite após noite. Mas a gente quer mais, sempre mais! Quando descobrimos a verdade, não podemos voltar atrás e retornar à ignorância. Ao vermos certas coisas, não podemos mais fingir que não vimos. Eu vi o que existe na escuridão da noite! Eu sei o que há lá fora, além de marginais, prostitutas e viciados! Eu descobri a força! Sim, descobri a força que habita os confins da noite! Descobri o poder supremo que pinta de vermelho as madrugadas dessa cidade! Eu tive uma revelação!

Ontem à noite eu saí de casa com destino certo: o Parque da Redenção. Decidi ir para lá depois que tive a certeza de que era naquele lugar que eu encontraria o meu alvo, um vagabundo viciado que me assaltou há alguns dias, aqui perto de casa. Eu o vi na quarta-feira de tarde e decidi segui-lo. Observei atentamente a sua rotina: esmolar e bater carteiras no centro da cidade até o anoitecer; depois rumar para a Redenção, sozinho ou em companhia de outros vermes do tipo dele, comprar drogas com os traficantes que ficam ao redor do Auditório Araújo Vianna e seguir para a parte mais escura e deserta do parque, onde provavelmente deve se chapar até apagar debaixo de alguma árvore. Ele fez isso durante os três dias em que o observei. Assim, já tinha condições de mandá-lo para o inferno. Bastaria seguir o infeliz até o interior do parque, em um lugar onde não houvesse testemunhas, e mandar bala. Eu poderia inclusive esperar até ele ficar *chapadão* e pegá-lo completamente indefeso e desprevenido. Tinha tudo para ser muito divertido.

No sábado a Redenção estava mais movimentada do que nos outros dias que andei por lá observando o vagabundo. Percebi claramente que durante o dia aquele belíssimo lugar é frequentado pelo tipo de pessoas que a sua beleza merece: jovens casais namorando, famílias brincando com crianças, amigos conversando em rodas de chimarrão e gente de todas as idades caminhando e se exercitando. Porém, basta anoitecer para que o esgoto humano surja dos subterrâneos desta cidade e contamine a tudo com sua imundice!

Um dia ouvi um policial dando entrevista para uma rádio, explicando o ciclo de degradação que se abate sobre a Redenção. Segundo ele, os traficantes gostam de ficar naquela área porque há facilidade em esconder as drogas nos arredores e, se aparecer a polícia, resta sempre a possibilidade de se aproveitar a grande extensão do parque para se ocultar na escuridão ou em meio a uma das inúmeras

áreas arborizadas que lá existem. Como os traficantes param naquele lugar, acabam atraindo todo o tipo de viciados e escória em geral, inclusive prostitutas e travestis. Com isso, aparecem também muitos babacas interessados em fazer programas e, como putas custam dinheiro, atraem também a atenção de ladrões dispostos a assaltar os incautos que chegam com grana nos bolsos atrás de uma trepada. Por fim, muitos assaltantes são usuários de drogas, e assim acabam ficando por lá para comprar e consumir aquelas porcarias. Lixo atrai mais lixo. Para mim parece bastante lógico.

Ontem, tudo isso pôde ser observado. Por algum motivo que eu desconheço, o meu alvo demorou bastante para aparecer no Araújo Vianna, tanto que cheguei a desconfiar que eu tivesse dado azar e que ele não apareceria mais. Durante as quase duas horas em que fiquei esperando e perambulando por lá, pude ter uma boa amostra de como a nossa pobre cidade anda podre e imunda. Um cara veio me oferecer pedra, e além dele também fui abordado por uma puta e um traveco que me ofereceram seus corpos nojentos e imundos. Logicamente, disfarcei e saí de mansinho, mas a minha vontade mesmo era mandar bala em todos eles! Ou melhor: eu queria mesmo era ter uma meia dúzia de granadas e explodir toda aquela nojeira! Seria o máximo ver a vagabundagem voando pelos ares!

Depois de muita espera, finalmente avistei o meu alvo se aproximando com uma sacola plástica na mão. Junto com ele estava um homem e uma mulher tão magros e sujos quanto ele próprio. Fizeram tudo conforme eu previa: compraram drogas com o mesmo traficante que tinha me abordado e depois rumaram para o interior do parque. Para disfarçar, deixei eles ganharem uma boa distância e depois fui atrás. Eu estava louco de ansiedade para acabar com os três, mas foi aí que os problemas começaram.

Quando eu estava na altura da Fonte Luminosa, bem no meio do parque, notei um cara avançando na minha direção. Ele usava um moletom e tinha o capuz praticamente atolado na cabeça, escondendo seu rosto. Caminhava de encontro a mim com as duas mãos nos bolsos e não tive dúvida nenhuma que havia um canivete ou uma faca em uma delas. O desgraçado pretendia me assaltar, mas eu tinha uma surpresa para ele!

Disfarçando, olhei para todos os lados, como se estivesse distraído e, quando o marginal chegou bem perto de mim, dei um passo na direção dele e o surpreendi com um soco bem no meio da cara. Quando ele caiu sentado, o capuz foi para trás e eu vi que era um moleque de quinze ou dezesseis anos, no máximo. *Seu vagabundo! Mal saiu das fraldas e já está pelas ruas roubando!* – gritei, dando-lhe um pontapé nas costelas. Surpreendido, o safado gemia e implorava, dizendo que não era ladrão coisa nenhuma e que só estava passando por ali casualmente. Para assustá-lo, agarrei-o pela blusa e afastei para o lado o meu sobretudo, mostrando o

revólver que eu trazia na cintura. É claro que se eu metesse uma bala no meio da cara dele, como tinha vontade, poderia acabar chamando a atenção de alguém, inclusive do meu verdadeiro alvo. Por isso, dei mais dois ou três pontapés no estômago do vadio – fazendo-o chorar de dor e de medo – e depois ordenei que ele sumisse dali. O cara saiu correndo como se fosse o próprio diabo fugindo da cruz! Só lamentei estarmos em lugar muito visível. Se estivéssemos em uma área mais distante do parque, ou no meio das árvores, com certeza o destino daquele nojento teria sido outro.

Fiquei rindo com satisfação vendo o *ladrãozinho* correndo, e só depois que ele sumiu da minha frente foi que me dei conta de um detalhe: com aquela distração toda, acabei perdendo de vista o trio de viciados! Eu simplesmente não sabia se eles tinham seguido pelo Espelho D'água, se tinham tomado a direção do Monumento ao Expedicionário, ou se haviam se embrenhado ainda mais no interior do parque, o que considerei mais provável. Angustiado, comecei a andar de um lado para o outro procurando sem sucesso pelos vagabundos. Aquele lugar é enorme, bastante arborizado e muito escuro, de forma que qualquer canto pode se tornar um esconderijo em potencial. Acho que fiquei mais de duas horas perambulando pelos caminhos da Redenção. Avistei outros viciados se drogando, presenciei dois idiotas transando com prostitutas no meio do mato e uns três mendigos bêbados dormindo em bancos mal iluminados, mas nada dos vermes que eu tanto procurava.

Naquela altura, eu já tinha me dado por vencido e estava disposto a ir embora, quando tive a impressão de ter ouvido gritos vindos de um bosque, próximo ao lago. Olhei ao redor e não avistei absolutamente ninguém, de forma que cheguei até a pensar que tinha sido impressão minha. Porém, mal recomecei a caminhar e ouvi os gritos novamente. Dessa vez, decidi ir até lá para ver o que estava acontecendo. Se não tivesse nada a ver com os caras que eu estava procurando, talvez pudesse ser alguém sendo assaltado ou espancado por algum marginal, e eu teria prazer em resolver a situação na base da bala!

Segui pela estradinha que ia em direção ao Recanto da Ilha, e quando estava quase chegando à margem do lago, percebi que os gritos estavam bem mais próximos. Na verdade, a pessoa que fazia aquela gritaria toda estava vindo exatamente na minha direção. Ficou claro para mim que o sujeito estava completamente desesperado e que havia algo atrás dele. Confesso que senti uma ponta de receio daquele alvoroço todo, e decidi me ocultar entre as árvores, no lado oposto do caminho. De lá, pude avistar o vulto do homem correndo pelo meio do mato e também uma *coisa* o perseguindo. Não dava para ver direito do que se tratava, mas logo entendi que era algo grande e pesado, pois vinha quebrando os

galhos das árvores e amassando os arbustos por onde passava, e que com certeza não era humano.

De repente, um cara saiu das sombras do bosque e, graças à iluminação de um dos postes que costeavam o caminho, pude ver que se tratava exatamente do ladrão ordinário que eu tanto procurava. Ele não chegou a me ver e, na verdade, nem conseguiu botar os pés na estrada. Antes disso, aquela coisa que o perseguia saltou do meio das árvores, agarrou o sujeito pelas pernas e o arrastou de volta para dentro da mata.

Que criatura mais incrível era aquela! Gigantesca, ágil e extremamente forte! Tinha uma pelagem todinha negra e olhos avermelhados que pareciam reluzir. Na hora que a vi, senti um misto de medo e fascínio, mas logo o medo se tornou mais forte, principalmente quando presenciei a coisa arrancando a cabeça do marginal com espantosa facilidade. Naquele momento senti um impulso de sair correndo e assim o fiz, tomando todo o cuidado para fugir de forma silenciosa e não chamar a atenção do monstro.

Depois que saí da Redenção, olhei para cima e contemplei a enorme lua cheia que brilhava no céu. Não tive dúvidas: aquela criatura era um lobisomem! Não era exatamente igual aos dos filmes, mas as características básicas estavam lá.

Quando cheguei em casa o medo já havia desaparecido e restava em mim apenas o fascínio por ter contemplado aquele ser extraordinário. Jamais imaginei que algo como aquilo pudesse existir de verdade, mas agora que eu sei que existe, não consigo pensar em outra coisa. Estou desde ontem andando de um lado para o outro da casa sem conseguir tirar da minha mente aquela cena espetacular. O lobisomem arrancou a cabeça do vagabundo com um único puxão! Como isso deve ser esplêndido! Como deve ser maravilhoso despedaçar marginais imundos com as próprias mãos! Mutilar, estripar, decapitar! Fantástico, fantástico! E não é só isso: mesmo que seja flagrado, um lobisomem jamais poderá ser reconhecido e identificado. É como se fosse um super-herói, mas sem o risco de ter a sua identidade secreta descoberta. E a força?! E a velocidade?! E a resistência?! Tudo incrível! Tudo sensacional!

Até ontem eu queria ser como o Robert De Niro naquele filme do taxista, mas agora estou decidido: quero ser um lobisomem! Para que revólver?! Para que faca do Rambo?! Para que *Magnum 44*?! Quero mais é triturar os vermes humanos com as minhas próprias mãos, garras e presas! Ainda não sei como vou me transformar, mas irei descobrir. Hoje mesmo vou até a locadora pegar alguns filmes e amanhã passarei na Biblioteca Pública Municipal e pesquisarei em livros sobre o tema. Tenho apenas uma certeza: ainda serei um lobisomem! Sim, ao raiar da próxima lua cheia, serei um lobisomem! Depois acertarei as contas com muita gente, e não

será apenas com os marginais que infestam as ruas desta cidade... Há muitos nomes na minha lista e a hora de cada um deles vai chegar... em breve!

PAPO DE TIRAS – PARTE II

– Ontem foram mais três! – exclamou Silveira, colocando o jornal em cima da escrivaninha – E bem no meio da Redenção! Isso não pode mais continuar, Chefe!

– Concordo plenamente. – respondeu o homem gordo e careca, do outro lado da mesa – Essa história já foi longe demais.

– Os rapazes estão querendo ir para as ruas... – disse Rubão, o outro policial militar que estava sentado ao lado de Silveira – Querem vasculhar tudo até encontrar o desgraçado que anda fazendo isso.

– Eu entendo que estejam irritados, mas não podem fazer isso, em hipótese alguma! – retrucou o Chefe – Lembra do que aconteceu no mês passado com Danilo e Donato, os gêmeos?! Há alguém nos caçando pela cidade e não podemos nos expor. Colocar os rapazes nas ruas só daria mais chances para os caçadores nos localizarem!

– Tudo bem, Chefe, jamais iremos desobedecer a uma ordem sua... – contemporizou Silveira – Mas o que o senhor pretende fazer?

– Só teremos lua cheia novamente no próximo mês. Até lá vocês e o pessoal da Civil vão continuar investigando. Além disso, eu deixei Jaques responsável por esse assunto, e vocês sabem como ele é um rastreador quase infalível. Tenho certeza de que sem demora ele vai chegar até o desgraçado.

– Sim... – concordou Silveira – Jaques é poderoso pra caramba... Se ele não conseguir achar esse nojento, então talvez ninguém consiga.

– Vamos fazer o seguinte... – propôs o Chefe, levantando-se de sua cadeira – aguardaremos até o próximo mês. Se nem vocês, nem o nosso pessoal da Civil conseguir pistas que nos levem ao sujeito, e nem mesmo Jaques for capaz de pegá-lo, então colocaremos todos os rapazes nas ruas e vamos revirar com tudo até encontrá-lo.

Os dois policiais militares consentiram com acenos de cabeça.

– Ótimo! – exclamou o Chefe, conduzindo a dupla através do corredor que ligava o escritório dos fundos ao açougue – Agora vão embora e me deixem trabalhar! Preciso ajudar os funcionários! Hoje é domingo e as coisas ficam muito movimentadas... Todo mundo querendo carne para o churrasco!

Os policiais se despediram e tomaram o rumo da saída. Intimamente, Silveira não conseguiu deixar de achar graça ao ver aquele homem grande e gordo vestindo um avental e dirigindo-se para o balcão de carnes, pronto para oferecer filés e picanhas para os fregueses. Quem o via apenas em seu ambiente de trabalho, jamais poderia imaginar que sob a aparência pacata e engraçada do açougueiro estava um dos lobisomens mais antigos e poderosos de que se tinha notícia. Tão

poderoso a ponto de liderar há muitos anos, um grupo formado por nada menos do que dezenas de outros licantropos. Embora não estivesse totalmente de acordo com as ordens, Silveira diria para todos obedecerem-nas, e assim seria feito. Até onde se sabia, ninguém jamais tinha desobedecido aquele ser e permanecido vivo para vangloriar-se disso.

Como fazia quase que diariamente, Carolina desembarcou do ônibus na parada que ficava exatamente à meia quadra de distância da sua casa. A diferença era o fato de que naquela noite ela fez isso várias horas depois do habitual, pois quando saiu da locadora decidiu aceitar o convite de um grupo de amigos para bater um papo e tomar algumas cervejas em um bar da Cidade Baixa. Em função disso, ela encontrava-se levemente ébria, de forma que, mesmo já sendo tarde e a rua estando deserta, não percorreu o curto trajeto com a mesma velocidade e atenção de sempre.

A moça estava tão absorta relembrando determinadas passagens da conversa com os amigos que nem percebeu quando um vulto saiu detrás de um muro e correu na direção dela, a pouco mais de uma dezena de metros de distância da sua residência. Quando ela finalmente ouviu o barulho dos passos, já era tarde demais. Antes que pudesse se virar, sentiu um baque doloroso nas costas e caiu de bruços na calçada. Surpreendida, mal teve tempo de soltar um gemido de dor antes que dedos fortes agarrassem o seu pescoço. Impossibilitada de gritar, Carolina sentiu-se invadida pelo pavor ao ser arrastada de forma truculenta para o outro lado da rua, mais especificamente para detrás do muro que delimitava o terreno baldio onde seu agressor estivera escondido, espreitando-a.

Debilitada e prestes a perder a consciência mediante a violenta agressão, Carolina ainda percebeu que suas roupas estavam sendo rasgadas em meio à saraivada de golpes que recebia. Quando sentiu a primeira mordida que rasgou a sua carne, ainda tentou gritar, mas já não tinha mais forças para isso.

*

Quando César entrou na rua da sua casa, já passava das quatro horas da manhã. Ele poderia ter chegado pelo menos uma hora antes, se quisesse, mas fez questão de demorar mais na esperança de que a esposa estivesse em um sono profundo e não acordasse quando entrasse no quarto. Assim seria poupado de um longo interrogatório que viria acompanhado de acusações de infidelidade e outras coisas piores. Ele tinha consciência de que a velha desculpa do churrasco com os colegas da loja não estava mais colando e talvez, em um futuro próximo, não haveria outra alternativa a não ser contar a verdade. O processo do divórcio com certeza seria terrivelmente desgastante, mas o fato é que ele já não suportava mais viver ao lado daquela mulher.

Suas reflexões só foram interrompidas no momento em que ele estacionou o carro diante do portão e acionou o controle remoto. Durante o breve momento em que aguardava a grade subir para poder entrar, percebeu em um sobressalto que alguém, ou alguma coisa, corria na sua direção. No momento em que olhou para o

lado, na tentativa de distinguir melhor o vulto que já se encontrava muito próximo, o vidro da janela da porta estourou, fazendo-o gritar de susto. Instintivamente, tentou se afastar, mas foi agarrado pelos cabelos e pela gola da camisa, sendo puxado para fora do carro até quase a cintura.

Apavorado, César queria se desvencilhar de seu oponente e também chamar por socorro, mas tudo que conseguiu foi emitir um lancinante grito de dor quando a sua garganta foi rasgada com uma violenta e dolorosa mordida.

Estendido na calçada e agonizando em meio a uma enorme poça formada pelo seu próprio sangue, o homem viu as luzes de várias casas circundantes sendo acessas enquanto seu agressor fugia. Naquele momento, ele sentiu vontade de vislumbrar o rosto da esposa por uma última vez e quem sabe até lhe pedir desculpas por ter sido sempre um péssimo marido. Porém, seu último desejo foi em vão. Quando a mulher correu até o seu corpo, chorando e gritando desesperadamente, ele já estava morto.

PAPO DE TIRAS – PARTE III

– Tem certeza de que não teremos problemas caso algum legista nos encontre aqui? – perguntou Jaques, enquanto caminhava ao lado do companheiro através de um longo e mal iluminado corredor.

– Absoluta. – respondeu Lauro – Como policial civil, eu estou autorizado. Caso apareça alguém, basta ficar quieto e vão pensar que você também é da polícia.

– Ótimo! – concordou Jaques, achando graça do jeito do companheiro – E o que já sabemos até agora?

– As duas mortes ocorreram com umas três horas de diferença entre elas. – explicou o policial – Primeiro foi a moça, no centro, e depois o lojista, no Bom Fim. Ao que tudo indica, no ataque da garota não houve testemunhas, mas vizinhos do comerciante dizem ter visto um homem nu fugindo da cena do crime.

– Um homem nu... ?!

– Exatamente.

– Então estamos falando de ataques cometidos por um dos nossos, certo?

– Não tenho certeza. – respondeu Lauro, abrindo a porta da sala principal do necrotério – Há algo diferente dessa vez. É para ver isso que você está aqui.

Rapidamente, o policial conduziu o companheiro até o fundo do recinto, onde havia dois cadáveres perfilados em duas diferentes macas. Estavam cobertos por lençóis brancos manchados de sangue.

– Veja! – disse Lauro, descobrindo o corpo da moça – Depois me diga o que acha.

Jaques rapidamente envolveu suas mãos com um par de luvas de borracha descartáveis e passou a analisar o cadáver atentamente.

– Marcas de espancamento, indícios de violência sexual... Até aqui tudo corriqueiro... mas...

– Mas...? – repetiu o policial, curioso.

– Os arranhões são muito superficiais... Essas mordidas com certeza não foram obra de um licantropo, mas sim de um ser humano!

– Foi o que pensei. – disse Lauro – E você reparou como essas mordidas são bem localizadas?

– Sim... – respondeu Jaques – Nas bochechas, nos seios, nas nádegas...

– Essa é a principal diferença em relação ao outro cadáver, que recebeu uma única mordida no pescoço. Mas não tenho dúvidas de que se trata do mesmo assassino.

– Que maravilha! – exclamou Jaques, em tom irônico – Então agora, além do *Decapitador*, ainda temos um tarado canibal à solta pela cidade! Isso tudo está

ficando cada vez melhor!

– Você está esquecendo de colocar na lista dos problemas o fato de que também há caçadores na cidade. – retrucou o policial, com apreensão – Como se não bastasse, está ficando cada vez mais difícil manter a imprensa sob controle, e a população já anda em pânico. Entendemos que o Chefe tem muita confiança em você, Jaques, mas todos do grupo estão preocupados... A situação está ficando insustentável.

– Eu sei, eu sei... – respondeu Jaques, em tom contemporizador – Mas ainda teremos duas noites de lua cheia neste ciclo, e eu estou realmente convencido de que posso rastrear o *Decapitador*. Tenho me dedicado a isso há semanas! Só peço mais duas noites, ok? Quem sabe a sorte não sorri para mim e esse tarado maluco também não acaba cruzando o meu caminho...?!

– Tomara que isso aconteça... – concluiu Lauro – Para o bem de todos.

Tadeu chegou ao Parque da Redenção convencido de que naquela noite sua vítima deveria ser uma mulher. Não poderia ser uma inocente, pois ele tinha como princípio só dar cabo de quem possuía contas a acertar, com a sociedade ou com ele próprio. Na noite anterior ele já tinha *cobrado* as suas dívidas pessoais de maior importância, de forma que, naquele momento, a intenção era prestar um serviço à cidade, impedindo alguma prostituta imunda de continuar espalhando doenças e degradação, ou impedindo uma viciada qualquer de seguir financiando o tráfico que crescia nas ruas, dia após dia.

De forma apressada, Tadeu caminhou até o interior do parque e escolheu uma área deserta, arborizada e escura. Em seguida, como se em um frenesi, despiu-se completamente, ergueu a cabeça na direção da lua cheia e emitiu um longo uivo que denotava uma doentia excitação. Estava pronto para a caçada.

Movendo-se sempre em meio à escuridão, perambulou pelos caminhos secundários do parque em busca de uma vítima em potencial. Localizar um alvo ideal não foi uma tarefa das mais fáceis, e a cada minuto que passava ele sentia-se mais ansioso e excitado.

Finalmente, depois de um período que lhe pareceu longo demais, avistou uma prostituta transando com um velhote atrás de uma árvore, perto do lago. Quando chegou mais próximo, pôde ver com clareza o idoso pagando à mulher e se afastando. Seus ouvidos atentos captaram com perfeição o momento em que ela disse que iria urinar antes de voltar para a parte movimentada do parque. Seria naquele momento. Esperaria até a prostituta estar distraída e então saltaria sobre ela, tendo o cuidado de logo agarrar a sua garganta para impedi-la de gritar.

Tentando ser o mais silencioso possível, Tadeu se aproximou lentamente por entre as árvores. Não mais de seis ou sete metros o separavam do seu alvo e ele salivava ao mesmo tempo em que sentia seu corpo tremer de excitação. Estava prestes a correr na direção da presa, quando, subitamente, algo insólito aconteceu. Com uma rapidez espantosa, alguém surgiu do meio dos arbustos que ficavam do lado oposto de onde ele se encontrava e agarrou a mulher com grande truculência, arrastando-a para longe em seguida.

Surpreendido, Tadeu ficou ainda mais espantado por ter tido a impressão de que quem havia literalmente roubado a sua vítima tinha sido um simples menino maltrapilho. Furioso e inconformado, ele seguiu o rumo tomado pelo agressor. Ele não estava disposto a abrir mão da sua presa e, se fosse preciso, acabaria com o garoto também, pois não deveria ser ninguém além de um ladrãozinho vagabundo e viciado em crack.

Seguindo os gemidos e gritos abafados emitidos pela mulher, Tadeu logo percebeu que ela havia sido arrastada para debaixo de uma pequena ponte que ficava nas imediações do Recanto da Ilha. Conforme se aproximava do declive, sua fúria parecia diminuir progressivamente de intensidade. Isso decorria do fato de que os sons que vinham lá de baixo estavam se tornando inegavelmente mais inquietantes e perturbadores. Tadeu não teve dúvidas de que a vagabunda estava sofrendo um bocado nas mãos do seu raptor, mas quem diabos seria aquele garoto?! O que ele estaria fazendo de tão brutal com aquela mulher?!

Mesmo sem a convicção de antes, Tadeu decidiu que não iria voltar atrás. Uma significativa dose de mórbida curiosidade lhe impelia, assim como um sentimento de inconformidade perante a situação. Afinal, ele não era um lobisomem?! Certamente não poderia temer um simples menino de rua. Estufando o peito como se de forma a ganhar confiança, Tadeu saltou para debaixo da pequena ponte. No instante seguinte, a cena que contemplou quase o fez recuar e correr de volta para a estrada.

O panorama da situação era tão atroz e bizarro que Tadeu sentiu uma incômoda sensação de náusea. A mulher já estava praticamente desacordada mediante o flagelo a que estava sendo submetida e o menino, ao ser surpreendido, parou com sua diversão e passou a observar atentamente o recém-chegado. E como era grotesco o aspecto daquele garoto! Aquelas cicatrizes! O que poderia tê-las causado?! Mas o mais perturbador eram os olhos... O que havia naqueles olhos?!

– Mas que merda é essa?! – exclamou o garoto, com uma voz grave e possante, que em nada parecia compatível à sua idade aparente.

Em resposta, o homem nu que acabara de chegar apenas emitiu um rosnado, como em tom de ameaça.

Achando graça da situação, o menino emitiu uma gargalhada cavernosa e largou a mulher, que caiu ao chão, desacordada.

– Eu sou Jarbas! – disse o garoto, se aproximando do desconhecido com a mãe estendida, com se na intenção de cumprimentá-lo – E você, quem é?! O *Tarado do Parque*?

Esforçando-se para soar assustador, o recém-chegado rosnou novamente e recuou um passo, de forma brusca. Por sua vez, o menino voltou a gargalhar, de forma ainda mais intensa.

– Não ria, moleque! – vociferou o homem, emulando um tom de voz que lhe parecia macabro – Eu sou Tadeu... E sou um lobisomem!

Desta vez o garoto riu tanto que precisou se escorar na lateral da ponte para recuperar o fôlego.

– Você é um lobisomem?! – exclamou Jarbas em tom irônico, entre uma risada e outra – Então digamos que aquela puta ali no chão é a Chapeuzinho

Vermelho... E eu?! Quem você quer que eu seja?! O caçador ou a vovozinha?!

Enfurecido, Tadeu emitia um uivo e posicionou-se de uma forma que dava a impressão de que poderia saltar sobre o garoto a qualquer instante.

– Escute, seu otário... – disse Jarbas, aproximando-se daquele homem que considerava tão ridículo e patético – Já que você quer tanto ser um lobisomem eu...

O garoto não teve tempo de concluir a frase, pois, em meio a um rosnado de raiva, Tadeu avançou em sua direção e o agarrou pelo pescoço com a mão direita. Surpreso com a audácia do sujeito, Jarbas ficou pasmo e sem reação, mas por não mais do que um breve instante. Segundos depois, ele deixou o lobo aflorar de dentro de si e, tomado pelo mais profundo ódio, agarrou com as duas mãos o braço do agressor, torceu-o para a direita e o arrancou, em um gesto de extrema selvageria.

Gritando desesperadamente de dor e pavor, Tadeu caiu de joelhos, tentando estancar com a mão esquerda o sangue que jorrava do enorme ferimento que havia onde antes estivera seu braço direito. Em choque, ele ergueu a cabeça e percebeu horrorizado que, no lugar do menino, estava aquele enorme monstro que no mês anterior havia matado um marginal diante de seus olhos. E já era tarde demais para quaisquer outras conclusões.

Com uma única e vigorosa patada, o lobisomem arrancou a cabeça de Tadeu e fez com que ela se chocasse de encontro à lateral inferior da ponte. Logo em seguida, Jarbas iniciou o processo de metamorfose que o convertia novamente à sua forma humana. Foi nesse momento que ele ouviu a voz que vinha de cima do barranco.

– Bravo! Bravo! – exclamou em tom irônico um homem que se aproximava batendo palmas – Que cena apoteótica! É uma pena eu não ter uma filmadora, pois algo assim com certeza renderia um belo conto de terror!

– Pelo jeito hoje é a noite dos intrometidos! – resmungou Jarbas, observando o sujeito com desconfiança.

– Ah, certamente é uma grande noite! A noite em que conheci o famoso Jarbas!

Intrigado, o garoto ergueu a cabeça e inspirou profundamente.

– Você é como eu. – disse Jarbas – Posso sentir o cheiro.

– Também sou um lobisomem, se é isso que quer dizer. Aliás, meu nome é Jaques.

– Nunca ouvi falar. Mas, pelo jeito, alguém andou lhe dizendo algo a meu respeito.

– Foi Bruno quem me falou de você. Lembra dele? O menino que você transformou há nove anos atrás.

– Bruno... – repetiu Jarbas, pensativo – Ele está morto?

– Eu o estripei com essas mãos! – respondeu Jaques, com um gesto provocativo. – E antes de morrer ele disse que o odiava. Na verdade, me pediu para lhe dizer isso.

– Transformei Bruno porque achei que ele era parecido comigo! Mas eu estava enganado! Ele era fraco! Nas noites de lua cheia se comportava como um cachorro louco e ao amanhecer corria chorando para o *colinho* da mamãe!

– Pois você deveria saber que apenas uma minoria se adapta à ideia de se tornar um lobisomem... E ainda assim costuma levar muito tempo.

– Mentira! – vociferou Jarbas – Eu me adaptei depressa e logo aprendi a me controlar, mesmo na lua cheia.

– Isso porque você provavelmente *queria*, e muito, ser um lobisomem! – retrucou Jaques – Está na cara que você *adora* ser assim! Mas e Bruno?! Será que ele também queria?!

– Eu estou pouco me lixando para o Bruno, para você e para o raio que o parta! Não ligo a mínima!

– Isso todo mundo já sabe. – insistiu Jaques – E foi por isso que o meu grupo me mandou atrás de você. Ninguém está gostando da sua indiscrição.

– Ah, você tem um grupo...! – retrucou Jarbas, em tom de deboche.

– Sim. Um grupo numeroso e muito bem organizado, que vive há várias décadas inserido discretamente em meio à sociedade.

– Que lindo! – exclamou o garoto, com ironia – E você é o líder dos lobinhos?!

– Não, muito pelo contrário. Sou apenas um empregado. Uma espécie de gari encarregado de retirar das ruas montes de lixo como você!

– Ah, acho que já estou entendendo!

– Será mesmo que você pensou que poderia sair por aí arrancando cabeças sem chamar a atenção de ninguém?!

– Ora, mas é divertido! – exclamou Jarbas, ainda em tom irônico – Veja só como eu faço!

Sem titubear, o garoto andou até a prostituta desacordada, torceu o pescoço dela com as duas mãos e, em seguida, arrancou-lhe a cabeça.

– Seu filho da puta asqueroso! – vociferou Jaques.

– Isso é para que você entenda... – retrucou Jarbas – Que eu não me importo com ninguém, não obedeço ninguém, não ligo a mínima para ninguém e quero que você e todo o seu grupo de lobinhos vão para o inferno!

– É possível que isso um dia aconteça! – gritou Jaques de forma bastante grave, ao mesmo tempo em que retirava o casaco e rasgava a própria camisa – Mas você vai para o inferno primeiro!

Antes mesmo que oponente tivesse tempo de completar a metamorfose, Jarbas saltou sobre ele, o agarrou pelo pescoço e o arremessou para cima do barranco que ladeava a ponte.

Jaques mal havia se levantado quando sentiu as garras poderosas do adversário rasgando a carne das suas costas, ao mesmo tempo em que uma mordida violentíssima dilacerou seu ombro. Extremamente surpreso com a velocidade do ataque, ele teve grandes dificuldades para se desvencilhar do seu inimigo e, quando o fez, conseguiu atingi-lo com a patada mais forte que pode desferir. Observou quando Jarbas tombou com a cabeça sangrando e tornou a levantar-se dois segundos depois, pronto para dar prosseguimento ao sangrento combate.

Custando a acreditar no que via, Jaques foi obrigado a admitir para si próprio que o seu adversário era realmente muito poderoso. Certamente um dos mais fortes que já havia encontrado até então. Quando Jarbas voltou a atingi-lo com uma sucessão de patadas tão fortes e rápidas que era simplesmente impossível defender-se de todas, ficou claro para ele que o mais óbvio a fazer era bater em retirada.

Em um gesto desesperado, Jaques conseguiu agarrar Jarbas pelo dorso e suspendê-lo no ar. Em seguida, tomou todo o impulso que pôde e o arremessou dentro do lago. Esse ato lhe valeu alguns instantes de preciosa trégua, na qual pôde finalmente fugir.

Sentindo medo como poucas vezes sentiu ao longo de toda a sua vida, Jaques correu o máximo que pôde e só parou quando julgou que já estava a uma distância segura. Em meio à fuga, ainda cruzou por quatro ou cinco pessoas que correram apavoradas mediante aquela visão insólita. Ele tinha consciência de que isso era um gesto de imprudência, mas, por força das circunstâncias, não houve alternativa.

Quando finalmente chegou em casa, depois de percorrer diversas ruas com o devido cuidado para não ser visto, Jaques foi diretamente para o banheiro e literalmente se deitou no box, permitindo que a água morna do chuveiro escorresse sobre o seu corpo debilitado. Permaneceu assim por um longo tempo, e só saiu depois de certificar-se de que a sua força licantrópica já estava fazendo com que os ferimentos – sobretudo a mordida no ombro – comesçassem a cicatrizar. Enrolado em uma toalha, ele foi até a sala, tirou o telefone do gancho e discou um número. Ao constatar que ninguém atendia, realizou nova ligação, desta vez sendo mais bem sucedido.

– Alô?!

– Olá, Chefe. Aqui é o Jaques.

– Jaques! – repetiu a voz do outro lado da linha, sem disfarçar a irritação – Eu já não disse que não quero ninguém de vocês ligando para a minha casa?!

– Perdão, Chefe, mas acontece que o senhor não atendeu ao celular, e o assunto é urgente!

– Do que se trata?!

– Nem sei por onde começar...

– Comece pelo começo, ora!

– Bem, o senhor lembra-se do caso do canibal? O assassino que matou aquelas pessoas ontem?

– Sim!

– Então, eu o encontrei. Gostaria que o senhor tivesse visto! O cara era completamente doido! Na sua mente doentia ele acreditava ser um lobisomem, e se comportava como tal.

– Pensava ser um lobisomem?!

– Sim! Ele parecia estar vivenciando uma ilusão esquizofrênica, ou algo parecido, e estava convencido de que se transformava em lobisomem. Por isso os assassinatos cometidos à base de mordidas.

– Mas era só o que faltava! E você o matou?!

– Não. Quem o matou foi o *Decapitador*.

– O *Decapitador*?! Jaques, são três horas da manhã e você sabe muito bem que essa não é uma noite muito propícia para bate-papos! Seja mais direto, por favor!

– Pois então, Chefe, foi o *Decapitador* quem matou esse cara! Finalmente eu o encontrei e posso lhe assegurar que ele é um lobisomem muito, mas muito poderoso!

– E você matou esse desgraçado ou não?

– Não. Na verdade foi ele quem quase acabou comigo. O senhor está entendendo agora?!

– Meu Deus! – exclamou o chefe, depois de alguns segundos em silêncio – E o que você sabe sobre ele?!

– Sei que ele se chama Jarbas, tem aparência de um menino de doze ou treze anos e não creio que seja muito antigo, embora possua uma força realmente espantosa. Ah, mais uma coisa: ele é um verdadeiro psicopata. Um filho da puta completamente doido e capaz de fazer qualquer coisa! Precisamos eliminá-lo o quanto antes!

– Amanhã mesmo vou falar com o Lauro e com os rapazes da polícia Civil para que tentem descobrir o máximo de informações possíveis sobre esse demônio!

– Perfeito. Creio que o pessoal da Militar, Silveira, Rubão e os outros também devem tomar parte disso.

– Claro. Amanhã vou convocar uma reunião. Avisarei o local e o horário.

– Ótimo. Gostaria também de pedir para que o senhor...

Jaques não conseguiu completar a frase, pois ficou tão espantado quando a janela da sala foi arrombada que o telefone acabou caindo das suas mãos. Antes

que ele pudesse se virar para contemplar quem, ou o que havia invadido a sua casa, sentiu novamente dedos fortes como o aço fechando-se ao redor de seu pescoço.

– Surpresa! – gritou Jarbas em meio a uma gargalhada.

Apavorado Jaques tentou se desvencilhar do seu agressor, mas desta vez ele realmente tinha sido pego desprevenido. Sequer estava conseguido metamorfosear-se a tempo de reagir.

– Pensou que tinha conseguido fugir, seu babaca?! – vociferou Jarbas, semitransformado – Eu poderia seguir o cheiro do seu sangue nojento até o fim do mundo se fosse preciso!

Percebendo que Jaques estava conseguindo se transformar, Jarbas entendeu que era melhor não perder tempo. Concluiu sua própria metamorfose e, com extrema brutalidade, cravou suas presas na garganta do inimigo e dali arrancou um grande naco de carne, fazendo com que o sangue do oponente jorrasse pela sala. Não satisfeito, ainda torceu a cabeça do adversário até o limite do que era fisicamente possível e depois a arrancou.

– Lembranças do *Decapitador* ao grupo de lobinhos! – resmungou ele, ao retornar à sua forma humana e um instante antes de saltar novamente através da janela e desaparecer nas sombras da noite.

Quando Silveira estacionou diante do açougue, Lauro já estava lá, zanzando de um lado para o outro da calçada e fumando feito uma chaminé.

– Você já está sabendo? – perguntou o policial militar, ao desembarcar do carro.

– Com certeza! – respondeu Lauro.

– Foi um dos nossos?!

– Claro! Ao que tudo indica foi o *Decapitar*!

– Porra, esse desgraçado deve ser forte pra caramba! – exclamou Silveira – Depois do Chefe, acho que Jaques era o mais poderoso licantropo que já conheci!

– Exatamente. – concordou o policial civil – Isso mostra o quanto estamos encrencados! Mas, vamos entrar e ver o que o Chefe tem a dizer.

Tão logo os dois policiais adentraram no açougue, um dos funcionários os avistou e gesticulou indicando que seguissem pelo corredor, até o escritório que ficava nos fundos do estabelecimento.

Tão logo puseram os pés na pequena sala, perceberam que a fisionomia do Chefe estava denotando grande preocupação.

– Acabei de falar com o Deputado... – disse o líder dos licantropos, indicando para que os policiais se sentassem – E ele não teve dúvidas: recomendou que colocássemos todos os rapazes nas ruas, até encontrarmos o filho da puta que fez isso com o Jaques.

– Eu acho uma ótima ideia. – concordou Silveira.

– O que mais podemos fazer? – perguntou Lauro.

– Vocês podem angariar o máximo de informações possíveis sobre o *Decapitador*. – respondeu o líder – Jaques teve tempo de me dizer que ele se chama Jarbas, tem aparência de um menino de doze ou treze anos e que é forte pra caralho!

– Se conseguiu acabar com o Jaques, deve ser realmente muito poderoso. – resmungou Silveira.

– Com certeza! – consentiu o líder – E digo mais uma coisa para vocês: se os recursos da polícia não forem suficientes, vamos contratar detetives particulares ou o diabo a quatro! Precisamos achar esse desgraçado e acabar com ele! Logo!

– Certamente, Chefe. – disse Lauro – Essa é uma questão de extrema urgência.

– Eu vou passar o resto da manhã aqui e ligarei para todos os nossos contatos no interior do Estado e até de fora. – continuou – Vou pedir para que verifiquem possíveis informações sobre esse cara e deixarei todos de sobreaviso. Se for necessário, eles serão chamados para nos auxiliar neste caso.

– O senhor está certo. – concordou Silveira.

– Ok. Agora caiam fora e façam a parte de vocês. Mantenham-me informado sobre tudo e não se esqueçam: esse tal de Jarbas provavelmente seja a maior ameaça que já enfrentamos desde que o grupo se formou.

– Faremos tudo que estiver ao nosso alcance, Chefe. – disse Lauro, já se retirando em companhia de Silveira.

De volta à rua, acenderam cigarros e permaneceram alguns instantes em silêncio, cada um absorto em seus próprios pensamentos.

– E agora? – perguntou Lauro, preocupado.

– Agora é simples: ou a gente acaba com esse cara, ou estamos ferrados! – respondeu Silveira, em tom não menos apreensivo.

PRELÚDIO



PARA O FIM

Um diálogo inusitado

– Nossa, ela é realmente muito gostosa! – disse Ricardo, enquanto olhava para fora da janela com o binóculo.

– Sim. – concordou Eduardo – Para uma assassina bonita desse jeito não deve ser difícil seduzir suas vítimas.

– Cara, você é quem deve ser um psicopata para passar dias e noites observando sua vizinha com um binóculo! Mesmo que seja uma vizinha extremamente atraente, como essa.

– Mas eu já expliquei tudo! No começo eu a observava justamente para apreciar seu belíssimo corpo, mas depois passei a fazer isso porque percebi que todos os homens que entram na casa dela não saem mais.

– Eles podem ter saído enquanto você não estava olhando. – respondeu Ricardo, ainda observando com o binóculo a mulher que plantava flores no pátio da casa localizada do outro lado da rua.

– Eu cheguei a deixar a minha filmadora aqui gravando tudo por horas e horas! Depois analisei todas as imagens e posso lhe assegurar: vários já entraram naquela casa, mas ninguém nunca saiu de lá a não ser a dona. Além disso, você sabe tão bem quanto eu que vários desaparecimentos têm sido registrados na cidade nos últimos meses.

– Se você desconfia dela então por que não liga para a polícia?

– Ora, você nunca assistiu aqueles filmes dos anos 80 tipo *Meus vizinhos são um terror* ou *A Hora do Espanto*? Sempre que alguém procura a polícia para dizer que desconfia de um vizinho acaba não dando em nada. Acho que devemos investigar por conta própria.

– Ah, seu safado, então você está querendo invadir a casa dela, é isso?! – questionou Ricardo, em tom de deboche – Talvez esteja querendo mexer nas coisas dela para ver se encontra algumas fotos sensuais, ou quem sabe um vibrador?! Já sei: você quer mexericar nas calcinhas cheirosas dela!

– Não é nada disso! – respondeu Eduardo, constrangido.

– Ora, não precisa ficar vermelho! Na verdade, eu gosto dessa ideia. Principalmente da parte das calcinhas. Eu vou lá com você!

– Seu babaca! E depois eu é quem sou o tarado, não é mesmo?! Mas tudo bem. Amanhã meus pais vão jantar fora. Você acha que a sua mãe deixa você vir dormir aqui?

– Sim. Acredito que não haverá problemas.

– Ótimo! Poderemos entrar lá depois que escurecer. Eu sempre a vejo saindo no meio da tarde e voltando só lá por perto da meia-noite. Teremos tempo.

– Ok, mas se alguma coisa der errada vou dizer para todo mundo que foi tudo culpa sua! – disse Ricardo, com um sorriso zombeteiro nos lábios.

– Tudo bem. Não seria a primeira vez que você faria isso. – respondeu Eduardo, em tom igualmente debochado.

Sonhos quentes para uma noite longa

Como se fossem premonições arquitetadas pelas artimanhas obscuras do destino, naquela noite ambos os garotos tiveram sonhos de teor surpreendentemente parecido. Ambos sonharam com a bela e misteriosa vizinha nova, cuja casa iriam invadir na noite seguinte.

Em seu sonho, Eduardo via a si mesmo deitado em sua cama, no meio da noite. Como se fosse um filme, ele podia ver quase que simultaneamente a vizinha atravessando a rua e caminhando na direção da sua casa. Ela estava completamente nua e seus longos cabelos negros esvoaçam cinematograficamente com a brisa da noite. Por alguma razão enigmática – daquelas que insistem em se manifestar de forma assustadoramente real em alguns sonhos – a porta da casa estava aberta, e o garoto pode ver a vizinha adentrando tranquilamente através da penumbra da sala e se dirigindo de forma decidida ao seu quarto. Seu coração batia de forma cada vez mais acelerada na medida em que ele sentia que ela subia as escadas, e no momento em que a porta do quarto se abriu e a moça invadiu o aposento com sua beleza estonteante e ao mesmo tempo opressiva, ele teve a impressão que podia sentir o cheiro doce e sensual que exalava de seu corpo.

De forma quase agressiva, a moça puxou o lençol que cobria o corpo de Eduardo e, sem pestanejar, pulou sobre ele, beijando-o e lambendo-o de forma voluptuosa. De olhos fechados, o jovem sentia de forma cada vez mais intensa o contato prazeroso do corpo da moça no seu. Porém, em determinado momento, ele abriu os olhos e, naquele exato momento, vislumbrou o brilho ameaçador de um punhal que a vizinha ostentava em uma das mãos e que, de forma rápida e decidida, cravou com violência em seu peito.

Eduardo acordou sobressaltado e coberto de suor. Então, levantou-se rapidamente e correu até a sala para conferir se a porta da frente estava realmente bem trancada.

Por sua vez, Ricardo sonhou que era ele quem invadia a casa da misteriosa mulher na calada da noite. Dentro do quarto, ele revirava as gavetas e cheirava com

avidez todas as calcinhas que encontrava pela frente. Até que, em dado momento, ao olhar na direção da cama, ele avistou a moça deitada, nua e ostentando um olhar extremamente sensual e convidativo. Sem pensar duas vezes, o garoto despiu-se rapidamente e partiu para cima da mulher possuindo-a avidamente e sendo plenamente correspondido. A sensação de prazer encaminha-se para seu clímax, quando ele ouviu as suas costas a voz de Eduardo gritando: *Você não pode fazer isso! Ela é uma assassina! Uma assassina! Assassina!*

Com essas palavras ecoando em sua cabeça, ele acordou sobressaltado e coberto de suor, amaldiçoando Eduardo por ser um estraga prazeres até mesmo nos sonhos.

Abrindo a caixa

Na tarde seguinte, Eduardo estava de plantão na janela de seu quarto em companhia do inseparável amigo. Juntos aguardavam com os binóculos em mãos pelo momento em que a vizinha da casa em frente sairia.

– Lá vem ela! – gritou Ricardo, empolgadamente – Nossa, que pernas!

– E que decote! Está com os seios praticamente de fora! – complementou o outro, não menos empolgado.

– Hoje é sábado. Talvez ela demore bastante pra voltar. Acho que teremos tempo.

– Sim, dificilmente ela volta antes da meia-noite. Já está quase escurecendo. Tão logo os meus pais saíam para jantar a gente parte para a nossa missão.

– E os seus irmãos? – perguntou Ricardo.

– Eles ficarão bem. A Dani já tem oito anos e pode cuidar do Betinho. Direi que eu e você vamos até a *lan house*. Eles vão assistir um pouco de TV e depois irão dormir.

– Ok. Mas você sabe que se acontecesse qualquer coisa com eles, os seus pais ficariam loucos.

– Com certeza. Mas fique tranquilo. Nada de mal vai acontecer com eles. – finalizou Eduardo.

*

Uma hora depois, os garotos já estavam diante da porta dos fundos da casa da misteriosa vizinha. Em posse da maleta de ferramentas do seu pai, Eduardo tentava desmontar a fechadura.

– Tem certeza que vai dar certo? – perguntou Ricardo, de forma apreensiva.

– Claro! – respondeu o amigo, de forma confiante – Já treinei em várias portas da minha casa. Daqui a dois minutos estaremos do lado de dentro.

– Você reparou que deste lado da rua a única casa habitada da quadra é esta?
– questionou Ricardo, intrigado – As outras ainda estão com placas de *aluga-se*.

– Sim. Provavelmente a nossa misteriosa vizinha também levou isso em conta na hora de adquirir a casa. Quanto menos gente observando-a, melhor.

Em seguida, a fechadura foi completamente desmontada e a porta se abriu. Ao adentrar na casa, os invasores encontraram-na completamente às escuras, exceção feita à fraca luz da lua cheia que começava entrar timidamente através das vidraças.

– Vamos para o quarto! – disse Ricardo, subindo as escadas com indisfarçável empolgação e sendo seguido de perto pelo amigo.

No quarto da moça, tudo parecia absolutamente normal. Ricardo começou a mexericar nas gavetas e quando encontrou as roupas íntimas da dona da casa, começou a cheirá-las excitadamente.

– Nossa! São ainda menores do que no meu sonho! – exclamou ele.

– Você é um tarado incorrigível! – exclamou Eduardo, enquanto olhava debaixo da cama.

Ali, o garoto encontrou uma grande mala preta de couro com fivelas prateadas. Ao abri-la, levou um enorme susto ao constatar que no seu interior havia um rifle desmontado, um revólver, dois punhais e um par de algemas.

– Veja! – exclamou o garoto – Eu tinha razão! Esse arsenal confirma as minhas suspeitas!

– E o que vamos fazer agora?! – perguntou Ricardo, compartilhando pela primeira vez da apreensão e do espanto do amigo.

– Vamos até o porão! Nos filmes sempre há algo sinistro escondido lá.

Tão logo desceram as escadas que levava ao subsolo da casa, os amigos voltaram a ficar sobressaltados ao se depararem com uma porta de aço.

– O que será que tem ali dentro? – questionou Ricardo, com voz trêmula.

– Provavelmente cadáveres, ou prisioneiros.

– Nós não vamos abrir essa porta não é mesmo?

– É claro que vamos! – respondeu Eduardo, removendo a tranca da porta e em seguida girando a maçaneta.

Então, pela terceira vez os garotos sentiram-se invadidos por uma sensação de estupor ao vislumbrar o que havia do outro lado da porta blindada. Presos por correntes fixadas nas paredes, estavam quatro homens completamente nus. Um deles era praticamente um menino e tinha o corpo repleto de cicatrizes e ferimentos, como se tivesse sido terrivelmente torturado. Outros dois aparentavam ter cerca de trinta anos e o último era um idoso.

Depois de um breve momento de hesitação em função da surpresa, logo os prisioneiros passaram a clamar por ajuda.

– O molho de chaves está preso naquele gancho ao lado da porta! Soltem-nos logo antes que *ela* volte! – suplicou um dos homens.

– Depressa! Logo a lua cheia estará no ápice! – exclamou o velho.

Mesmo sem entender muito essa última frase, os garotos apressaram-se em pegar as chaves e começaram a libertar os prisioneiros. Apesar dos protestos dos demais, soltaram primeiro o garoto, depois os outros dois. O velho tinha ficado por último. Eduardo supôs que aqueles pobres coitados deveriam estar realmente apavorados, pois tão logo eram libertados já saíam correndo desesperadamente, sem esperar pelos que ficavam para trás.

Ricardo estava se aproximando de um dos cadeados que prendiam os pulsos do velho, quando viu algo que o fez recuar com um sobressalto. Os olhos do ancião haviam adquirido uma coloração avermelhada e brilhante, seus dentes tinham se convertido em presas pontiagudas e afiadas, e uma densa camada de pelos cinzentos estava brotando de sua pele.

– Demoraram demais, seus pirralhos de merda! – gritou o velho com voz gutural, enquanto os ossos de sua face se deslocavam para frente formando algo similar a um fuço lupino.

Os dois garotos já estavam prestes a sair correndo, quando subitamente a dona da casa entrou no recinto com um revólver em mãos. Sem hesitar, ela apontou a arma na direção do monstro que se debatia tentando romper as correntes e disparou. O tiro atingiu a cabeça da criatura, que soltou um breve urro e caiu sem vida. Em poucos segundos, seu corpo já estava novamente sob a aparência do velho.

– Seus garotos idiotas! Vocês têm noção da merda que fizeram! – gritou a moça furiosamente.

– Nós pensávamos que... – tentou argumentar Ricardo, com voz embargada.

– Não interessa o que vocês pensavam! – interrompeu a bela jovem – Vocês acabaram de libertar três lobisomens.

– Mas porque você os mantinha aqui? – pergunto o outro garoto.

– Para tentar obrigá-los a me dizer onde estão os outros! – respondeu a moça.

– Existem outros?

– Bem mais do que vocês podem imaginar! – afirmou ela, já se dirigindo para a escada que levava ao primeiro andar – Venham! Vocês devem ir para suas casas e trancar tudo. Eu irei atrás dos lobisomens. Famintos como eles estão, certamente atacam todos que encontrarem pela frente.

– Sim, nós vamos embora! Nós vamos embora! – concordou Ricardo, soluçando.

Nesse instante, uma barulheira enorme pôde ser ouvida vinda da direção da rua. Eram gritos desesperados acompanhados de pedidos de socorro e urros

monstruosos e aterradores.

– Estão ouvindo?! – indagou a moça, instantes antes de correr escada acima – Eles estão atacando!

– Vamos dar o fora, cara! Rápido! – suplicava Ricardo, olhando apreensivamente para o amigo.

Mas Eduardo ignorou-o. Ele permanecia imóvel e toda a sua atenção estava voltada para a tarefa de distinguir algo assustadoramente familiar que podia ser ouvido em meio à gritaria que vinha da rua. Seu sangue pareceu que iria congelar em suas veias, e seu apavorado coração quase parou no momento em que ele teve a certeza de ter identificado em meio ao alvoroço algo que o fez ser tomado pelo mais completo desespero. Em meio a rosnados furiosos e inumanos, distinguiu com clareza as vozes de seus irmãos, que gritavam agonizantemente enquanto eram devorados pelas bestas.

A cabana ficava a pouco mais de dois quilômetros de distância da zona urbana, em uma área rodeada por mata e às margens do maior rio da região. No passado, o proprietário a utilizava para passar os finais de semana pescando em companhia da família e de amigos, mas já fazia alguns anos que ele havia decidido transformá-la em uma fonte de renda complementar, alugando-a para terceiros. Em seu interior estava Ricardo, sentado à mesa e relendo pela trigésima vez um recorte de jornal datado de dois meses antes, cuja manchete era: *Ataque de misteriosos animais deixa quatro mortos*. O texto da matéria ele já tinha até decorado:

Um acontecimento insólito ocorrido na noite de ontem chocou os moradores da Rua João Lodi, no bairro Novo Horizonte. Animais ainda não devidamente identificados e de procedência desconhecida atacaram e mataram quatro pessoas em um intervalo de poucos minutos. De acordo com testemunhas, era por volta de 21 horas quando vários moradores ouviram gritos vindos de uma determinada residência. Na casa estavam apenas duas crianças: um menino de cinco anos e uma menina de oito, que acabaram tendo seus corpos parcialmente devorados pelas feras. Um homem e uma mulher, com idades respectivas de 75 e 72 anos, que residiam na casa ao lado, tentaram socorrer as crianças, mas também foram atacados e mortos pelos animais. À pedido das famílias, os nomes das vítimas estão sendo mantidos em sigilo. Quando a polícia chegou ao local, as feras já haviam fugido. Nos depoimentos colhidos pelos policiais, as informações prestadas pelos moradores divergiram no que se refere a possível autoria dos ataques. Alguns afirmam terem visto “cães gigantescos” saindo de dentro da casa onde ocorreram as mortes, enquanto que outros atribuíram os ataques a ursos, pois “caminhavam apoiados apenas nas patas traseiras”. Dois menores, ambos com 16 anos, e um deles irmão das crianças mortas, disseram para a polícia que os responsáveis pelo massacre foram “lobisomens” que estavam sendo mantidos em cativeiro no porão de uma casa localizada do outro lado da rua. No local indicado pelos adolescentes, os policiais encontraram as únicas pistas até o momento. No porão da residência, havia uma espécie de cela improvisada, onde uma porta de aço isolava um ambiente repleto de correntes e grilhões de ferro presos nas paredes. O proprietário da residência afirmou que não tinha conhecimento da construção da cela, e que a mesma foi realizada pela inquilina sem o seu consentimento. A polícia procura agora por uma mulher cujo paradeiro é desconhecido, chamada Vitória Rogan, de 25 anos, que foi a responsável pelo aluguel da casa e, provavelmente pela construção da cela. Os investigadores estão trabalhando com a hipótese de que ela mantinha animais selvagens em cativeiro,

possivelmente leões ou tigres, e que eles foram soltos acidentalmente, provocando os ataques. Se ficar comprovado que Rogan teve responsabilidade nas mortes, ela poderá ser indiciada por homicídio culposo. Por hora, a recomendação dada pelos policiais é para que a população evite deixar crianças sozinhas ao ar livre. Sugere também que se mantenham as portas e janelas trancadas e que possíveis avistamentos de animais estranhos sejam imediatamente comunicados às autoridades.

Ricardo largou o papel e recostou-se na cadeira, pesarosamente. Era óbvio que ninguém acreditou quando eles falaram em lobisomens. *Cães gigantesco*s, *ursos*, *leões*, *tigres*, qualquer uma dessas hipóteses furadas seria melhor aceita do que a verdade. Sim, a dolorosa verdade que insistia em atormentá-lo até o limite de sua sanidade: havia sido ele e Eduardo os responsáveis pela fuga dos lobisomens e indiretamente pela morte de quatro pessoas.

Em função do que aconteceu com os irmãos, Eduardo surtou e teve que ser internado em um hospital psiquiátrico, enquanto que ele estava ali, em uma cabana isolada no meio do mato, em plena noite de lua cheia. E tudo isso por causa de uma curiosidade imbecil.

Eram esses os pensamentos sombrios que habitavam a mente do rapaz no instante em que ele ouviu um ruído vindo do lado de fora. Foi um barulho sutil, como o de folhas secas sendo pisadas, mas suficiente para deixá-lo em estado de alerta. A sala onde ele estava era o único recinto iluminado da cabana e certamente se houvesse alguém, ou alguma coisa lá fora, poderia observá-lo com facilidade através de alguma das várias janelas. Ricardo levantou-se da cadeira e permaneceu em pé, imóvel e atento a qualquer ruído ou movimentação estranha. Com o canto do olho, ele teve a impressão de ter visto algo passando pela última janela do lado esquerdo da sala. Seu coração batia acelerado e, instintivamente, ele deu alguns passos na direção oposta do recinto.

Nesse momento, ele ouviu com clareza uma série de sons abafados e repetitivos, que vinham acompanhados por uma leve, mas perceptível vibração no assoalho. Quando o garoto se deu conta do que aquilo significava, já era quase tarde demais. O lobisomem se aproximava correndo e se projetou violentamente para dentro da cabana através de uma janela que ficava no lado direito da sala, estilhaçando-a em centenas de fragmentos de vidro e madeira. Desequilibrado com o susto, Ricardo caiu ao chão e pode vislumbrar a aterradora imagem da enorme criatura que avançava rapidamente na sua direção, ofegando e deixando escorrer uma saliva viscosa de sua enorme bocarra, de onde permaneciam à mostra as presas longas e pontiagudas.

Apavorado, o garoto fechou os olhos esperando sentir as garras afiadas do monstro agarrarem-no, mas ao invés disso ele apenas ouviu o estrondo do disparo de uma arma acompanhado de um urro de dor emitido pela criatura. Quando reabriu os olhos, viu caído diante de si o corpo nu e ensanguentado de um homem que aparentava ter por volta de trinta anos.

– Seu idiota! Eu disse que não era para ficar perto das janelas! – exclamou Vitória, entrando no recinto com um rifle em mãos.

– Você tinha razão. – disse o garoto, se levantando do chão ofegantemente – Ele veio atrás de mim.

– Mas é claro que sim! – ratificou a moça – Aquela noite no porão você viu ele em sua forma humana e descobriu a verdade. Era só uma questão de tempo até ele tentar acabar com você. Os lobisomens não costumam deixar vivos aqueles que descobrem suas identidades.

– Certo. Mas agora me diga: até quando vou ter que servir de isca para as suas caçadas insanas? – indagou o jovem.

– Até pegarmos todos os lobisomens que você e o seu amigo retardado deixaram fugir! – respondeu Vitória, com rispidez.

– Bem, você pegou um no mês passado, outro hoje... Falta apenas o menino.

– Jarbas! Com certeza esse vai ser muito mais difícil de ser pego. Eu devia tê-lo matado tão logo tive oportunidade – disse a moça, em tom de aborrecimento.

– Mas ele parece apenas um menino. O que tem de tão especial?

– Não se iluda com a aparência. Pelas minhas pesquisas, ele deve ter quase quarenta anos. – retrucou Vitória – Além disso, ele é muito forte e ardiloso.

– Que ótimo! – exclamou Ricardo, em tom irônico – E ele também vai vir atrás de mim?

– Na verdade, acho que não. Ele vive à margem da sociedade. A questão da identidade já não faz mais muito sentido para alguém assim. – respondeu a moça – Mas agora chega de conversa. Ajude-me a enrolar esse cadáver de merda naqueles plásticos ali.

– Certo. Mas depois você terá que me deixar perto da minha casa. Minha mãe vai ficar *uma fera* se eu chegar muito tarde.

SOBRE MENDIGOS E LOBOS

Adriane cursava a faculdade de Enfermagem no turno da manhã e prestava trabalho voluntário em uma organização não governamental durante as tardes e, eventualmente, algumas noites. Essa ONG da qual ela fazia parte se chamava *Fraternidade Branca* e tinha por objetivo prestar amparo e assistência para moradores de rua. Graças aos recursos obtidos com doações, promoções de eventos e auxílio de empresas privadas, a instituição havia conseguido consolidar uma estrutura bem significativa, com uma sede própria onde existia um refeitório para cerca de 250 pessoas, dormitórios que juntos totalizavam 80 leitos, enfermaria e consultório odontológico.

Geralmente, o movimento era intenso ao meio-dia, quando uma grande quantidade de mendigos aparecia para almoçar, mas diminuía durante a tarde, e quando chegava a noite, apenas cerca de 60% dos leitos eram ocupados por pessoas interessadas em pernoitar ali. A exceção era no período mais intenso do inverno, quando o frio fazia com que a procura aumentasse bastante e a instituição ficava então com a sua lotação completa. Porém, já fazia algum tempo que os membros da instituição estavam até mesmo improvisando camas pelos corredores da sede, para tentar suprir a demanda que aumentava preocupantemente dia após dia, mesmo que fosse outono. A razão era bastante conhecida: nos últimos dois meses, seis moradores de rua e duas prostitutas haviam sido violentamente assassinados. A imprensa não parecia estar em consenso acerca do caso. Alguns veículos noticiavam os crimes como sendo obra de um assassino em série, enquanto outros atribuíam as mortes à ação de algum misterioso animal.

De qualquer forma, a polícia não estava fazendo progressos e a população de rua da cidade estava em polvorosa. Muitos indigentes migraram para outros lugares, de ônibus, embarcando clandestinamente em trens de carga ou mesmo pedindo carona na beira das rodovias. Os que permaneceram procuravam passar as noites em grupos, ou abrigados em albergues mantidos pela prefeitura e por entidades como a Fraternidade Branca.

Naquele final de tarde de sexta-feira, Adriane estava incumbida de ajudar a recepcionar as pessoas que eram trazidas para um dormitório improvisado em um prédio antigo e decadente no centro da cidade que havia sido cedido provisoriamente pela prefeitura. Tinham sido montados 20 leitos extras ali, mas até aquele momento apenas um estava sendo ocupado por um homem idoso que Carlão e Fernando haviam encontrado desacordado e ensanguentado em um beco não muito longe dali. Ele aparentava ter sido espancado, o que não chegava a ser uma novidade, pois entre a população de rua atendida diariamente pela entidade eram comuns as lesões provenientes de brigas, atropelamentos ou acidentes

ocorridos em virtude do abuso de álcool e drogas. Adriane limpou os ferimentos do velho, medicou-o e o deixou repousando em uma cama, enquanto aguardava pela chegada de mais indigentes.

Já havia escurecido quando Carlão e Fernando retornaram trazendo cinco homens com eles. Visualmente, todos tinham características semelhantes e com as quais Adriane já estava acostumada: cabelos e barbas compridas além de roupas sujas, rasgadas e mal cheirosas. Entre esses mendigos, havia um que estava bastante agitado, falando e gesticulando nervosamente. A moça logo o reconheceu como sendo Vandinho, um habitual frequentador dos almoços da ONG.

– Mas é verdade! Eu vi o assassino ontem à noite! – gritava o exaltado morador de rua – É um lobisomem! Eu o vi destroçar uma puta diante dos meus olhos, lá perto do Guaíba!

– Você está bêbado! Lobisomens não existem! – exclamou um dos mendigos.

– Por que você não foi contar para a polícia? – questionou outro.

– Eu fui! Mas os porcos disseram que me dariam uma surra e me jogaria por detrás das grades se eu não caísse fora de lá imediatamente!

– Mas que história de lobisomem é essa, Vandinho?! – Indagou Adriane, se intrometendo na conversa – Agora além de beber você começou também a usar drogas?!

– Nada disso, mocinha! É tudo verdade! Quando eu vi aquele cara indo na direção do rio com a piranha, logo imaginei que iria rolar uma sacanagem e fui atrás para espiar. Mas, de repente o sujeito começou a tirar as roupas se retorcendo e gemendo, até que se transformou em um *monstrão* enorme e peludo. Antes que a puta conseguisse fugir, ele a agarrou, enfiou suas garras na barriga dela e arrancou suas tripas com um único puxão! Depois seguiu arrastando o corpo para detrás de um prédio.

– Ora, que tal pararmos com essa conversa maluca? – dissuadiu Adriane – Daqui a pouco eu vou ligar para o pessoal lá do refeitório vir até aqui trazer as marmitas. Daí vocês comem uma ótima refeição e podem dormir sossegados aqui nesse local confortável e seguro.

– E você conseguiu reconhecer o cara? – perguntou um dos mendigos, ignorando completamente as palavras de Adriane e reiniciando a discussão.

– Claro que reconheci! – respondeu Vandinho, exaltado – Ele mora nas ruas, como nós, mas eu não sei como se chama. Apareceu na cidade há poucos dias e, querem saber da melhor parte?! Eu o encontrei hoje de manhã, em um beco perto daqui. Estava dormindo tranquilamente, como se nada tivesse acontecido ontem à noite! Então eu peguei um pedaço de madeira e dei uma tremenda porretada na cabeça do maldito! Uma não, várias! Ele gritou e pareceu ter desmaiado, mas

continuava respirando. E sabem por quê?! Porque lobisomem só morre com prata! Então eu fui até aquela loja de antiguidades que fica perto da rodoviária e...

– Espere, espere! – interrompeu Carlão – Onde disse que foi isso?

– Em um beco que fica a umas cinco quadras daqui. Bem ao lado daquela loja grande de televisões.

– Será que é o cara que trouxemos de tarde? – questionou Carlão, olhando para Fernando e Adriane.

Instintivamente, Adriane olhou na direção do extremo oposto do recinto, onde se encontrava a cama ocupada pelo velho desacordado. Todos imitaram o seu gesto, de tal forma que os mendigos fitaram pela primeira vez o sujeito, pois até então estavam demasiadamente entretidos com a discussão acerca do suposto assassino.

– Jesus Cristo! É ele! É o lobisomem! – gritou Vandinho, apavoradamente.

Então, como se em resposta às acusações feitas pelo outro, o velho levantou-se da cama emitindo um grito assustador e postou-se de pé, observando o grupo de pessoas de forma ameaçadora. Em seguida, com uma agilidade fora do normal para alguém daquela idade e com aquela aparente debilidade física, o velho partiu correndo para cima dos mendigos. Confusos, Carlão e Fernando tentaram interceptá-lo, mas apenas quando o agarram pelos braços é que perceberam o brilho avermelhado de seus olhos demoníacos e as presas medonhas que permaneciam à mostra em sua boca escancarada.

Sem maiores dificuldades, o velho se desvencilhou da dupla de enfermeiros e agarrou Carlão pelo pescoço, suspendo-o no ar e em seguida arremessando-o com extrema violência contra a parede mais próxima. Em seguida, ergueu sua mão direita – que naquele instante já havia se convertido em algo monstruoso e repleto de garras afiadas – e mergulhou-a na garganta de Fernando, fazendo-o cair ao chão gritando de dor e expelindo jatos de sangue através do ferimento.

Em pânico, todos os demais ocupantes do recinto se precipitaram na direção da porta, tentando fugir. Na confusão, um dos mendigos acabou caindo, e antes que pudesse levantar-se ou ser ajudado pelos outros, foi agarrado pelo velho monstruoso e, numa fração de segundos, teve suas entranhas arrancadas com extrema brutalidade enquanto gritava alucinadamente por socorro.

Os sobreviventes deixaram a sala que servia de dormitório improvisado, passaram direto pela escada que levava ao segundo andar do prédio e se embrenharam em um longo e apertado corredor que conduzia para a porta de saída. Porém, quando estavam a poucos metros da passagem que os conduziria para a rua, uma das precárias paredes laterais do corredor que havia sido remendada com tábuas foi arrebatada violentamente e no instante seguinte o velho estava interceptando o caminho da fuga. Na verdade, muito pouco do velho havia restado

naquele ser que estava postado perante o apavorado grupo. O que os olhos lacrimejantes e estarrecidos da enfermeira e dos mendigos vislumbraram diante de si era uma criatura cinzenta, enorme e horrenda que exalava ódio e perversidade.

Tentando agir de forma mais rápida possível, Adriane e Vandinho deram meia volta e se precipitaram na direção da escada que levava ao segundo andar. Apenas quando concluíram a subida foi que perceberam que os outros mendigos haviam ficado para trás. A sucessão de gritos lancinantes e gemidos de agonia que vinha lá de baixo não deixava dúvidas sobre qual tinha sido o destino dos retardatários: a morte brutal e dolorosa pelas garras e presas afiadas do monstro.

– Precisamos nos esconder! Logo ele estará aqui em cima! – disse o indigente, ofegantemente.

– Sim, é verdade! – respondeu a moça, enquanto seus ouvidos já captavam o som das pesadas passadas da besta subindo as escadas.

No desespero, a dupla adentrou na primeira porta que encontrou aberta e fecharam-na detrás de si. Era um quarto pequeno, vazio e sem janelas, do qual seria obviamente impossível escapar. Do lado de fora, os rosnados excitados do monstro se faziam cada vez mais próximos. Dentro de poucos instantes ele sentiria o cheiro de suas presas e invadiria o quarto. Antevendo a aproximação da criatura, Adriane espremeu-se contra a parede oposta do recinto, enquanto o mendigo se posicionou atrás da porta.

No instante seguinte, um poderoso golpe pôs a porta abaixo e o lobisomem entrou emitindo um urro pavoroso. A enfermeira começou a gritar enquanto observava o monstro andando lentamente em sua direção. Então, reunindo toda a sua coragem e força, Vandinho sacou um punhal que trazia oculto sob o casaco e cravou-o violentamente nas costas da criatura.

Surpreso e invadido pela dor, o monstro desferiu um safanão no mendigo, empurrando-o para longe, e em seguida saiu do quarto urrando de dor e tentando em vão retirar o punhal que feria seu corpo. Depois de alguns instantes que pareciam intermináveis, onde a criatura trombava pelas paredes cambaleando e rosnando, suas forças finalmente lhe abandonaram e ela desabou ao chão agonizando.

Quando o indigente pôs a cabeça para fora do quarto, espiando desconfiadamente, vislumbrou o corpo decrépito e sem vida do velho imerso em uma enorme poça de sangue.

– Eu sabia que tinha que ser com prata! Acabei com esse filho da puta! – gritou Vandinho, exultante.

– E onde você conseguiu esse punhal? – perguntou Adriane tremulamente, enquanto se aproximava de forma vagarosa.

– Eu roubei naquela loja de antiguidades que fica perto da rodoviária – respondeu o mendigo, sem hesitar.

– E que vamos fazer agora?! – perguntou a moça, enxugando as lágrimas.

– Você tem uns trocados?

– Para que você quer?! – indagou a enfermeira, surpresa.

– Tem ou não tem? – insistiu o indigente.

Adriane meteu a mão em um dos bolsos e retirou algumas notas amassadas e entregou para o mendigo. Por sua vez, este foi se afastando contando o dinheiro, sem maiores explicações.

– Aonde você vai?! – perguntou a moça, com um misto de incredulidade e irritação.

– Vou até o boteco mais próximo... – respondeu Vandinho – Depois dessa, estou precisando de um trago!

LEMBRE-SE DOS LOBOS

Um diálogo ao telefone

Sílvio: – Alô?

Francisco: – Alô. Sílvio?

Sílvio: – Sim, sou eu.

Francisco: – Aqui quem fala é o Francisco.

Sílvio: – Francisco?! Quanto tempo!

Francisco: – Vinte anos, para ser preciso.

Sílvio: – Nossa! Como o tempo passa rápido! E como vai você?

Francisco: – Em resumo, posso dizer que estou velho, feio e fraco.

Sílvio: – Ora, mas com certeza está melhor do que eu. Mas então, me diga: quais são as novidades? Deve haver muitas depois de tanto tempo, não é mesmo?

Francisco: – Temos um lobo atacando de novo por aqui. Infelizmente, é sobre esta novidade que eu gostaria de falar com você.

Sílvio: – Claro. Quando eu vi as notícias sobre as mortes na televisão logo suspeitei que isso estivesse acontecendo. Na verdade, até imaginei que alguém de vocês me ligaria.

Francisco: – Pois é. Seria bom podermos contar com a sua ajuda na caçada.

Sílvio: – Será que isso é obra do Jarbas?

Francisco: – Acho que não. Creio que o responsável é um lobo novo.

Sílvio: – Entendo. E o Jorge, como está?

Francisco: – Também está aposentado. Basicamente passa os dias caçando e pescando.

Sílvio: – Isso é bom. Mantém a pontaria ajustada.

Francisco: – Mas então, você pode vir para cá?

Sílvio: – Acho melhor você vir até aqui antes. Tenho uma coisa importante para lhe mostrar.

Francisco: – Tudo bem. Se você acha necessário, eu vou.

Sílvio: – Ótimo. Você ainda lembra do caminho?

Francisco: – Creio que sim. Devo chegar aí amanhã, por volta da metade da tarde.

Sílvio: – Certo. Estarei lhe esperando.

Francisco: – Então até amanhã.

Sílvio: – Até amanhã. E dirija com cuidado.

Francisco: – Ok. Pode deixar.

Tempos difíceis

Francisco havia se enganado. Ele não lembrava tão bem assim o caminho, tanto que precisou parar duas vezes para pedir informações. Além disso, fazia anos que ele se limitava a dirigir apenas dentro da cidade. Ao encarar novamente uma rodovia movimentada e com vários trechos em obras, ele se deu conta de como era verdadeira a ideia que fazia de si próprio: estava sendo vitimado, dia após dia, pela inexorabilidade da velhice. Sílvia o aguardava para a metade da tarde, mas já estava começando a anoitecer e ele ainda estava distante 15 ou 20 km de seu destino. Contudo, a viagem longa lhe deu tempo para relembrar e refletir sobre os acontecimentos que mudaram a sua vida, há mais de vinte anos.

A rotina na pequena cidade era pacata e tranquila até as mortes começarem. As vítimas eram encontradas retalhadas, despedaçadas. Era evidente que não se tratava de obra de um ser humano. Mas, por outro lado, não existia na região animais selvagens capazes de fazer aquilo. O delegado Jorge andava desesperado com a falta de pistas e foi Francisco, o excêntrico bibliotecário do município, quem encontrou nos livros os indícios que apontavam para um possível responsável pelas mortes. Quando ouviu falar em *lobisomem*, o delegado mostrou-se incrédulo, e só começou a mudar de ideia quando presenciou o relato de Sílvia, o fazendeiro mais rico da região, dando conta de que seu irmão mais novo havia sido morto por *um cão gigante que andava em duas patas e era imune a tiros*. Sem melhores alternativas e sentindo-se pressionado pelo figurão local, o delegado Jorge concordou em montar tocaia em uma noite de lua cheia nas imediações da fazenda de Sílvia, em companhia do próprio e também de Francisco, que, por sua vez, recomendou a encomenda de balas de prata, sugestão prontamente atendida e financiada pelo fazendeiro.

Na noite fatídica, uma vaca foi amarrada nas margens de um matagal onde outras mortes já haviam acontecido e os três homens permaneceram escondidos, portando espingardas carregadas com balas de prata. Pouco depois da meia-noite, uma criatura enorme e monstruosa surgiu de dentro da mata e saltou sobre a vaca. Sobressaltados, os homens abriram fogo e abateram a besta que, através de uma insólita metamorfose, assumiu as feições de um ser humano. Perplexo, Sílvia reconheceu o sujeito como sendo um dos empregados que o dono da fazenda vizinha havia contratado há poucos meses. Depois de uma breve discussão, o trio decidiu por enterrar o corpo do homem entre as árvores e manter a verdade em segredo. Aparentemente, o ciclo de horror que tomava forma nas noites de lua cheia havia se encerrado.

Porém, essa suposição se revelou verdadeira apenas em partes. Aquele lobisomem foi eliminado, mas, com o passar do tempo, outros apareceram. Mais precisamente quatro, em um período de sete anos. Valendo-se da autoridade do delegado, do dinheiro do fazendeiro e do conhecimento do bibliotecário, o grupo

conseguiu manter ocultos os desdobramentos dos casos e eliminou todos os lobisomens, com exceção de um. Tratava-se de um garoto de aparência repulsiva que surgiu na cidade mendigando e cometendo furtos e outros pequenos delitos. Para quem o questionava, ele dizia se chamar Jarbas.

Certa tarde, o delegado jogou o pequeno delinquente dentro da viatura, conduziu-o até os limites do município, deu-lhe uns tabefes, um pontapé na bunda e ordenou que ele nunca mais aparecesse na cidade, ou da próxima vez iria apanhar bem mais e em seguida iria direto para a FEBEM.

Contudo, na noite seguinte, quando chegava em casa após a sua habitual passada no Bar do Beto, o delegado Jorge foi surpreendido pela presença de Jarbas, que surgiu subitamente de trás de uma árvore próxima à entrada da garagem. *Seu porco nojento! Pensou que poderia me esbofetear e me chutar e ainda sair impune?! Agora é a minha vez!* – disse o garoto com um tom de voz grave e possante, que em nada combinava com o seu aspecto juvenil. Em seguida, Jorge viu diante de si iniciar-se uma metamorfose através da qual Jarbas se convertia rapidamente em algo monstruoso, com o dobro de seu tamanho.

Desde que havia matado o primeiro lobisomem em companhia dos amigos, o delegado havia adquirido o hábito de sempre andar com uma arma adicional presa ao tornozelo e carregada com balas de prata. Valendo-se dessa preciosa precaução, ele rapidamente se agachou, sacou a pistola e disparou contra a criatura, atingindo-a no ombro e no braço esquerdo. Surpreso por sentir a prata queimando sua carne, o monstro urrou de dor e ódio e correu com grande agilidade para o meio das árvores que havia à esquerda da propriedade do delegado. Jorge ainda disparou mais uma ou duas vezes na direção seguida pela criatura, mas foi em vão. Ela havia fugido.

Na manhã seguinte, Jorge contou o ocorrido para Francisco e Sílvio, acrescentando a informação de que duas pessoas haviam desaparecido desde que Jarbas chegara à cidade. Não era difícil relacionar uma coisa com a outra. Sílvio então sugeriu que o trio deveria partir ao encalço do lobisomem, mesmo que ele tivesse abandonado a cidade, pois não seria admissível deixar algo como aquilo à solta. Porém, o bibliotecário e o delegado disseram que isso seria inviável, que o ideal era ficar em prontidão para o caso de o monstro voltar a aparecer por ali. Inconformado – e utilizando a morte do próprio irmão como motivação – o fazendeiro disse que, se os outros não quisessem ir, ele iria sozinho.

Naquela época, Sílvio havia praticamente se convertido em um alcoólatra. A morte do irmão e o conhecimento da verdade sobre a existência dos lobisomens tinha se tornado um fardo pesado demais para ele suportar, tanto que até a esposa o havia abandonado, inconformada com o seu temperamento agressivo e o seu consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Convicto de que deveria caçar Jarbas e

magoadado com a recusa dos companheiros, Sílvio deixou um advogado encarregado de administrar as suas finanças, bem como vender a sua fazenda e adquirir um sítio menor em outro lugar. E então partiu.

Durante quase três anos não se teve mais notícias dele, até que Francisco soube através do advogado que Sílvio estava no sítio, localizado a pouco mais de 150 km dali. O bibliotecário pegou o número e telefonou para lá. Com uma voz que demonstrava clara embriaguez, Sílvio atendeu. Francisco perguntou como estavam às coisas, e o outro respondeu com má vontade, dizendo que já tinha tido dias melhores no passado. Quando questionado se havia conseguido pegar Jarbas, o fazendeiro afirmou que não, mas que em compensação tinha matado outros dois lobisomens, sendo que um deles foi em Minas Gerais e o outro no Maranhão. Depois disso, despediu-se rapidamente e desligou o telefone, encerrando bruscamente a conversa. Aborrecido com a condição do amigo, Francisco simplesmente deixou de procurá-lo, e assim se passaram muitos anos.

Porém, naquele momento novas mortes estavam acontecendo, tão violentas quanto às do passado, de forma que Jorge e Francisco entenderam que valia a pena pelo menos tentar reunir de novo o trio de caçadores de lobisomens. E era com o objetivo de tentar convencer Sílvio a se juntar a eles novamente que Francisco partiu em direção ao sítio do antigo companheiro.

Velhas verdades

Francisco tinha começado a pensar que se perdera novamente, quando finalmente vislumbrou a placa indicando o caminho para o *Sítio Vargas*, de propriedade de Sílvio. Saindo do asfalto, percorreu aproximadamente mais dois quilômetros através de uma poeirenta estrada de terra até transpor a porteira da propriedade. Francisco ficou contente por ter finalmente chegado. Se a viagem se estendesse por mais alguns minutos ele já seria obrigado a ligar os faróis, pois a noite se aproximava rapidamente.

Tudo estava deserto e silencioso nos arredores, mas havia luz acesa no interior da casa. Francisco se aproximou da porta, e antes que pudesse bater, a mesma se abriu e Sílvio apareceu através dela. O ex-bibliotecário sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha. O homem sorridente que estava diante dele era absolutamente igual ao Sílvio de vinte anos antes. Os mesmos cabelos negros e ondulados, o mesmo bigode, a mesma envergadura robusta e musculosa.

– Sílvio?! Você não envelheceu nada! – exclamou Francisco, sem conseguir disfarçar o espanto.

– Sim. E você sabe o que isso significa, não é mesmo? – retrucou Sílvio, apertando a mão do antigo companheiro – Entre, vamos beber alguma coisa.

Os dois entraram na casa e o fazendeiro induziu Francisco a sentar-se no sofá da sala.

– Aceitar beber algo? – perguntou Sílvio – Um vinho ou um uísque?

– Não é o ideal, segundo as recomendações médicas, mas vou aceitar uma dose de uísque – respondeu o ex-bibliotecário.

– Ótimo! Eu parei de beber há sete anos, mas hoje vou lhe acompanhar. – disse Sílvio.

O fazendeiro alcançou um copo para Francisco e sentou-se diante dele, em uma poltrona.

– E então... Quando foi que aconteceu...? – perguntou o visitante, com visível desconforto.

– Dois anos após ter ido embora. Foi no Maranhão. Eu matei um lobisomem que atormentava uma comunidade miserável no interior do estado. Mas... Antes disso ele me mordeu.

– Meu Deus! E o que você fez então?!

– Fiquei desesperado, logicamente. – respondeu Sílvio, em meio a um grande gole de uísque – Pensei em me suicidar, pensei em correr até você e Jorge e contar tudo... Mas no fim decidi voltar para cá e me isolar. Construí uma jaula subterrânea no celeiro e ao longo de todos esses anos venho me trancando lá sempre que é noite de lua cheia.

– Incrível que você tenha conseguido viver assim por tanto tempo. – disse o ex-bibliotecário, de forma condescendente.

– Sim, até eu custo a acreditar. E até parei de beber! – exclamou o fazendeiro, com um sorriso melancólico nos lábios – Mas você entende agora porque não posso ajudá-los?

– Entendo, claro. Mas, me diga: você ainda teve notícias de Jarbas?

– Notícias sim. Quase o peguei em duas ocasiões, mas ele é muito astuto. Você acredita que até outros lobisomens que sabem da existência dele o temem?!

– Eu acredito, com certeza. – concordou o visitante.

Francisco então olhou através da vidraça e percebeu a esbranquiçada claridade da lua cheia começando a iluminar a paisagem.

– Logo a lua cheia vai raiar. Precisamos trancá-lo na jaula! – disse o ex-bibliotecário, levantando-se apressadamente.

– Não, amigo. Eu não vou mais para a jaula. Foi por isso que eu o chamei até aqui. – retrucou Sílvio.

– O que você está querendo dizer?!

– Está vendo aquela caixa ali? Ela está repleta de armamentos úteis, tudo de prata. Punhais, balas para revólver, rifle e espingarda. Tem até uma espada. Leve tudo e usem na caçada.

– Mas...

– E esta arma aqui você vai ter que usar agora! – interrompeu o fazendeiro, sacando um revólver da cintura.

– Amigo, o que você está pretendendo?! – indagou Francisco, confuso.

– Eu estou cansado, camarada. Muito cansado... – respondeu Sílvio, colocando a arma nas mãos do antigo companheiro. – E estou também muito aliviado por ter compartilhado a verdade com você. Ajude-me a descansar!

– Não... Eu não posso fazer isso. – retrucou o visitante.

– Acho que você não terá escolha! – exclamou o fazendeiro, em um tom de voz que se tornou subitamente mais grave.

Nesse instante, Sílvio se curvou emitindo grunhidos animais, enquanto suas roupas se rasgavam e o seu corpo era rapidamente coberto por espessos pelos negros que brotavam de cada poro de sua pele.

Ao ver o antigo companheiro se transformando em lobisomem, Francisco foi tomado por uma sensação angustiante que tinha muito mais relação com o pesar do que com o medo. Quando o monstro ergueu a cabeça e urrou em sua direção, o ex-bibliotecário entendeu que só lhe restava atirar. Apontou a arma na direção da criatura e disparou, mas, embora estivesse distante apenas quatro ou cinco metros do alvo, o projétil atingiu unicamente a parede. Contrariado, ele atirou novamente e desta vez feriu o monstro de raspão no ombro direito.

Quando a criatura deu dois passos em sua direção, o ex-bibliotecário apertou o gatilho pela última vez e um urro aterrador se fez ouvir. O monstro tombou no assoalho, derrubando consigo mesa e cadeiras. Instantes depois, ele já havia reassumido as feições de Sílvio, e ostentava em seu rosto algo similar a um sorriso, que para o ex-bibliotecário parecia expressar alguma coisa entre a melancolia e o alívio.

Com o coração apertado, Francisco carregou desengonçadamente a caixa de armamentos até o porta-malas de seu carro. Ele ainda precisaria decidir o que fazer com o corpo de Sílvio. Mas antes, iria sentar-se e beber metade da garrafa de uísque. Que se lixassem as recomendações médicas.

O observador noturno

São 23h45min e ela já vem se aproximando. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde essa garota apareceria de novo. É a quarta vez em dois meses. Vamos ver se ela adotará o mesmo procedimento das noites anteriores.

A moça sempre aparece a pé. Não sei se ela deixa o carro estacionado em outra rua ou vem até aqui de táxi. Está usando o mesmo moletom vermelho com capuz das noites anteriores. Passou direto pela porta do bar e não entrou. Nada de cerveja hoje, vamos direto ao assunto. Eu a sigo a distância, me esgueirando por detrás dos carros e me ocultando nas sombras escuras das marquises. Conforme avançamos na direção dos prédios abandonados, o fedor que parece estar impregnado em cada metro quadrado do bairro começa a se intensificar. O lixo espalhado pela rua também surge em maior quantidade, assim como os ratos e os cachorros vadios. Qualquer um ficaria intrigado ao ver essa bela garota caminhando sozinha em meio à imundice desse bairro barra-pesada à uma hora dessas, mas eu não. Sei muito bem o que ela pretende fazer.

Surpreendentemente, há muito menos mendigos pela rua hoje. Na verdade, ainda não vi nenhum. Mas ela sim. Seus instintos de predadora já localizaram uma presa. Eu me aproximo lentamente e vejo-a conversando com um cara cabeludo e barbudo que está sentado ao lado de um latão de lixo na penumbra de um beco fétido. Não consigo ouvir o que estão falando, mas não é necessário, pois o desfecho é previsível. A garota tira algumas notas do bolso da calça jeans e entrega para o mendigo. Ele se levanta e a segue para o interior escuro do beco. Vão cortar caminho por dentro do quarteirão. Ela vai levá-lo ao seu lugar de abate, um enorme prédio em construção localizado na rua de trás.

Nas vezes anteriores em que a segui, permaneci do lado de fora da obra. Confesso que tive medo de entrar. E acho que agi certo, pois os urros e gritos que saíam do interior escuro da construção faziam meu sangue gelar e o meu corpo tremer convulsivamente. Posso muito bem imaginar a carnificina que aconteceu por lá. Mas, dessa vez será diferente. Finalmente consegui convencer Vitória a parar de me usar como mera isca para atrair lobisomens e me deixar participar efetivamente da caçada. Ela me deu um revólver carregado com balas de prata. Se eu conseguir matar esse lobisomem, certamente ganharei a confiança dela e, quem sabe, consiga até levar aquela gostosa para a cama! Ah, se isso acontecesse eu seria o cara mais feliz do mundo! Mas, chega de pensar em sacanagem. O mendigo e a garota já estão entrando no prédio e eu preciso me apressar se não quiser perdê-los de vista.

Visitantes indesejados

Ricardo sacou o revólver ao entrar no prédio. A escuridão do interior da construção o atrapalhava e ele tropeçou em uma tábua e quase se estatelou no chão. Por sorte, a garota e o mendigo já estavam subindo a escada para o segundo andar e não perceberam nada. O rapaz se recompôs e deu continuidade à sua perseguição.

Já estavam no quarto andar quando o mendigo começou a gesticular, como se estivesse reclamando. Por sua vez, a moça gesticulou também e o induziu a prosseguir. Três andares acima, pareciam ter finalmente chegado. O mendigo se recostou em uma parede, tentando recuperar o fôlego, enquanto a moça tirou o capuz e passou a olhar atentamente os arredores, como se quisesse se certificar de que não havia mesmo ninguém por ali. Ricardo estava agachado próximo à escada e não foi visto. Ele estava convencido de que seria apenas uma questão de instantes até a moça se transformar em um lobisomem e destroçar aquele pobre coitado. A lua cheia já brilhava alta no céu e ele sentia seu coração bater mais forte. Precisaria agir logo se quisesse salvar o mendigo. Com a arma em mãos, começou a andar rapidamente na direção da dupla, esgueirando-se próximo à parede para tentar manter-se oculto pelas sombras.

Ricardo estava distante apenas cinco ou seis metros de seu objetivo, quando teve a impressão de ver algo se movendo no interior de um pequeno corredor lateral, à sua esquerda. Ele virou-se instintivamente, mas teve tempo apenas de vislumbrar um par de olhos enormes, vermelhos e reluzentes se aproximando rapidamente, no mesmo instante em que garras vigorosas o agarram pelo braço e o puxaram para o interior do corredor.

O mendigo e a moça sobressaltaram-se ao ouvir os urros e os gritos que vinham de dentro da escuridão, e ficaram ainda mais perplexos ao ver sair do interior do corredor um rapaz cambaleante e ensanguentado sendo perseguido por um monstro gigantesco que arfava denotando voracidade e excitação. Apavorado, o mendigo cogitou sair correndo, mas um clarão acompanhado de um grande estrondo induziu-o a se agachar em busca de proteção. Na sequência, ele ouviu um urro animalesco e o baque de algo enorme tombando ao chão.

Quando reabriu os olhos, o mendigo não viu mais o monstro, mas sim o corpo nu e sem vida de um homem abatido com um tiro no peito.

– Paulo! Paulo! – gritava desesperadamente a garota do moletom vermelho abraçando o cadáver ensanguentado.

Foi só nesse momento que o mendigo viu quem havia atirado no lobisomem: uma moça de beleza exuberante que se aproximava com um rifle em mãos.

– Sua vagabunda! Matou o Paulo! – exclamou em meio a lágrimas a garota do moletom vermelho, ao mesmo tempo em que se levantou puxando um canivete do bolso e partindo para cima da recém-chegada.

Sem hesitar, a moça do rifle apontou a arma na direção da pretensa agressora e disparou. O corpo sem vida da garota tombou sobre o cadáver do homem, e logo o vermelho de seu moletom passou a combinar de forma bizarra com o tom do sangue que escorria de sua testa.

Foi apenas depois disso que Ricardo se levantou do chão e andou tropegamente na direção de sua salvadora.

– Vitória! Eu pensei que a garota fosse o lobisomem! – tentou argumentar Ricardo – Não imaginei que...

– Cale a boca, seu idiota! – exclamou Vitória – Eu não disse que era para ficar atento?! Não sei o que me deu na cabeça de confiar em um imbecil como você!

– Mas eu...

– Cale-se! – gritou a moça – Deixe-me ver o seu braço!

– Não precisa! Eu estou bem! – retrucou Ricardo, com voz trêmula e embargada, ao mesmo tempo em que andava lentamente para trás.

Vitória então entendeu tudo. Com um suspiro de desânimo, ergueu o rifle e apontou na direção do rapaz.

– Espere! Espere! – implorou Ricardo – Talvez a gente possa...

– Você foi avisado! – interrompeu Vitória – Sabia dos riscos!

– Então eu quero...

Ricardo não teve tempo de completar a frase. Vitória apertou o gatilho e o corpo do rapaz desabou, com uma bala de prata alojada em seu cérebro. Uma sombra de pesar passou pelo rosto de Vitória, mas durou apenas um instante. Quaisquer que fossem as reflexões sombrias que habitavam a mente da moça, estas foram interrompidas no instante em que ela ouviu uma voz ébria ressoando às suas costas.

– Você agiu certo, madame. – disse o mendigo – O rapaz foi mordido. Iria se transformar em lobisomem também.

– Quem é você? – perguntou Vitória.

– Eu sou o Vandinho. E essa vaca aí estava tentando me sacanear! – respondeu o indigente, apontando para o cadáver da garota de moletom vermelho – Ela me atraiu até aqui para virar jantar de lobisomem! Cristo, como eu odeio essas coisas! Este aí é o terceiro lobisomem que eu encontro em poucos meses!

– O terceiro?! – exclamou Vitória, sem disfarçar a curiosidade – Me fale dos outros dois.

– Um deles eu matei dentro de um albergue usando esse punhal. – disse Vandinho, sacando o artefato prateado e reluzente debaixo da blusa – E quanto ao outro... Bem, eu tenho medo até de falar! Durante o dia ele é um menino com o rosto coberto por cicatrizes... Seu nome é...

– Jarbas! – complementou Vitória.

– Isso mesmo! Jarbas! – exclamou Vandinho – Madame, aquilo é um demônio disfarçado de gente!

– Eu sei! – retrucou a moça – Você tem ideia de onde ele possa estar?!

– Não tenho certeza. – disse o mendigo – Mas conheço alguns lugares onde ele costuma aparecer.

– Pode me levar até esses lugares?! – perguntou Vitória.

– Ah, madame, isso depende de nós negociarmos. – retrucou Vandinho, coçando a barba de forma teatral.

– Entendo. – disse a moça – Você quer dinheiro.

– Pois é, madame. Tudo tem seu preço. – concordou o mendigo – Ainda mais um negócio perigoso desses.

– Ok, eu estou disposta a pagar pela sua ajuda. – consentiu Vitória – Mas se você me enrolar eu pego esse seu punhal e enfio na sua bunda, entendeu?!

– Pode ficar tranquila, madame. Eu sou um negociante honesto! – afirmou o mendigo, se esforçando para soar convincente.

– Ótimo. Melhor para você. – retrucou Vitória – E agora pare de me chamar de madame! E vamos dar o fora daqui!

Enquanto iam saindo, a dupla passou ao lado dos cadáveres espalhados pelo chão.

– Quem será essa *quenguinha* que tentou me ferrar?! – perguntou Vandinho, apontando novamente para a garota do moletom vermelho.

– Alguém disposta a arranjar comida para o lobisomem. – respondeu Vitória – Poderia ser irmã, filha, amante... Na verdade, não faz diferença.

– Pois então, moça... Sabe o que eu estava pensando? – indagou o mendigo, mudando de assunto – Acho que você poderia me pagar um pequeno adiantamento.

– O quê?! – retrucou Vitória, com evidente irritação.

– Ah, não precisa ficar nervosa! – exclamou Vandinho – Não é nada demais! Acontece que os meus cigarros acabaram e esse negócio de lobisomem me deixou com uma vontade maluca de dar umas tragadas...

A EMBOSCADA

De forma sorrateira, um homem que usava jaqueta jeans e boné saiu do bar caminhando apressadamente e tomou a direção leste. Sua atitude chamou a atenção de dois indivíduos que se encontravam dentro de uma caminhonete estacionada do outro lado da rua.

– É ele! – disse Jorge, ligando os faróis do veículo.

– Tem certeza? – Perguntou Francisco.

– Claro que sim! Ao contrário de você que já está cegueta, eu ainda enxergo muito bem! – retrucou Jorge.

– Então vamos segui-lo, rápido! Logo a lua surgirá.

– Não sei por que nós não o pegamos ontem, quando ainda não era lua cheia. – resmungou Jorge, colocando o veículo em movimento.

– Porque se fizéssemos isso não teríamos como barganhar com ele em função da sua identidade.

– Poderíamos barganhar enfiando o cano do meu revólver na boca do desgraçado!

– Você sabe que não é tão simples. – ponderou Francisco – Se quisermos fazê-lo falar precisamos ser espertos. Apenas na base da força não conseguiremos nada.

Jorge apenas suspirou nervosamente e continuou dirigindo. Quando o sujeito estava passando por uma parte da rua ladeada por árvores e terrenos baldios, o motorista entendeu que era o momento certo para agir. Acelerou fundo, passou à frente do homem que caminhava próximo ao meio-fio e estacionou a caminhonete bruscamente diante dele. Em seguida, desembarcou rapidamente com um revólver em punho.

– Pode ir parando aí, espertinho! – gritou Jorge – Erga as mãos e nem tente me sacanear ou eu *queimo* você agora mesmo!

O estranho apenas sorriu com desdém e continuou caminhando de forma decidida.

– Escute aqui, seu vagabundo! Nós sabemos *o que* você é! Se não parar agora mesmo eu meto uma bala de prata na sua cabeça! – insistiu o recém-chegado.

Ao ouvir essa última ameaça, o estranho hesitou, ficou imóvel e tentou argumentar.

– Eu não sei o que significa isso, mas você está enganado. – disse o desconhecido.

– Quem está enganado é você, caso esteja pensando que pode nos enrolar! Agora bote as mãos para trás, pois o meu companheiro vai algemá-lo.

Foi apenas nesse momento que Jorge se deu conta de que Francisco não estava ali. Então, olhou para a caminhonete e viu o amigo balançando com as duas mãos a maçaneta interna da porta do veículo.

– Não consigo abrir! – exclamou o ex-bibliotecário, visivelmente constrangido.

– Pode deixar! – retrucou o amigo, com sarcasmo – Eu mesmo alugo esse pilantra.

*

Vinte minutos depois, a dupla de amigos já estava conduzindo o estranho através de uma sinuosa trilha em meio à mata.

– Pode ser aqui mesmo! – disse Jorge, derrubando o desconhecido no chão e sacando novamente o revólver da cintura.

– Acho que antes devíamos fazê-lo abrir a própria cova... – sugeriu Francisco – Estou muito velho para ficar cavando!

– Escutem aqui, seus velhotes malucos! Eu não sei de onde tiraram essa história ridícula de lobisomem, mas com certeza eu não tenho nada a ver com isso! – gritou o estranho, enquanto tentava se levantar desengonçadamente, com os braços algemados atrás das costas.

– É mesmo?! – retrucou o ex-bibliotecário – Então vamos esperar mais um pouco. Logo a lua cheia vai surgir, e se você não se transformar, iremos soltá-lo.

– Mas, caso se transforme, vamos estourar a sua cabeça! – complementou Jorge, dando uma risada provocativa – Muitos monstregos como você têm aparecido por aqui nos últimos tempos, e balas de prata é o que não faltam!

– Certo! Certo! – gritou o estranho – Digam o que querem de mim! O que preciso fazer para que me soltem?!

– Soltá-lo?! Porque seríamos tão estúpidos de fazer uma coisa dessas?!

– Porque se quisessem me matar já poderiam ter feito isso. Se estão me mantendo vivo é porque querem alguma coisa! – retrucou o prisioneiro.

– Queremos que você conte o motivo pelo qual três *coisas* do seu tipo apareceram aqui na nossa cidade nos últimos dois meses. Se nos contar a verdade, pode ser que a gente deixe você viver.

– E como posso saber se não estão blefando?! – indagou o estranho – Que garantias eu tenho de que não irão me matar de qualquer maneira?!

– Na verdade, você não tem muita escolha. – disse Jorge, em meio a um riso provocativo.

– Ok. Eu vou lhes contar tudo. – consentiu o prisioneiro – E aquilo que vou revelar é tão grandioso que vocês verão que têm muito mais a se preocupar do que com um cara como eu.

O estranho tentou sentar-se no chão da maneira mais confortável possível, mesmo com as mãos algemadas, e então iniciou seu relato:

– Os lobisomens que estiveram por aqui nos últimos tempos não têm interesse nenhum na sua cidade, assim como eu. Todos estavam apenas de passagem. Temos o objetivo de nos reunirmos na capital. Lobisomens de várias regiões e até de outros estados estão indo para lá.

– Por quê? – indagou Jorge.

– Para destruir um inimigo comum. Trata-se de um outro lobisomem. O nome dele é Jarbas. Já faz tempo que ele vem causando problemas tanto para vocês quanto para nós. Mas ultimamente a situação tem se tornado insustentável. Ele mata humanos e lobisomens na mesma proporção, sem se preocupar em preservar sua identidade ou manter nossa existência oculta. Se continuar assim, logo ele será fotografado, filmado ou aparecerá em público no meio de uma rua movimentada... E então as coisas ficarão realmente feias, tanto para o nosso lado quanto para o de vocês.

– Nós já temos conhecimento da existência de Jarbas. – disse Francisco – Mas não entendemos porque ele age dessa forma.

– Porque ele é um filho da puta que simplesmente não se importa com nada! – respondeu o estranho – Apenas sente um prazer sádico em matar a tudo e a todos! Ele não tem interesse em tentar levar uma vida diurna normal em meio aos humanos e está pouco se lixando se a sua condição de lobisomem for descoberta. Esse desgraçado não liga para o fato de ser odiado e caçado tanto por humanos quanto por outros licantropos. Parece até que isso o excita!

– Então, quer dizer que um bando de lobisomens está se reunindo em Porto Alegre para caçar e destruir Jarbas... – sintetizou Francisco, pensativo.

– Exatamente. – concordou o prisioneiro – Esse maldito está fazendo com que a situação fique insustentável para nós. Precisamos acabar com ele antes que tudo saia definitivamente de controle.

– Bem, isso explica porque os jornais e os noticiários vêm informando um aumento brutal nos índices de assassinatos e desaparecimentos na capital de uns meses para cá. – ponderou o ex-bibliotecário.

– Coloque muitas dessas mortes na conta de Jarbas! Ainda que, logicamente, o nosso grupo não seja um exército de samaritanos, se é que vocês me entendem... – retrucou o sujeito, em tom sarcástico.

A dupla de amigos percebeu algo de áspero e gutural no tom de voz do estranho ao proferir está última frase. Rapidamente, Jorge apontou o revólver para a testa do prisioneiro, ao mesmo tempo em que se deu conta de que os cabelos dele pareciam bem mais compridos do que alguns minutos antes, assim como seus caninos, que haviam se convertido em enormes presas pontiagudas.

– Pensei que tínhamos um acordo! – vociferou o desconhecido em tom cavernoso, encarando a dupla de anciões com olhos avermelhados e reluzentes.

– Não faço acordo com monstros! – respondeu Jorge, um segundo antes de apertar o gatilho do revólver e despedaçar o crânio do lobisomem com uma bala de prata.

– Droga! Agora teremos que cavar! – exclamou Francisco – Isso vai ser péssimo para o meu reumatismo!

– E depois?! – questionou o companheiro, em tom sombrio.

– Bem, se quisermos realmente levar essa história até o fim, creio que teremos que agendar umas férias em Porto Alegre. – respondeu o ex-bibliotecário.

– Que merda! – resmungou Jorge – Aquela cidade já me irritava quando eu era jovem! Imagine agora...!

APOCALIPSE



LICANTRÓPICO

Francisco havia acabado de pedir mais uma dose de uísque quando notou a movimentação no extremo esquerdo do balcão. O rapaz negro e de cabeça raspada pagou a conta ao *barman* e saiu abraçado com a moça loira de cabelos encaracolados que ele beijava e abraçava há mais de uma hora. Tão logo o casal cruzou a porta de saída, um sujeito que vestia um pesado casaco preto levantou-se de sua mesa e tomou o mesmo rumo. Era neste último indivíduo que o ex-bibliotecário de Vale dos Pinhais – estava particularmente interessado.

O ancião puxou a carteira do bolso apressadamente quando a última dose de uísque que tinha solicitado foi trazida pela garçonete. Enquanto aguardava o troco, virou o copo e bebeu tudo de um só gole. Sentiu uma leve tontura e tomou o rumo da porta de forma um tanto instável, enquanto tentava encontrar a abertura do bolso para guardar a carteira. Seu coração batia de forma acelerada e a sua respiração estava descompassada. O medo estava começando a fustigá-lo.

Assim que a porta do bar se fechou às suas costas, o ex-bibliotecário teve tempo de ver o rapaz negro conduzindo a moça loira para dentro de um beco escuro, já bem próximo da esquina. O cara do casaco preto, que seguia o casal a uma curta distância, embrenhou-se na escuridão logo atrás deles. Nesse momento, o ancião puxou o celular do bolso e fez uma ligação.

– E então? – indagou uma voz grave do outro lado da linha.

– O cara está seguindo um casal. – disse Francisco – Eles entraram no mesmo beco da outra noite. Pode dar a volta na quadra que eu vou atrás deles.

– Certo. Mas tome cuidado. Não vá ter um infarto antes de a coisa toda acontecer!

– Ok, Jorge. Cuide-se você também. – concluiu Francisco, encerrando a ligação.

Tentando controlar a ansiedade e o medo que se tornava cada vez mais palpável, o ex-bibliotecário atravessou a rua e embrenhou-se no beco. Constatou, receoso, que a escuridão era mais intensa do que lhe parecera de longe, uma vez que a lua cheia era frequentemente encoberta pelas densas nuvens escuras que entrecortavam sua discreta luminosidade, e as marquises dos prédios circundantes se encarregavam de preencher com sombras o estreito e malcheiroso vão que se dirigia sinuosamente para o interior do decadente quarteirão.

Enquanto avançava, o ancião apalpava com mais força o cabo do revólver que trazia oculto no bolso direito de seu amplo casaco. O fedor de urina, lixo e esgoto se tornava mais intenso na medida em que o som dos raros automóveis que cruzavam a rua ia ficando mais distantes e a escuridão mais inquietante. Em dado momento, o ex-bibliotecário se viu diante de uma bifurcação. Dobrando à esquerda

ele iria à direção da rua transversal, cuja luminosidade amarelada dos postes era visível há algumas dezenas de metros. Seguindo em frente, ele se embrenharia ainda mais no interior do quarteirão que, naquele momento, parecia mais tétrico e arruinado do que nunca. Depois de respirar fundo em um breve momento de hesitação, escolheu a segunda opção. Contudo, mal havia dado dois passos quando um ruído vindo do caminho da esquerda quase fez o seu coração parar. Apavorado, Francisco cogitou sacar o revólver, e só não o fez porque no instante seguinte a fisionomia peculiar de um mendigo apareceu diante dele.

– Olá, vovô! Vamos fazermos um negócio?! – exclamou o indigente, esforçando-se para parecer simpático – O senhor me dá uns trocados e eu lhe dou uma ótima dica! Que tal?!

Recuperado do susto, o ex-bibliotecário nem se deu ao luxo de responder e seguiu em frente.

– Velho pão-duro! – gritou o mendigo – Mesmo você não me pagando, vou lhe dar a dica do mesmo jeito: Acho melhor você não ir por este caminho!

Novamente o ancião ignorou o sujeito e prosseguiu. Dentro de algumas dezenas de metros o beco terminaria na rua oposta, e não lhe parecia plausível a ideia de atravessar o quarteirão sem encontrar as pessoas que ele seguia. Já estava cogitando ligar novamente para o celular de Jorge e perguntar se ele havia visto alguém saindo pelo outro lado da quadra, quando um ruído singular vindo de um canto escuro e repleto de sacos de lixo empilhados chamou sua atenção. Inicialmente, o barulho lhe pareceu soar como uma série de gemidos, mas segundos depois ele já estava convencido de que se tratava de rosnados.

Francisco sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha no instante em que ele entendeu a situação em que se encontrava. Trêmulo, sacou o revólver no exato momento em que a besta surgiu da escuridão urrando ameaçadoramente. O ancião recuou assustado, pisou em uma lata de cerveja vazia e perdeu o equilíbrio, caindo ao chão desajeitadamente. Durante a queda, seu dedo apertou o gatilho da arma, mas o projétil de prata se perdeu em alguma parede dos prédios circundantes. O monstro iria rasgar sua garganta antes que ele pudesse fazer pontaria novamente, se dois outros disparos não tivessem ecoado em sequência no interior do beco. A criatura alvejada urrou agonizante e tombou pesadamente em meio ao lixo que infestava os arredores.

O ex-bibliotecário levantou-se com dificuldades, levando a mão às costas doloridas. Ajeitou os óculos, olhou para a direita e constatou que o corpo do lobisomem morto já tinha retornado à sua forma humana, e prontamente reconheceu o sujeito que ele estava seguindo desde o bar. Ainda estava observando o cadáver nu e ensanguentado quando ouviu passos às suas costas.

– Você chegou bem na hora, Jorge. – disse Francisco, sem olhar para trás – Mais um segundo e essa criatura teria me feito em pedaços!

– Meu nome não é Jorge! É Vandinho! Será que agora, depois de ter salvado a sua vida, eu não mereço uma *graninha*?!

O ancião virou-se sobressaltado e não conseguiu disfarçar o espanto ao ver o mendigo segurando um revólver de cano fumegante na mão direita.

– Por Deus! Quem é você?! – exclamou o ex-bibliotecário.

– Sim, diga-nos quem é você e como está armado com balas de prata. – reforçou Jorge, que acabara de chegar.

– Acho que quem deve explicações aqui são vocês! – retrucou uma voz feminina vinda do lado oposto do beco.

Os três homens olharam naquela direção e viram uma bela moça de cabelos loiros e compridos até na altura dos ombros aproximando-se com um rifle em mãos.

– Pelo jeito muita gente por aqui anda caçando lobisomens. – disse Jorge, com um sorriso irônico nos lábios.

– Quem são vocês? – voltou a inquirir a moça, em tom ríspido.

– Bem, eu me chamo Francisco e este aqui é o Jorge. – explicou o ex-bibliotecário – Somos de Vale dos Pinhais.

– E o que dois velhotes caipiras como vocês pensam que estão fazendo ao andar por estes becos escuros atrás de lobisomens? – indagou a recém-chegada.

– Veja como fala, mocinha! – retrucou Jorge.

– Calma pessoal! Pelo visto todos aqui estamos do mesmo lado! É só questão de conversarmos. – ponderou Francisco – No passado nós já enfrentamos vários lobisomens lá na nossa cidadezinha. Decidimos vir para cá quando ficamos sabendo que está ocorrendo uma verdadeira invasão de licantropos por estas bandas... E nós descobrimos o que esses lobisomens vindos de fora estão querendo: o objetivo deles é acabar com uma criatura muito poderosa, que em sua forma humana parece um menino, de nome Jarbas.

– Jarbas! – exclamou a moça, praticamente gritando – O que vocês sabem sobre Jarbas?!

– Sabemos o suficiente. – respondeu Jorge, assumindo a palavra – Sabemos que esse demônio se diverte matando tudo que vê pela frente, sem se importar com nada, muito menos com discrição. E por isso ele vem despertando o ódio tanto de humanos quanto de outros lobisomens.

– Faz sentido. – consentiu a moça, em tom mais amistoso – Mas o que vocês têm com isso? Por que saíram de sua cidade e vieram até aqui arriscar suas vidas?

– Tínhamos um amigo... – respondeu Francisco – Um grande amigo. Ele decidiu que iria percorrer o Brasil caçando Jarbas, depois de o monstro ter

assassinado várias pessoas em nossa cidade. Na época nós achamos que não seria uma boa ideia e nos recusamos a ir com ele. Como resultado, esse nosso camarada acabou se tornando um lobisomem também, e infelizmente coube a mim ter de matá-lo. Então, direta ou indiretamente, Jarbas foi o responsável. Compreende?!

– Sim – respondeu a moça – Então é uma questão de vingança. No fundo, histórias malditas como esta sempre dizem respeito à vingança.

– Certo, mas estamos também tratando de algo maior aqui. – acrescentou o ex-bibliotecário – Você sabe tão bem quanto nós que a cidade está ficando infestada de lobisomens, e que se essa questão não se resolver rapidamente a situação pode sair do controle. Já pensou no número de mortes?! Na quantidade de novos lobisomens que podem ser criados?!

– Seria o apocalipse! – exclamou Vandinho, erguendo os braços em um gesto teatral.

– Um apocalipse licantrópico! – complementou Francisco.

– Quando os lobisomens agem em grandes centros urbanos, tendem a ser discretos. – explicou a moça – Não costumam deixar corpos e evidências para trás. As vítimas simplesmente desaparecem. Se um dia secassem o Rio Guaíba ou fizessem uma operação *pente fino* nas galerias de esgoto, daí sim viria à tona a verdade sobre a quantidade de pessoas mortas e semidevoradas por essas criaturas. Mas, concordo com você: quanto mais licantropos aparecerem por aqui, pior ficará a situação.

– Olha, esse papo de monstro está bem legal, mas que tal a gente ir para outro lugar? – questionou Vandinho – Pouca gente tem coragem de zanzar de noite neste bairro, mas se alguém ouviu os tiros pode ter chamado os *porcos*.

– Tem razão. – consentiu a moça – Me ajudem a remover esse corpo daqui e vamos embora.

– Ok, mas antes queremos saber com quem estamos lidando. – disse Jorge.

– Eu sou Vitória, e como vocês já perceberam, também tenho dedicado boa parte do meu tempo a caçar esses malditos lobisomens. Aquele ali é Vandinho, um desocupado que venho pagando para me ajudar.

– Epa! – exclamou Vandinho, que já havia começado a arrastar o cadáver para o extremo esquerdo da bifurcação de becos – Tem outro corpo ali!

Intrigados, os demais integrantes do grupo se dirigiram rapidamente ao local indicado.

– É o rapaz que saiu do bar em companhia da moça. – disse o ex-bibliotecário – O lobisomem estava seguindo o casal, como já o havíamos flagrado fazendo com outros. Mas pensei que não havia tido tempo para o ataque.

– Eu vi quando eles passaram por mim. – complementou Vandinho – A chefe e eu já estávamos com a emboscada montada para o *bicho*, mas também tive a

impressão de que você apareceu antes de os pombinhos serem alcançados.

– E onde estaria a tal garota? – interveio Vitória, intrigada.

– Não há sinal dela por aqui. – afirmou Jorge.

– Talvez tenha fugido. – disse o ex-bibliotecário – Embora eu pense que alguém teria visto ou escutado ela gritando por aí, se fosse o caso.

– Bem, de qualquer forma, temos que cair fora. – concluiu a moça – Vamos arrastar esse corpo também e nos mandar.

*

Pouco mais de uma hora depois, o grupo encontrava-se disposto ao redor de uma mesa em uma padaria localizada no centro da cidade.

– Deveríamos ter ido a um boteco! – resmungou Vandinho, enquanto bebericava uma xícara de café – Aqui não vendem bebida de álcool!

– Mas então, creio que poucas pessoas conhecem Jarbas tão bem quanto você... – disse Francisco, ignorando as reclamações do mendigo.

– Sim. – respondeu Vitória – Eu já estou no encalço desse desgraçado há anos, e convenhamos que ele nunca se preocupou muito em ser discreto. Além disso, contratando detetives particulares e subornando os nossos policiais podemos descobrir mais coisas do que vocês imaginam.

– Opa, veja lá! – esbravejou Jorge – Eu sou ex-policial e nunca fui corrupto!

– Então, temo que você tenha sido uma exceção. – retrucou a moça.

Jorge já se preparava para dizer algo, dando prosseguimento à discussão, quando o ex-bibliotecário interrompeu-o com um gesto, indicando para que se acalmasse.

– Deveríamos ter ido a um boteco! – resmungou novamente Vandinho.

– E quantas vezes você já se encontrou cara a cara com Jarbas? – perguntou Francisco, retomando o rumo da conversa.

– Já estive próxima de pegá-lo várias vezes, mas só o encarei mesmo em duas circunstâncias. – explicou a moça – A primeira foi na noite em que ele provocou a morte dos meus pais, quando eu tinha quatorze anos. A outra foi há alguns meses atrás, quando eu finalmente consegui capturá-lo, mas por culpa de dois garotos idiotas ele acabou fugindo.

– Você chegou a capturá-lo?! – exclamou Francisco, surpreso – Como?!

– Simples: eu o seduzi – respondeu Vitória, com frieza – Vocês sabem que, em sua forma humana, ele aparenta ser um menino, mas na verdade já tem quase quarenta anos. Eu o encontrei em uma tarde qualquer, mendigando na Avenida Borges de Medeiros e me aproximei. Logicamente, depois de tantos anos, ele não me reconheceu e então o levei até a casa onde eu morava na época e, aproveitando-me do fator surpresa, tranquei-o em uma cela construída no porão para aprisionar outros lobisomens.

– Incrível... – balbuciou o ex-bibliotecário.

– Sim, mas incrível também foi a minha idiotice! – exclamou a moça, em tom pesaroso – Eu devia tê-lo matado tão logo tive oportunidade. Mas, confesso que ao tê-lo sob meu domínio, deixei aflorar todo o ódio que eu nutria ao longo de tantos anos e passeia a espancá-lo e torturá-lo. Eu queria fazê-lo sofrer muito antes de finalmente mandá-lo para o inferno! Porém, certo dia, dois garotos idiotas invadiram a minha casa e, sem entender porra nenhuma do que estava acontecendo, libertaram Jarbas e também outros lobisomens que eu tinha aprisionado. Resultado: os monstros mataram um monte de gente, e como os vizinhos os viram saindo da minha casa, me denunciaram para a polícia, dizendo que eu mantinha *animais selvagens* em cativeiro. Desde então tenho vivido como uma foragida. Modifiquei o visual, pinte o cabelo, evito contato com parentes e lugares públicos de maior visibilidade. Se a polícia me pegar, certamente os investigadores vão encontrar mais coisas *suspeitas* no meu passado, e então não conseguirei mais me livrar deles.

– E como você tem se mantido? – perguntou Jorge, sem dissimular o sorriso irônico – Balas de prata custam dinheiro.

– Escute aqui, seu bigodudo: eu não sou prostituta, se é isso que está querendo insinuar! – esbravejou a moça – Tenha cuidado com a língua ou eu meto a mão na sua cara!

– Calma, calma, mocinha! – reagiu Jorge – Não precisa tudo isso!

– Vocês já ouviram falar de uma rede de lojas chamada *Casas Rogan*? – perguntou Vitória, retomando o tom amistoso – O meu pai foi o fundador.

– Puxa, e quem não conhece?! – espantou-se Francisco – Realmente, no seu caso, dinheiro não deve ser problema.

– É o contrário do nosso caso, que somos aposentados! – exclamou Jorge.

– Deveríamos ter ido a um boteco! – resmungou Vandinho, pela terceira vez.

– Ora, cale a boca! – esbravejou Vitória, um segundo antes dos demais integrantes do grupo também perderem a paciência e iniciarem uma sessão de xingamentos destinados ao petulante mendigo.

*

Horas depois, todos já tinham salvado os números dos celulares uns dos outros, já haviam compartilhado os casos em que se defrontaram com lobisomens, e ainda continuariam conversando até o amanhecer se a dona da padaria não tivesse começado a fechar as portas do estabelecimento, depois de pedir pela décima vez para que eles se retirassem.

Na rua, a dupla de anciões se despediu de Vitória e Vandinho prometendo entrar em contato em breve, ou assim que houvesse alguma novidade. Em seguida, dobraram a esquina no sentido da rua transversal onde estava estacionada a

caminhonete que os conduziria ao hotel. No caminho, trombaram com dois garotos que corriam desesperadamente no sentido contrário.

– Babacas! – gritou Jorge – Parece que roubaram alguma coisa para estarem correndo desse jeito!

Francisco apenas ajeitou o casaco e prosseguiu. Fazia frio na capital gaúcha naquela hora da madrugada.

– Acho que ganhamos bons companheiros de caçada. – comentou o ex-bibliotecário.

– É verdade. – concordou Jorge – Isso é bom, principalmente pelo fato de que aquela moça tem muita grana. Pode providenciar equipamentos e armas bem melhores do que as nossas.

– Sim, e pode comprar informações também, algo que julgo tão ou mais importante do que as armas.

– Certo. Aliás, você viu só como é gata aquela menina?! Ah, se eu fosse uns trinta anos mais novo...!

– Acho que você precisaria ser no mínimo quarenta anos mais jovem para ter alguma chance com ela. – retrucou Francisco, em tom de deboche.

A dupla riu descontraidamente e se aproximou da caminhonete. A rua era mal iluminada e estava completamente deserta.

– Ufa! O carro está intacto! – exclamou Jorge, tirando a chave do bolso – Eu estava com medo de que aqueles moleques que passaram por nós tivessem roubado o meu rádio!

O ex-bibliotecário estava pronto para repreender a preconceituosa desconfiança do amigo, quando sua atenção se voltou para algo estranho avistado no interior do estacionamento da construção defronte. Eram duas esferas rubras e luminosas que flutuavam na escuridão e se aproximavam rapidamente. Demorou alguns segundos para que o ex-bibliotecário percebesse que os bizarros objetos nada mais eram do que os olhos coléricos de uma criatura horrenda que já se encontrava a poucos metros das costas de Jorge.

– Cuidado! – teve tempo de gritar Francisco.

Instintivamente, o ex-policial moveu-se para a esquerda, um instante antes de a patada desferida pela besta atingir a lateral da caminhonete, estilhaçando o vidro da porta e arrancando o retrovisor. Urrando de raiva, o monstro se voltou novamente para Jorge, já preparando um novo bote, quando foi atingido por dois tiros disparados por Francisco.

Cambaleante, a criatura chocou-se de encontro ao muro que delimitava a entrada do estacionamento, e antes que pudesse ter qualquer reação, o ex-policial também sacou seu revólver e atirou duas vezes, fazendo com que os projéteis se alojassem no crânio do monstro.

Tão logo o corpo posicionou-se inerte na calçada, iniciou-se a metamorfose que o conduziria pela última vez de volta à sua forma humana.

– É uma mulher! – exclamou Jorge.

– Sim, é a mesma garota que estava no bar em companhia do rapaz negro.

– Isso explica porque encontramos apenas o cadáver do cara no beco.

– Essa mulher devia ser companheira do outro lobisomem. Creio que eles caçavam em dupla... Um dos dois atraía a vítima no bar e depois ambos atacavam-na em um lugar propício.

– E ela deve ter vindo atrás de nós querendo vingar a morte do coleguinha! Cadela! Espero que apodreça no inferno!

Francisco percebeu luzes se ascendendo no prédio da esquina oposta. Do outro lado da rua, alguém espiava através de uma janela entreaberta.

– Precisamos sair logo daqui antes que alguém chame a polícia! – exclamou o ex-bibliotecário – Temos que levar o corpo! Se as balas de prata forem encontradas todos vão desconfiar que haja algo mais na história!

Apressadamente, e não sem certa dificuldade, os dois anciãos recolheram o corpo nu e ensanguentado da mulher e colocaram-no na caçamba da caminhonete.

– Ah! Ai!

– O que foi?! – indagou Jorge.

– Esse meu reumatismo! Desse jeito ainda vai me matar!

– Isso se esses lobisomens pulguentos nos não matarem antes, seu velhote!

Da forma mais rápida possível, a dupla embarcou no veículo e partiu velozmente. Quando as sirenes da viatura policial se tornaram audíveis no local do tiroteio, a caminhonete já se encontrava distante e em segurança. Os veteranos caçadores de lobisomens ainda precisariam desovar o corpo antes de retornarem para o hotel e desfrutar do merecido descanso. Amanheceria dentro de poucas horas, e pelo menos durante o dia a ameaça dos licantropos não voltaria a fustigá-los.

Jarbas andava de um lado para o outro da sala empoeirada como se fosse uma fera selvagem trancafiada em uma jaula minúscula. Mal havia anoitecido, mas a sua impaciência era a de quem passara o dia todo escondido em meio às ruínas de um prédio abandonado em um quarteirão imundo e malcheiroso nas cercanias da área portuária. Em circunstâncias normais, ele teria passado a tarde em uma rua qualquer do centro da cidade, e quem o visse pensaria se tratar de um menino como tantos outros que vagam por ali esmolando nas calçadas e semáforos. O diferencial é que provavelmente sentiriam uma dose adicional de repulsa ou hipócrita compaixão em virtude das cicatrizes que ele ostentava no rosto. Certamente não desconfiariam de que por baixo daquela aparência inofensiva se escondia um monstro perverso e voraz, que tinha no ato de mendicância apenas uma fachada para dissimular seu verdadeiro objetivo: escolher metodicamente entre os transeuntes a vítima que, ao raiar da lua cheia, seria atacada da forma mais sádica e brutal imaginável para em seguida ser mutilada e devorada.

Contudo, essa liberdade de ação já fazia parte do passado do predador licantropo. Nos dias vigentes ele precisava agir com a máxima destreza, evitando sair à luz do dia e esquivando-se dos locais onde pudesse ser mais facilmente avistado. Tudo isso porque nos últimos meses ele vinha sofrendo frequentes ataques arquitetados por outros lobisomens. Ele não ligava a mínima para os demais representantes de sua amaldiçoada espécie, tanto que já havia matado inúmeros ao longo das mais de duas décadas em que zanzara pelos confins obscuros das noites de luar. Era tão confiante em sua própria força que tinha certeza de que poderia arrancar a cabeça e comer as entranhas de qualquer semelhante em um confronto direto. Porém, eles estavam caçando e atacando-o em grupos. Recentemente ele já havia se digladiado com duplas, trios e uma vez até contra um quarteto. Naquela ocasião específica ele chegou até mesmo a temer pela sua vida, e mesmo depois de ter rasgado as gargantas dos quatro adversários, precisou permanecer vários dias praticamente hibernando para se recuperar dos ferimentos oriundos do confronto. Seus inimigos estavam farejando-o com muita gana, e ele definitivamente precisava ter cuidado.

Lá fora a noite já estava a postos para ocultá-lo em suas sombras, e ele se dirigia para a escada que o levaria até o térreo, quando um ruído vindo do andar inferior chamou sua atenção. Sabia de antemão que não poderia ser algum mendigo, pois ele já havia dado cabo de todos que perambulavam por ali. Também não devia se tratar de um cão vadio qualquer, pois seus instintos se encarregavam de mantê-los afastados de um lugar que servia de abrigo a um ser tão ameaçador. Só poderia ser *uma outra coisa*.

Como se para confirmar as suspeitas de Jarbas, as tábuas que bloqueavam a porta que dava acesso a uma rampa lateral voaram subitamente enchendo o ar de estilhaços e revelando a imagem de um lobisomem cinzento que por ali se projetava. Quase que simultaneamente, outro licantropo emergiu através das escadas, urrando ameaçadoramente. Os malditos haviam encontrado-o novamente.

Sem delongas, o monstro cinzento saltou na direção de Jarbas com sua bocarra escancarada. Com agilidade sobre-humana, o garoto desviou-se do bote, agarrou a criatura pelo pescoço e arremessou-a com incrível violência de encontro à parede do outro lado do ambiente. Mal havia concluído esse surpreendente movimento quando sua audição apuradíssima captou o som das passadas que se aproximavam rapidamente às suas costas. Conseguiu dar um passo à direita no exato momento em que a patada desferida pelo segundo lobisomem rasgou sua blusa, deixando cortes profundos em suas costas. Se não tivesse conseguido esquivar-se no último instante, o golpe teria arrancado-lhe a cabeça.

Aproveitando-se da fração de segundos em que o monstro precisou posicionar-se para armar um novo bote, Jarbas agarrou seu vigoroso braço fazendo-o girar acima do chão e arremessando-o escada abaixo com toda a força sobrenatural que era possível reunir em seu corpo ainda em forma humana. Esperava com isso obter um breve momento de trégua para poder realizar a metamorfose que o colocaria em igualdade de condições com seus adversários, mas teve suas expectativas frustradas ao observar o lobisomem cinzento – já recuperado do impacto contra a parede – correndo em sua direção apoiado apenas nas patas traseiras.

Jarbas vasculhou o chão com o olhar, buscando algum pedaço de madeira que pudesse servir como um porrete improvisado, mas tudo que avistou foi um tijolo caído a pouco mais de dois metros de si. Com grande agilidade, saltou até lá, pegou o artefato e arremessou-o violentamente de encontro à cabeça de seu agressor. Contudo, o monstro mal titubeou e, aproveitando-se da proximidade, desferiu uma patada brutal no rosto do garoto, atingindo-o no espaço entre a orelha e a base do pescoço, fazendo-o rolar pelo chão empoeirado expelindo sangue através do ferimento.

Intuindo a momentânea fragilidade do adversário, que permanecia agachado com as mãos apertadas de encontro à sangrenta ferida, a besta cinzenta partiu para o ataque derradeiro, rugindo de forma triunfal. Contudo, a confiança excessiva fez o monstro desconsiderar por um momento o fato de que estava diante de ninguém menos do que o temido e odiado Jarbas, e isso lhe custou caro. Aguardando com frieza o momento apropriado, o garoto permaneceu imóvel no chão, e quando o lobisomem adversário ficou tão próximo a ponto de poder sentir o bafo fétido que exalava de sua bocarra, entendeu que era o momento de agir.

Com uma velocidade em nada compatível a um corpo humano e juvenil, Jarbas saltou de encontro ao monstro, entrelaçou as pernas em sua cintura e, fazendo uso das duas mãos, agarrou seu grosso pescoço da forma mais firme possível. Antes que a criatura conseguisse se desvencilhar, Jarbas urrou de forma animalesca e arrancou um grande pedaço de sua traqueia, bem como uma parte da coluna vertebral que sustentava sua cabeça.

O monstro tombou ao chão emitindo um engasgado lamento de agonia e quase que automaticamente começou a retomar sua forma humana. Foi apenas nesse momento que o ofegante Jarbas olhou na direção da escada e vislumbrou o segundo lobisomem que permanecia ali imóvel, como se terrivelmente surpreso com a cena que acabara de presenciar. Os instintos hipertrofiados do ser bestial fizeram-no compreender que sozinho não seria páreo para enfrentar o garoto demoníaco, de forma que o mais apropriado seria fugir. Após esse instante de hesitação, precipitou-se rapidamente de volta pela escada. Porém, naquele momento era Jarbas quem não pretendia dar o confronto por encerrado.

Quando mal havia transpassado a porta de saída do prédio decadente, o monstro fugitivo ouviu o som de vidros se estilhaçando no andar superior, mas sequer teve tempo de olhar para cima, pois algo grande e pesado desabou sobre seu corpo. Sem conseguir reagir, a criatura urrou ao sentir garras afiadas rasgando a carne de seus ombros ao mesmo tempo em que lhe arrancava tufo de pelos. No instante seguinte, o urro de dor se transformou no derradeiro uivo de agonia, quando as presas pontiagudas de Jarbas – agora inteiramente transformado em um gigantesco predador licantropo – dilaceraram sua garganta, fazendo com que seu sangue amaldiçoado esguichasse volumosamente através da enorme ferida descarnada.

A besta ferida esperneou ainda uma vez mais, e como Jarbas não a soltou, logo suas feições monstruosas começaram a dar lugar a um corpo humano e moribundo. Poucos instantes depois, o lobisomem vencedor retornou para o interior escuro do prédio arrastando detrás de si o cadáver ensanguentado do inimigo derrotado.

Este ato final do bestial e sangrento confronto foi presenciado simultaneamente por duas pessoas. A primeira delas foi Patrícia, uma prostituta que andou até a parte mais deserta e mal iluminada da rua para fumar um *baseado* sem ser importunada. Ela afastou-se praticamente correndo ao avistar o monstro entrando no prédio, e quando julgou estar em uma distância suficientemente segura, puxou o celular da bolsa e iniciou uma chamada.

– O que foi? – perguntou uma voz feminina do outro lado da linha.

– Acho que encontrei a *coisa* que você está procurando! – disse Patrícia, de forma trêmula e ofegante.

- Tem certeza de que é *ele*?!
- Certeza não. Mas ele está naquela área em que você me mandou ficar de olho.
- Sabe o local exato?
- Sei sim, mas só vou dizer se você pagar o que prometeu.
- É claro que vou pagar! Vamos nos encontrar e eu lhe pago hoje mesmo.
- Ok, então anota aí o endereço...

*

A pouco mais de meia quadra de distância, quem também assistiu a tudo foi Silveira, policial militar que se encontrava no interior de sua viatura estrategicamente estacionada na entrada de um beco escuro e repleto de lixo. Assim como Patrícia, ele também pegou seu celular e efetuou uma ligação.

- E então? – indagou o sujeito que acabara de atender.
- Deu errado. – disse Silveira – É melhor você mandar mais reforços para cá e tentarmos acabar com isso de uma vez por todas antes que *ele* suma de novo.
- Você o viu?
- Vi sim.
- E porque não atirou nele?! Você tem balas de prata!
- Ora, você está louco?! Sabe muito bem o que aconteceria comigo caso eu não conseguisse matá-lo já no primeiro tiro!
- Certo! Certo! Espere aí e logo mandarei reforços.
- Ok. Mas tem mais uma coisa...
- O que?!
- Uma puta. Acho que ela viu tudo.
- Então dê um jeito nela!
- Certo. – finalizou Silveira, desligando o telefone.

Em seguida, o policial abriu o porta-luvas e retirou dali uma pistola com silenciador que não pertencia à força militar e tampouco possuía qualquer registro. Ele deixou-a em seu colo e então deu partida no veículo, seguindo na direção tomada pela prostituta.

*

Menos de meia hora depois, um Gol branco e com películas escuras nos vidros estacionou no mesmo local em que anteriormente estava a viatura. De seu interior desembarcaram dois homens corpulentos, sendo um deles jovem e negro, enquanto que o outro era um sujeito de meia idade, cujo aspecto chamava a atenção pela careca reluzente.

Depois de observarem atentamente os arredores, certificando-se de que não estavam sendo observados, despiram-se completamente e deixaram suas roupas no banco traseiro do veículo. Em seguida, quase que de forma sincronizada,

metamorfosearam-se em enormes lobisomens e rumaram para o prédio que servia de esconderijo para Jarbas movendo-se de forma rápida e silenciosa como apenas os mais hábeis predadores costumam fazer.

Menos de um minuto depois do instante em que as duas criaturas mergulharam na escuridão do prédio abandonado, surgiu uma caminhonete Ranger dobrando a esquina no lado oposto da rua. O veículo estacionou próximo a um longo muro repleto de pichações e rapidamente quatro pessoas saíram de seu interior portando armas e lanternas. Tratava-se de Vitória, Francisco, Jorge e Vandinho.

A moça gesticulou para que os dois anciões contornassem o prédio através do pátio interno, enquanto ela e o mendigo entrariam pela porta da frente. Até então os membros do quarteto sequer imaginavam que havia nada menos do que três licantropos no interior da arruinada construção.

*

Naquele momento, Jarbas já havia bebido o sangue e devorado parcialmente os adversários abatidos. Tinha retornado à sua forma humana e permanecia deitado no imundo assoalho do segundo andar, procurando recobrar as energias. O grave ferimento na base do pescoço já estava cicatrizando, mas o desgaste no confronto havia sido grande. Eles quase o pegaram desta vez.

Mesmo a contragosto, Jarbas viu-se obrigado a reconhecer que precisava mudar de ares. Os ataques inimigos estavam cada vez mais frequentes, e os últimos lobisomens que surgiram em seu encalço eram mais fortes do que a maioria. Não tão fortes quanto ele próprio, mas o suficiente para destruí-lo caso ataques grupais como aquele que acabara de sofrer fossem apenas um pouco mais meticulosos e eficientes. Sim, ele estava disposto a ir embora de Porto Alegre já na manhã seguinte. Mas para onde iria?

Suas reflexões não puderam ser levadas adiante, pois seu efficientíssimo olfato licantropo foi instigado por um cheiro muito peculiar. Sem dúvida havia mais lobisomens no prédio. Os desgraçados simplesmente não desistiam! Mas ele não estava em condições de lutar novamente, e tampouco queria arriscar uma fuga, pois correria o risco de dar de cara com outros perseguidores do lado de fora. Precisava se esconder. E rápido.

Correu então até um asqueroso banheiro que havia na parte de trás daquele andar e, apoiando o pé na borda da imunda privada, impulsionou-se agilmente de encontro a uma fresta existente no forro do teto e embrenhou-se por entre os destroços de uma parte semidesmoronada do telhado. Era ali que ele teria se escondido para evitar também o primeiro ataque, caso tivesse tido tempo.

Permaneceu imóvel e silencioso, esperando que seus sentidos sobre-humanos captassem a aproximação dos inimigos e, justamente em função disso,

surpreendeu-se tanto ao ouvir subitamente tiros e gritos ecoando no andar de baixo, acompanhados de urros de seus semelhantes e a algazarra típica de um confronto com muito quebra-quebra. Isso tudo ocorreu de forma um tanto intensa, mas também breve. Logo depois o prédio voltou a submergir no silêncio.

*

– Estão todos bem?! – perguntou a ofegante Vitória, enquanto recarregava seu rifle.

– Cristo! Vocês viram aonde aquela *coisa* me arremessou?! – exclamou Jorge, aproximando-se tropeçadamente com um revólver fumegante em mãos – Quase me quebrou a espinha!

– De onde surgiram estas duas criaturas?! – inquiriu Francisco – Não era isso que esperávamos encontrar!

– Nenhum deles é Jarbas! – gritou Vandinho, recolocando seu revólver na cintura.

Atraídos pelas palavras do mendigo, todos os membros do grupo se reuniram em torno dos dois cadáveres crivados de balas de prata.

– Meu Deus! – exclamou Vandinho, levando as mãos à cabeça – Esse careca é um *porco*!

– Do que você está falando?! – inquiriu Francisco.

– É sério! – insistiu o mendigo – Esse negão eu não conheço, mas o careca é um policial! Tenho certeza! Já o vi várias vezes fardado pelas ruas!

– Mais essa agora! – exclamou Vitória – Estamos ferrados!

– Está vendo?! – disse Francisco, dirigindo-se para Jorge – Eu já lhe disse que há lobisomens ocultos em todas as ramificações da sociedade!

– Certo! Certo! – esbravejou Jorge – Mas acho que não devemos ficar aqui de conversa fiada! Precisamos cair fora!

– Ele está certo. – complementou Vitória – Se nos pegarem, ninguém vai acreditar nessa história de lobisomens além deles próprios, que certamente tratarão de se acobertar. Em última instância, o único fato concreto é que matamos um policial. Estamos ferrados!

– Merda! Já está começando a juntar gente lá na rua! – exclamou Vandinho.

– Vamos cair fora! Não há tempo para recolher os corpos e nem procurar por Jarbas! Temos que partir enquanto há tempo!

– Concordo. – disse Francisco – Tendo em vista a situação, é só o que nos resta fazer.

– Vamos para Vale dos Pinhais até as coisas esfriarem. – sugeriu Jorge – Depois poderemos pensar em tudo com calma.

Os demais assentiram com acenos de cabeça e então saíram correndo na direção do veículo. Do outro lado da rua, um grupo de três ou quatro pessoas

espiava a tudo semioculto nas sombras das marquises.

Quando chegaram à caminhonete, os apressados caçadores de lobisomens surpreenderam-se ao constatar que o vidro de uma janela estava quebrado e o alarme havia disparado. Logo entenderem que isso poderia ter atraído a atenção dos curiosos tanto quanto a algazarra do tiroteio.

– Que merda! – exclamou Jorge – Quem pode ter feito isso?!

– Está faltando alguma coisa?! – perguntou Vitória.

– Parece que não! – respondeu o ancião – Não levaram nem o rádio.

– Então vamos cair fora! Rápido!

– Faz sentido. – consentiu Francisco – Precisamos deixar a cidade rapidamente.

– Preciso pegar algumas coisas... Armas, equipamentos... – disse Vitória. – Depois poderemos partir.

*

Cinco minutos depois de a caminhonete ter desaparecido de vista, a viatura do oficial Silveira estacionou diante do prédio onde ocorrera a matança. Ele entrou cautelosamente e ficou perplexo ao vislumbrar os corpos dos companheiros crivados de balas de prata. Quem poderia ter feito aquilo? E Jarbas, onde estaria? O policial estava confuso. Sabia apenas que tinha demorado mais do que devia para se livrar da prostituta bisbilhoteira, e agora a situação estava muito ruim.

– Nós vimos os caras! – disse uma voz masculina vinda da porta principal.

Silveira virou-se sobressaltado e deu de cara com um rapaz magro e mal vestido que tomava a dianteira do grupo de curiosos.

– Viram mesmo?!

– Sim. Eram quatro, incluindo uma mulher. Fugiram em uma Ranger, mas eu anotei a placa. Salvei aqui no meu celular.

Silveira não conseguiu conter o sorriso de satisfação ao pegar da mão do sujeito o aparelho em cujo visor estava digitada a valiosa informação.

– Muito bom, meu rapaz! A polícia agradece a colaboração dos cidadãos de bem!

– E tem mais uma coisa, seu guarda... Uma coisa bem estranha.

– Diga.

– Um pouquinho antes de o grupo fugir, um garoto peladão saiu pela parte de trás do prédio, quebrou o vidro da caminhonete e roubou uma jaqueta! Estranho, né! Deus me livre!

Silveira saiu para a rua ainda sorrindo, e logo seu riso evoluiu para uma gargalhada de satisfação. As coisas não estavam tão ruins como pareciam. Com o número da placa ele poderia localizar os sujeitos que mataram seus amigos, e de quebra era bem possível que encontrasse Jarbas também, uma vez que a sua atitude

estranha denotava um grande interesse pelo grupo. Mas seria preciso agir rápido, pois só haveria mais duas noites de lua cheia naquele ciclo.

*

Jarbas não resistiu à curiosidade que o consumia por dentro e aproximou-se sorrateiramente da escada que levava ao primeiro andar do prédio abandonado. Foi então que ele avistou um grupo de indivíduos armados com o que só poderia ser balas de prata, pois tinham abatido dois lobisomens. Em um primeiro momento, teve a impressão de reconhecer vagamente dois daqueles sujeitos, mas logo todas as suas atenções se voltaram para *ela*. Seu coração disparou quando ele a reconheceu. Estava com os cabelos diferentes e talvez um pouco mais magra, mas era ela, com certeza! A vagabunda que o seduziu de forma tão eficaz e depois o aprisionou, mantendo-o em cativeiro sob torturas constantes durante muitos e muitos dias. Era Vitória! Ah, como ele havia desejado reencontrá-la! Durante um bom tempo esse vinha sendo seu desejo mais fervoroso, e agora ela aparecia diante dele dessa forma! Sua intenção era partir para cima dela de imediato, mas, logicamente, seria o mesmo que cometer suicídio. Era preciso pegá-la sozinha e desprevenida, e ele faria isso. Faria, nem que fosse sua última ação sobre a face da terra. Faria, nem que isso acarretasse o seu próprio fim. Faria, faria!

Aproveitando-se da distração do grupo, que discutia nervosamente, Jarbas saltou através de uma janela no segundo andar que dava para os fundos do prédio. Contornou o flanco esquerdo da construção e chegou à rua. Olhou para a direita e sorriu satisfeito ao constatar que sua intuição não o enganara. Havia um carro ali, e só poderia pertencer aos invasores.

De forma muito rápida, Jarbas quebrou o vidro da janela do veículo e pegou uma blusa de lã que estava em seu interior. Levou o objeto às narinas e logo depois o atirou de volta ao assento, irritado. Pegou então uma jaqueta *jeans* e cheirou-a também. Dessa vez sua reação foi um sorriso extasiado. Ela dela! Seu cheiro excitante e inconfundível estava impregnado na roupa.

Com uma boa dose de esforço e concentração, um lobisomem poderoso como ele poderia fazer com que seu hipertrofiado olfato licantrópico fosse capaz de localizar com relativa precisão um determinado alvo, mesmo a uma distância significativa. De posse da jaqueta, Jarbas rastrearía o cheiro de Vitória incansavelmente. Com um pouco de sorte, poderia pegá-la sem tantas dificuldades e então iria se divertir muito. Iria violentar seu corpo e sua mente de todas as maneiras possíveis e imagináveis, e só depois, quando já estivesse cansado de tanto torturá-la, iria devorá-la por inteiro e roer prazerosamente cada um de seus ossos.

Contudo, naquele momento era preciso fugir. O alarme da caminhonete não tardaria por chamar a atenção de alguém, e ele não estava a fim de correr riscos desnecessários. Todas as suas atenções a partir de então precisariam estar

direcionadas única e exclusivamente para Vitória. Ah, aquela *vagabundinha* gostosa não perderia por esperar!

O FIM DE UMA ERA – PARTE III

Silveira sentia-se um tanto fatigado, não apenas por ter passado a noite inteira em claro, mas também por ter gasto as primeiras horas da manhã realizando sucessivas ligações telefônicas e pesquisas na internet. Contudo, um sorriso de satisfação iluminou o seu rosto ao constatar que a tarefa havia sido concluída com êxito. Pegou o celular e ligou mais uma vez para o número mais acessado de sua agenda.

– Diga, Silveira... – resmungou uma voz sonolenta e masculina do outro lado da linha.

– Consegui, Chefe. Localizei o dono da Ranger.

– E então?

– Ele se chama Jorge Fontana, e mora em Vale dos Pinhais.

– Onde fica isso?

– Na serra. É um lugar bem pequeno. Já mandei um dos rapazes ir até lá para fazer uma averiguação.

– Ótimo.

– Mas tem mais uma coisa...

– Diga logo, homem! Vamos!

– Ele é ex-policial.

– Ex-policial?! Ah, merda!

– E agora? O que acha que devemos fazer?

– Essa cidade é pequena mesmo?

– Sim. Menos de dez mil habitantes. Mas pelas minhas informações o cara está morando em uma fazenda localizada em um distrito no interior. Lá deve viver pouquíssima gente.

– Então espere o informante ligar. Se o cara e a turma dele estiverem lá, junte os rapazes e sigam imediatamente. Tentem pegá-los com discrição, sem muito alarde.

– E se não for possível?

– Então façam o que tiver que ser feito, mas certifiquem-se de não deixar testemunhas, ok? No momento esses sujeitos são mais perigosos para nós do que o próprio Jarbas. É evidente que eles sabem muito mais do que deveriam.

– Entendido, senhor. Pode ficar sossegado que daremos um jeito em tudo – concluiu Silveira, com aquele sorriso sarcástico que insistia em não lhe sair dos lábios.

*

São Bento era o nome da menor comunidade rural pertencente ao município de Vale dos Pinhais e ficava localizada a cerca de quinze quilômetros da área

urbana. Seu núcleo habitacional era composto por apenas cinco residências, estrategicamente dispostas ao redor da pequena igreja de pedra, onde o vigário da paróquia comparecia periodicamente para rezar missas mensais, sempre no segundo domingo de cada mês. Atrás da igreja ficava o salão comunitário, onde as famílias se reuniam aos domingos para compartilhar churrascos, jogar cartas e bochas, e ao lado deste estava localizada a pequena escola, que durante décadas servira de segundo lar para crianças que cursavam da primeira até a quarta série do ensino fundamental, mas que estava desativada há quatro anos, desde que a prefeitura designou uma Kombi para buscar os alunos e conduzi-los diariamente para estudar na escola nucleada na sede do município.

Além destas residências, a comunidade era composta ainda por seis fazendas, dispostas a distâncias variáveis do núcleo habitacional. A mais próxima era a Fazenda Alvorada, de propriedade de Jorge Fontana, ex-delegado de Vale dos Pinhais. Ela se localizava há apenas um quilômetro da sede comunitária, em uma pequena colina a oeste. A distância era tão pequena que, nos dias ensolarados, alguém que se postasse diante da igreja poderia até mesmo avistar sem maiores dificuldades os pilares brancos da cerca que delimitava a propriedade lá no alto. E era justamente ao lado desta cerca – ou mais precisamente na margem do pequeno lago que ali havia – que Francisco e Vitória compartilhavam uma cuia de chimarrão, banhados pela agradável luminosidade matinal.

– ... E hoje é a última noite de lua cheia do mês. – disse o ex-bibliotecário – Eu seria capaz de apostar que depois disso Jarbas vai sumir de Porto Alegre e nós não conseguiremos mais encontrá-lo tão facilmente.

– Sim, isso é uma merda. – consentiu Vitória – Mas pelo menos se ele for embora de lá os outros lobisomens também vão.

– E por hora já estaria de bom tamanho. Ainda mais se levarmos em conta o que aconteceu ontem à noite. Devemos evitar voltar para lá. Pelo menos por enquanto.

– Pessoal! Pessoal! – gritou Vandinho, aproximando-se estabranadamente – Acabei de ver na televisão uma notícia sobre a morte do policial e do negão. Além deles foram encontrados mais dois defuntos no prédio. A polícia está dizendo que acredita em uma chacina cometida por traficantes. Não falaram nada sobre as balas de prata que nós metemos nos cadáveres.

– Já era de se esperar. – resmungou Vitória.

– Isso só vem a confirmar a minha teoria de que há lobisomens infiltrados também no alto escalão da polícia. – ponderou Francisco – Definitivamente, não devemos voltar à Porto Alegre tão cedo.

– Por mim tudo bem! – exclamou Vandinho – Eu gostei de conhecer a roça! A comida aqui é boa e não há toda aquela barulheira e poluição! Para melhorar, só

falta alguém me oferecer uma boa cachacinha ao invés dessa água quente e azeda que vocês chamam de chimarrão!

– Ora, cale a boca, seu mendigo abusado! – esbravejou Vitória.

Vandinho não teve tempo de retrucar ao xingamento da moça, pois a voz grave de Jorge ressoou às suas costas chamando a atenção de todos.

– Venham até aqui! Quero mostrar uma coisinha para vocês! – gritou o ex-policial, saindo da garagem com uma caixa de madeira em mãos.

Quando Vitória, Francisco e Vandinho aproximaram-se com indisfarçável curiosidade, Jorge abriu a caixa de forma espalhafatosa, em meio a um sorriso de satisfação.

– Dynamite! – exclamou o mendigo, surpreso.

– O que você pretende fazer com isso? – questionou Francisco, intrigado.

– Ora, que pergunta! – retrucou Jorge – É óbvio: explodir lobisomens sarnentos!

– Era só o que faltava! – resmungou Vitória, levando a mão à cabeça.

– Mas, Jorge, pelo que consta nos livros, lobisomens só podem ser mortos com prata ou por outros lobisomens... – argumentou o ex-bibliotecário – Não creio que isso possa ser tão útil como você imagina.

– Francisco, faça-me o favor! – esbravejou o ex-policial – Por acaso você já tentou explodir uma daquelas aberrações para saber se elas morrem ou não?! E pare de achar que tudo que está escrito nos livros é verdade! Pelo que eu sei há até livros que dizem existir lobisomens *bonzinhos*! Pode haver algo mais absurdo e idiota do que isso?!

Sem esperar por uma possível resposta, Jorge carregou a caixa para dentro de casa, visivelmente aborrecido. Os outros três integrantes do grupo permanecer debatendo sobre a eventual pertinência da teoria proposta pelo ex-policial, e o fizeram de forma tão distraída que nem perceberam o Palio que passou lentamente diante do portão da fazenda e depois desceu a colina em direção ao minúsculo povoado de São Bento.

Em um ponto deserto da estrada, o motorista estacionou o veículo e digitou um número em seu celular.

– Sim? – disse Silveira, ao atender a chamada.

– Bom dia, amigo! Acabei de passar diante da fazenda que você indicou. Avistei quatro pessoas lá, e as características delas batem com a descrição que as testemunhas lhe passaram. Acho que encontramos.

– Ótimo! – exclamou Silveira – Vou reunir os rapazes imediatamente. Fique de olho em tudo, mas não se exponha.

– Certo, pode deixar. Nos vemos mais tarde.

– Ah, mais uma coisa: algum sinal de Jarbas?

– Não, senhor. Acho que ele não está por aqui. Pelo menos não por enquanto.

*

Embora mal passasse das 19 horas, o vale já se encontrava completamente tomado pelas sombras. Isso decorria em grande parte pela presença de inúmeras nuvens escuras que revestiam o céu de forma sinistra e ameaçadora, impedindo que os últimos raios de sol colorissem com outros tons o entardecer. O vento que soprava de forma insistente, os relâmpagos que espocavam aleatoriamente e os trovões que ribombavam à distância evidenciavam a tempestade iminente.

Na comunidade de São Bento, as vacas, cavalos e demais animais já haviam sido recolhidos aos estábulos, e as luzes das casas já estavam acesas.

Em um pequeno bosque localizado junto à última curva da estrada de acesso ao núcleo comunitário, vários homens estavam reunidos em torno de seis carros estacionados estrategicamente em meio à camuflagem natural fornecida pelas árvores. Muitos destes homens já estavam nus, enquanto outros se despiam apressadamente.

– Muito bem, pessoal. O negócio aqui será agirmos com o máximo de rapidez possível. – disse Silveira, posicionando-se no centro do grupo – Vamos invadir todas as casas, sem poupar ninguém. E muito cuidado quando chegarem lá em cima na fazenda onde estão nossos alvos principais. Eles têm balas de prata. Com certeza não o suficiente para todos nós, mas ninguém está a fim de deixar o couro aqui nestes cafundós, não é mesmo?!

– Pensei que o Chefe tivesse dito para agirmos com discrição... – contestou um dos membros do grupo – Mesmo que depois a gente suma com todos os cadáveres, você acha que não vai gerar uma enorme repercussão o desaparecimento de uma comunidade inteira?

– Sim, Rubão, é claro que vai! – retrucou Silveira – Mas não podemos nos esquecer de que há gente aqui que sabe sobre a nossa existência. Sabe *demais* sobre a nossa existência, tanto que andam se organizando em grupos armados e nos caçando com prata! Ontem mesmo eles mataram companheiros nossos, lembra?! Não podemos correr o risco de permitir que levem isso adiante! Senão, todo o esforço que temos feito ao longo de tantos anos para nos mantermos ocultos e em segurança poderá ir por água abaixo em um piscar de olhos! Neste momento estas pessoas são uma ameaça maior para nós do que o próprio Jarbas. Acho que a mídia noticiando o misterioso desaparecimento de uma comunidade inteira é menos prejudicial do que correremos o risco de deixar circulando por aí um bando de filhos da puta armados com balas de prata à nossa procura!

– E eles mataram nossos amigos! Temos que vingar o sangue derramado! – gritou alguém.

Vários outros membros do grupo se manifestaram também, apoiando a ideia de Silveira, que sorriu satisfeito. Rubão não disse mais nada e apenas consentiu com um aceno de cabeça. Poucos minutos depois, mais de uma dezena de horrendos monstros licanthropos corria excitadamente na direção do pequeno povoado de São Bento emitindo pavorosos urros e uivos que se juntavam ao som das trovoadas para formar uma macabra sinfonia digna dos mais horripilantes pesadelos.

*

Carlos havia acabado de sentar-se à mesa com a esposa e a filha, mas ninguém teve tempo de sequer iniciar o jantar, pois a atenção de todos voltou-se para a intrigante barulheira que começou de forma súbita e inesperada. Além do som característico da chuva, que passava a cair com intensidade, ouviam-se ainda estrondos estranhos, gritos e perturbadores ruídos animais. Esta bizarra algazarra aumentava de intensidade a cada segundo, e mesmo antes de olhar pela janela, Carlos receou já saber do que se tratava. Desde que ouvira pela primeira vez o pai relatando aquelas sinistras histórias sobre lobisomens, temeu pelo dia em que ele próprio pudesse vir a estar diante de uma besta licantrópica.

O agricultor encarou a esposa e a filha e constatou o medo estampado em seus semblantes. A menina inclusive já começava a chorar. Rapidamente, ele levantou da mesa e correu até a janela que dava para a estrada, e o que vislumbrou chocou-o de tal forma que por um instante teve a impressão de que iria desmaiar. Era uma visão do inferno na Terra.

Monstros enormes e horrendos corriam por entre as casas do minúsculo povoado, arrombando-as e invadindo-as. O pandemônio que se sucedia nos seus interiores era facilmente perceptível. Carlos viu através da janela da casa mais próxima o momento em que uma daquelas criaturas agarrou o seu vizinho Mauro pelo pescoço e, com um único golpe, arrancou suas entranhas. Desesperado, Evandro – o filho adolescente de Mauro – tentou intervir, mas o mesmo monstro atingiu-o no rosto com uma patada tão violenta que praticamente descarnou sua face.

Na residência que ficava do outro lado da rua enlameada, Antônio tentou uma fuga desesperada atirando-se através da janela, mas antes que conseguisse tocar o solo, uma daquelas bestas surgiu às suas costas, agarrou-o pelas pernas e puxou-as de volta com uma brutalidade indescritível. Carlos viu o tronco do amigo tombar na lama agitando os braços enquanto seus intestinos escorriam para fora de seu ventre rasgando, ao mesmo tempo em que o lobisomem retornava para o interior da casa agitando no ar as pernas arrancas de sua vítima, como se fosse um grotesco troféu de vitória. Pela lateral da residência, outro monstro saía à rua, arrastando detrás de si uma cabeça decepada de onde pendia um pedaço ensanguentado de

coluna vertebral. Pelos cabelos loiros e crespos, Carlos identificou o que sobrou de Janaina, esposa de Antônio.

Olhando para a terceira casa ao norte, o apavorado agricultor percebeu que boa parte da parede da sala de estar havia sido posta abaixo, e pelo enorme buraco ele pode vislumbrar dois lobisomens partindo ao meio o corpo da menina Cibele, como se estivessem disputando um horrendo e encarniçado cabo de guerra. A residência seguinte estava com seu interior em chamas e a última não era visível, embora os monstros que vinham daquela direção davam a entender que nada de vivo havia restado lá.

Em um lampejo de lucidez, Carlos conseguiu desviar os olhos daquele panorama de pesadelo e voltou-se para as mulheres que choravam estridentemente, ainda sentadas à mesa.

– Vocês duas! Corram para o quarto! Agora! – gritou o agricultor.

Hesitantes, mãe e filha ainda tentaram esboçar algum amedrontado questionamento, mas Carlos agarrou-as pelos braços e praticamente empurrou-as para dentro do seu quarto. Aproveitou então e retirou a espingarda de cima do guarda-roupa e, ao mesmo tempo em que conferia a munição, puxou o celular do bolso e iniciou uma ligação.

– Alô? – disse a voz grave de Jorge do outro lado da linha.

– Pai! O senhor não vai acreditar, mas está cheio de lobisomens aqui na comunidade! Eles estão acabando com tudo!

– Quantos deles apareceram?! – perguntou o ex-policial, após alguns segundos de hesitação fomentados pela surpresa.

– Não sei ao certo, mas são muitos... Uns doze ou treze!

– Cristo! – exclamou Jorge – Você ainda tem as balas de prata que lhe dei há tempos atrás?!

– Sim, já estão na espingarda, mas não vão ser suficientes!

– Aguentem firmes que iremos até vocês!

– Não vai dar tempo, pai! Pegue a mãe e fuja! Aqui logo não haverá mais ninguém para matar, então eles irão até aí!

– Escute, filho: tente pegar as mulheres e...

Carlos não ouviu seu pai completar a frase, pois soltou o telefone sobressaltadamente no instante em que a porta da cozinha veio abaixo. Com os gritos histéricos da esposa e da filha ressoando em seus ouvidos, ele correu até lá com a espingarda em mãos e viu o exato momento em que o gigantesco lobisomem precisou abaixar a cabeça para cruzar o marco da porta e invadir o recinto. Tentando controlar o medo que o assaltava, o agricultor apontou a arma na direção do monstro que, por sua vez, urrou ensurdecedoramente em sinal de desafio.

Sem titubear, César apertou o gatilho. O tiro atingiu a besta um pouco acima dos olhos, estilhaçando-lhe parto do crânio e fazendo com que pedaços de seu cérebro voassem de encontro à parede. Um segundo lobisomem que vinha entrando na sequência recuou alguns passos, surpreso ao ver o cadáver de um companheiro de alcateia retornando à forma humana. O agricultor já se preparava para fazer pontaria em direção a este segundo invasor, quando o barulho de vidros se estilhaçando e os gritos desesperados das mulheres no quarto motivaram-no a correr para lá.

Quando adentrou o dormitório, Carlos teve tempo de ver o corpo frágil da filha sendo arrastado para fora através da janela arrombada. Da esposa, o único vestígio que permanecera foi uma única sandália ensanguentada. Tomado por ódio e desespero, o agricultor gritou e tentou se projetar através da janela, mas garras afiadas e poderosas surgiram às suas costas e cravaram-se em seu ombro. No segundo seguinte ele foi violentamente arremessado de encontro à parede.

Esparramado no assoalho e ainda zozzo pelo impacto, Carlos reabriu os olhos e percebeu que a espingarda havia lhe escapado das mãos e rolado para longe. Dois lobisomens cercavam-no e avançavam em sua direção babando de excitação e exalando um bafo fétido de suas bocarras. Em pânico, o agricultor gritou uma vez mais, e logo sua voz se tornou mais aguda, mais intensa e agonizante, para depois calar-se para sempre.

Do lado de fora, vários lobisomens já haviam se postado sobre quatro patas e partido velozmente na direção da fazenda de Jorge Fontana. Dentro de poucos minutos estariam lá.

O FIM DE UMA ERA – PARTE FINAL

– Merda! – gritou Jorge ao arremessar o celular de encontro à parede, fazendo-o partir-se em uma dezena de pedaços.

– O que está acontecendo?! – inquiriu Francisco, aproximando-se sobressaltadamente.

– Lobisomens invadiram a comunidade! Os filhos da puta vieram atrás de nós!

– Mas, como é possível?! E quantos...

– Agora não é hora de conversa, Francisco! – interrompeu o ex-policial – Em poucos minutos eles estarão aqui!

Espantada com o alvoroço, dona Cassandra aproximou-se do marido, preocupada.

– Jorge, o que isso? Será que o Carlos...

– Querida, não há tempo para explicações! Venha comigo! Você também, Francisco! E chamem a Fernanda!

– Mas, Jorge, o que você tem em mente?! – perguntou o ex-bibliotecário, enquanto o amigo conduzia-o pelo braço.

– Você vai pegar a minha caminhonete e vai levar a Cassandra e a Fernanda até a fazenda dos Montagner! E terá que ir rápido, pois *eles* já devem estar chegando!

– Mas então por que não fugimos todos?!

– Porque daí eles vão continuar nos perseguindo e matando um monte de gente inocente pelo caminho! Isso precisa acabar hoje!

– Vou pegar as armas! – gritou Vitória – E você, Vandinho, confira se todas as portas e janelas estão trancadas!

Jorge seguiu rapidamente para a garagem levando – ainda que a contragosto – a esposa e Francisco detrás de si. Ao passar pela cozinha pegou pelo braço Fernanda, a empregada, e praticamente arrastou-a junto. Em menos de dois minutos o ex-bibliotecário e as duas mulheres já estavam acomodados dentro da Ranger.

Em um breve momento de hesitação, Jorge olhou para a esposa. Queria ter a capacidade de sintetizar em poucas palavras o quanto era feliz e grato por ter passado toda uma vida ao lado dela. Queria dizer que a amava e também recomendar que tivesse muita força, pois, embora ainda não soubesse, seu filho Carlos provavelmente estava morto, e as perspectivas para aquela noite na fazenda eram as piores possíveis. Mas, ao invés disso, limitou-se a bater no capô da caminhonete e dirigir-se para Francisco:

– Vá, homem, vá! Não há tempo a perder!

Francisco acelerou, manobrou para a esquerda e adentrou no estreito caminho britado que o conduziria até a estrada principal. Sem delongas, Jorge retornou para o interior da casa.

Ao chegar à sala, encontrou o fuzil *AK-47* sobre a mesa e pegou-o de imediato. Vitória estava olhando através da janela da frente, enquanto carregava o seu rifle *Steyr Scout*.

– Quanta prata temos?! – perguntou o ex-policial.

– Eu tenho vinte balas para o rifle... – respondeu a moça – Para o fuzil temos apenas as trinta que já estão no carregador. Acho que o Vandinho deve ter umas seis ou sete para a *Desert Eagle*. Não mais do que isso.

– No meu revólver há mais seis balas... – disse o ex-policial – Acho que não será suficiente.

– Você acha?! – retrucou Vitória – Olhe para fora e você terá certeza!

– Jesus Cristo! – exclamou Jorge, ao avistar o terrível grupo de lobisomens que começava a chegar ao topo da colina.

Nesse meio tempo, a Ranger havia acabado de atravessar a porteira da fazenda e dobrado à direita, entrando na estrada principal que seguia paralela à cerca da propriedade até descer para o outro lado da colina. Ao diminuir a velocidade para fazer a curva, Francisco não pode reter um gemido de espanto ao avistar pelo retrovisor três monstros correndo muito próximos da caminhonete, tão próximos que um deles conseguiu saltar sobre a caçamba. Com o impacto, as mulheres gritaram apavoradas, e o ex-bibliotecário quase perdeu o controle do veículo.

– Abaixem-se! – gritou Francisco, tirando o revólver do bolso do casaco e apontando na direção do vidro traseiro da caminhonete.

Preocupado em dirigir e ao mesmo combater o ataque monstruoso, o ex-bibliotecário apertou o gatilho, mas o disparo não teve a eficácia que ele esperava. O projétil estilhaçou o vidro, mas não atingiu a besta, que, por sua vez, enfiou a pata para dentro do veículo e agarrou Fernanda pelos cabelos. Certamente a moça teria a cabeça arrancada dentro de poucos segundos, mas antes que isso acontecesse a criatura exalou um gemido de dor, liberou sua presa do aperto mortal e tombou sem vida para fora da caminhonete.

Sem entender muito bem o que havia acontecido, Francisco tornou a acelerar, quando um segundo lobisomem se dependurou na lateral do veículo e arrebentou o vidro da sua janela, tentando agarrá-lo. Dessa vez a proximidade favoreceu o ex-bibliotecário, que, em um movimento desesperado, disparou à queima roupa contra a horrenda face do monstro.

O estrondo do tiro no interior do veículo foi ensurdecador a tal ponto que, por um momento, Francisco até deixou de ouvir os gritos histéricos das duas mulheres,

mas conseguiu ver com satisfação o corpo morto do segundo lobisomem rolando pela beira da estrada enlameada, ao mesmo tempo em que o terceiro ficava para trás, incapaz de acompanhar a velocidade crescente da Ranger. Estavam salvos.

*

– E então?! – perguntou Jorge, angustiado.

– Eu acertei o filho da puta que subiu na caçamba, e pelo que deu para ver através da luneta o Francisco conseguiu se livrar dos outros dois! – respondeu Vitória, posicionada junto à janela – Acho que eles vão ficar bem.

– Ótimo! – exclamou o ex-policia, apontando o dedo para a esquerda da entrada da fazenda – Agora tente dar um jeito naqueles ali!

Através da mira telescópica, Vitória avistou um grupo de nove ou dez lobisomens correndo sobre quatro patas na direção da casa. Com frieza, fez pontaria na cabeça do monstro que vinha um pouco à frente dos demais, segurou a respiração metodicamente e então seu dedo ágil apertou o gatilho. Um urro de dor se sobrepôs por um momento ao barulho da chuva e a besta mergulhou sem vida em uma grande poça d'água. Sem titubear, a moça moveu o cano do rifle centímetros para o lado e tornou a apertar o gatilho. Um novo urro de agonia se sucedeu ao estampido do disparo e mais um licantropo desmoronou abatido.

Surpresos com as balas que os recepcionavam, os demais lobisomens dobraram à esquerda e rumaram na direção do lago que havia na entrada da propriedade. Antes que eles se ocultassem na escuridão e sumissem de vista, Vitória ainda conseguiu atirar contra um retardatário. O projétil atingiu-o no dorso, e, nos breves segundos que ele perdeu retorcendo-se de dor, a moça teve tempo de disparar mais uma vez, espatifando-lhe o crânio.

– Uau! É por isso que eu digo que você é muito *boa*, mocinha! – exclamou Vandinho – quatro tiros e três sarnentos abatidos!

– Se você incluir aquele que estava na caçamba da caminhonete, então já foram quatro! – respondeu a moça, com um sorriso de satisfação nos lábios.

– Eles esperavam nos pegar de surpresa! – emendou Jorge – Não contavam que estivéssemos sabendo de sua chegada!

– Sim, mas isso não resolve nossos problemas. – sentenciou a moça – Ainda há pelo menos uns oito lá fora, e se eles vieram até aqui atrás de nós, não irão desistir até nos pegar.

– Se eu sobreviver a esta noite, vou passar uma semana bêbado! – gritou Vandinho, erguendo as mãos para o alto.

– Você já está bêbado! – retrucou Vitória – E agora vá dar uma olhada nas janelas dos quartos! Avise-nos se enxergar algo!

O mendigo abaixou a cabeça e saiu resmungando. Jorge e Vitória continuaram espiando através das janelas da sala de estar.

– Sinto muito pelo seu filho e a família dele. – disse a moça, em tom pesaroso.

– Eu também! – resmungou o ex-policial, com os olhos marejados – Morreram por minha causa.

– Ora, não se culpe! Aqueles monstros não...

Vitória não conseguiu concluir a frase, pois o barulho de estilhaços acompanhado por um grito de Vandinho e um intenso tiroteio chamou a atenção dela e de Jorge para um dos quartos. A dupla correu até o local de onde provinha a barulheira e encontrou Vandinho escorado na parede com a pistola em mãos, olhando com expressão apavorada para a janela arrebitada.

– Cristo! O que aconteceu?! – perguntou Jorge.

– Estavam tentando entrar pela janela, mas passei fogo neles! – respondeu o ofegante mendigo – Pelo menos uns três eu matei!

Vitória aproximou-se cautelosamente da janela estilhaçada e espiou para fora.

– Não tenho certeza se foram três, mas dois eu garanto que furei! – insistiu Vandinho, ascendendo um cigarro – Na verdade, não sei se foram dois, mas um levou chumbo, isso é certo!

Vitória afastou-se da janela e parou diante do mendigo, com semblante enraivecido.

– Quer saber quantos lobisomens você acertou, seu idiota?! – gritou a moça – Nenhum! Você descarregou a pistola e não atingiu nada!

Neste exato momento, um grande estrondo vindo de outro quarto fez todos entenderem que mais uma janela estava sendo arrombada. Jorge e Vitória se deslocaram rapidamente para lá a tempo de flagrar dois olhos de luminosidade rubra recuando de volta para a escuridão exterior. A dupla disparou algumas vezes com suas armas, mas logo desistiu ao constatar que o monstro já havia se ocultado fora de seu campo de visão.

Antes mesmo que pudessem trocar quaisquer palavras, os dois foram surpreendidos por uma nova profusão de barulhos, desta vez vinda de pelo menos outros dois cômodos diferentes. Jorge indicou com o dedo para que Vitória fosse até a cozinha, enquanto ele iria de volta à sala de estar.

Enquanto ouvia os tiros disparados pela moça no outro aposento, o ex-policial olhou através da vidraça quebrada e avistou o vulto enorme de um dos licantropos se movimentando do lado de fora. Seu dedo apertou o gatilho e alguns projéteis se perderam na escuridão da noite. Novamente, nenhum monstro havia sido atingido.

– Eles estão nos induzindo a gastar munição! – exclamou Vitória ao adentrar no recinto recarregando seu rifle.

– Não pensei que fossem tão espertos! – esbravejou Jorge.

– Esse é o problema! – respondeu a moça – Estes lobisomens são mais antigos e poderosos do que a maioria dos que já encontramos!

Subitamente, a voz de Vandinho ecoou pela casa na forma de um novo grito estridente, desta vez ainda mais apavorado do que o anterior. Vitória correu de volta ao quarto e Jorge já se preparava para segui-la, quando a porta da sala foi feita em pedaços pela besta que por ali se projetou. Recuperado do susto inicial, o ex-policia! apontou o fuzil naquela direção e disparou. Quatro tiros certos atingiram o peito do monstro e empurram-no de volta para fora, fazendo-o desabar sem vida na grama molhada.

Com o canto do olho, Jorge avistou outro lobisomem tentando entrar através da janela arrombada e, antes que a invasão se consumasse, atirou naquela direção também. Pelo menos um dos disparos atingiu o dorso da criatura, que urrou de dor e recuou para fora. Tomado pelo ódio e convencido a não deixar a criatura escapar, o ex-policia! correu até a janela, mas não o fez com a prudência necessária.

Com o olhar fixo no monstro que se afastava correndo de forma trôpega, Jorge projetou-se para fora da janela fazendo pontaria e quando percebeu a aproximação de um segundo licantropo que se esgueirava sorrateiramente junto à parede, já era tarde demais. O lobisomem agarrou-o pelos ombros e suspendeu-o no ar, ao mesmo tempo em que cravou as presas afiadas em sua clavícula esquerda. Jorge gritou de dor e desespero, e somente invocando uma força de vontade fora do comum conseguiu erguer o fuzil por sobre a própria cabeça e apertar o gatilho, descarregando a última rajada de balas na direção do monstro agressor.

Mesmo sem ter conseguido ver nada com clareza, o ex-policia! não teve dúvidas de que abateu a criatura, pois ela soltou-o imediatamente após emitir um urro longo e angustiante, sumindo de vista. Tão logo caiu no assoalho da sala, Jorge tratou de levantar-se, mesmo sendo fustigado pela terrível dor que a mordida provocava em seu ombro. Nem se deu ao capricho de olhar pela janela para verificar se o monstro que o agrediu estava realmente morto. Sacou da cintura o revólver *RT 44* e cambaleou na direção do quarto para onde Vitória havia seguido.

*

Quando ouviu Vandinho gritando, Vitória correu de volta ao aposento onde se encontrava o mendigo. Tão logo adentrou no dormitório, a moça avistou o companheiro agachado em um canto, apavorado com a presença do enorme monstro que avançava em sua direção. O olhar ágil da caçadora de lobisomens percebeu também outro licantropo se projetando para dentro do quarto através da janela. Instintivamente, ela apontou seu rifle para esta segunda criatura e atirou. A bala atingiu o peito do monstro, que urrou de dor e trombou de encontro à lateral estilhaçada da abertura. Antes que ele tivesse tempo de se recompor, Vitória atirou

novamente, e, desta vez, o projétil espatifou a grotesca mandíbula do licanthropo, fazendo voar pelos ares fragmentos de ossos, presas e muito sangue.

No instante em que voltou suas atenções para o canto onde se encontrava o acuado mendigo, a moça foi surpreendida pelo outro licanthropo que agora avançava em sua direção com a pata direita erguida para o alto, preparando o golpe mortal. Em uma fração de segundos, Vitória conseguiu dar um passo para trás, evitando que a patada lhe arrancasse a cabeça. Contudo, o golpe foi tão violento que, na ânsia de esquivar-se, a moça tombou ao chão e deixou o rifle escapar de suas mãos. O lobisomem se posicionou novamente, preparando o novo golpe, e a garota chegou mesmo a presumir que seu fim havia chegado, o que de fato se consumaria se Vandinho não tivesse intercedido heroicamente no último instante.

Enfrentando bravamente o pânico que o assaltava, o mendigo pegou um vaso de flores que ornamentava a cômoda localizada ao lado da cama e arremessou-o com toda a força que conseguiu reunir de encontro à cabeça do monstro. Ao sentir o vaso espatifando-se contra seu corpo, o licanthropo urrou – muito mais de ódio do que de dor – e voltou-se na direção do agressor com grande agilidade. No segundo seguinte, a patada que parecia destinada à Vitória foi desferida contra o pescoço de Vandinho. A violência do golpe foi tanta que a cabeça do mendigo quase foi removida do corpo. Sentindo as forças abandonarem-no rapidamente, o indigente caiu no assoalho expelindo jatos de sangue através da garganta dilacerada.

Sem perder tempo, a garota rolou pelo chão, ajuntou o rifle e – gritando de raiva – disparou quatro tiros contra as costas do lobisomem que, por sua vez, tombou definitivamente ao lado do mendigo.

Quando a moça levantou-se, o corpo ensanguentado do licanthropo já estava retornando à sua forma humana. Ela chutou-o com desprezo, fazendo-o rolar para o lado e agachou-se junto de Vandinho. O indigente agonizava, engasgando no próprio sangue e deixando evidente que a vida lhe abandonaria dentro de segundos. Foi nesse momento que Jorge entrou no quarto e surpreendeu-se com o sangrento panorama exposto diante de si.

– Ele morreu para me salvar. – disse Vitória, fechando pela última vez os olhos já sem vida do mendigo.

– Apesar de todos os defeitos, no fundo ele não era uma má pessoa. – completou Jorge.

Vitória recolheu do lado do corpo de Vandinho o isqueiro *Zip* prateado com o qual ela mesma o havia presenteado em um dia de singular bom humor. Guardou-o no bolso e levantou-se tentando disfarçar o olhar marejado. Foi apenas nesse momento que ela percebeu o enorme e ensanguentado ferimento no ombro de Jorge.

– Isso no seu ombro é o que eu estou pensando?! – perguntou a moça, apreensiva.

– Sim. – respondeu Jorge, sem hesitar – Eu fui mordido. Estou ferrado!

– Escute, Jorge... Acho que nós podemos...

– *Nós* não podemos nada! – interrompeu o ex-policial – *Eu* posso dar um jeito nisso! Já sei o que fazer!

– Mas o que você tem em mente?!

– Primeiro me responda: quantas balas de prata você ainda tem?

– Três. – respondeu a moça, com semblante abatido – Apenas três.

– O fuzil já era, mas eu ainda tenho seis balas no meu 44.

– Mas qual é o seu plano, afinal de contas?!

– Vou fazer uma surpresinha para aqueles cães sarnentos! – respondeu Jorge, se encaminhando para a sala de estar.

– Mas eu acho que...

– Ouça, garota: eu fui mordido! A última coisa que eu quero é me transformar em uma besta horrível como aquelas que estão lá fora! Isso significa que já estou morto! A questão é levar o máximo daqueles filhos da puta para o inferno comigo!

– Tem certeza de que quer fazer isso? – indagou Vitória, suspirando pesarosamente.

– Já está feito! – respondeu o ancião – Espero que sobrem poucos para as suas três balas. E saiba que foi uma grande honra combater ao seu lado!

Sem dizer mais nada, Jorge precipitou-se para fora da casa, correndo da forma mais rápida que a sua debilitada condição permitia. Como ele previra, não demorou mais do que alguns segundos para que os licantropos ocultos na escuridão percebessem sua movimentação e partissem em seu encalço. Certamente, jamais o deixariam fugir.

O ex-policial parou e olhou para trás, avistando cinco lobisomens correndo na sua direção. O cheiro de sangue que emanava do seu ferimento, aliado ao andar trôpego e a atitude insólita de tentar uma fuga a pé passava aos monstros uma impressão de desespero e fragilidade. Além disso, a vítima aparentava estar desarmada. Com certeza seria facilmente destroçada em segundos.

Contudo, Jorge sacou o pesado revólver que se encontrava oculto debaixo da camisa e apontou-o na direção das bestas. Apertou o gatilho com ódio, mas a bala passou zunindo por entre as criaturas, sem acertar nenhuma. Dois segundos depois, atirou novamente. Desta vez o grosso calibre da arma cumpriu sua função com perfeição e o projétil explodiu a lateral da cabeça de um dos monstros, que caiu diante de seus companheiros. O ancião fez pontaria no lobisomem que corria mais à direita e efetuou mais um disparo certo. Outro licantropo teve sua cabeça arrebatada e seus miolos espalhados na lama circundante.

Surpresos com a reação da vítima que parecia indefesa, os três monstros remanescentes espalharam-se, seguindo dois pela esquerda e um pela direita, em uma clara manobra que visava cercar o adversário. Jorge teve a impressão de que o lobisomem que avançava pelo flanco direito estava ligeiramente mais próximo do que os outros dois, e decidiu que este seria seu próximo alvo. Debilitado pela grande perda de sangue, o ex-policia não conseguiu atirar com a precisão que almejava, e o projétil atingiu o ombro da criatura, que, por sua vez, suspendeu bruscamente sua corrida, urrando de dor. A momentânea imobilidade da besta favoreceu a pontaria de Jorge, que disparou novamente e, desta vez, abateu o terceiro licantropo.

Restava apenas uma bala em seu revólver e dois monstros se aproximavam de forma cautelosa, mas inexorável. O último projétil precisava ter o destino certo. Ele não daria aos odiosos inimigos o prazer de ouvi-lo gritar enquanto trucidavam-no. Com convicção, Jorge deixou-se cair de joelhos, levou o cano da arma à têmpora direita e apertou o gatilho pela última vez. Quando as bestas saltaram sobre seu corpo, a vida já o havia abandonado.

*

Mesmo com lágrimas embaçando sua visão, a moça acompanhou pela luneta do seu rifle o desfecho da missão suicida de Jorge. Por mais de uma vez o seu dedo roçou de leve o gatilho, na ânsia de atirar e tentar abater os monstros restantes, mas a distância era grande e a visibilidade ruim, em partes também em função da chuva. Em circunstâncias normais ela arriscaria atirar da mesma forma, mas sua arma tinha apenas três balas e ela não estava convencida de que aqueles dois lobisomens eram os últimos que restavam. Acreditava que a qualquer momento algum outro pudesse surgir das sombras ou se precipitar através de uma janela qualquer, e, neste caso, uma mísera bala de prata poderia fazer uma diferença enorme.

Contudo, o tempo para conjecturas parecia haver se esgotado. Com suas bocarras escorrendo sangue, os lobisomens sobreviventes começaram avançar lentamente na direção da casa. Tratava-se de criaturas muito espertas. Tão espertas a ponto de entender que, se o velho tomou aquela atitude desesperada, era porque não havia outra melhor a ser tomada, e que se a moça nada tinha feito para intervir, era porque nada mais restava a fazer.

Por sua vez, Vitória estava consciente de que precisava tomar uma decisão. Ou atiraria nos monstros que se aproximavam ameaçadoramente, ou eles iriam despedaçá-la. Era simples assim. Ponderou então que esperaria até eles estarem em uma distância na qual poderia atirar sem medo de errar. Se tudo desse certo, ela abateria os dois e ainda sobraria uma preciosa bala na arma. Porém, as forças

obscuras e imprevisíveis do destino estavam prestes a agir de maneira inusitada mais uma vez.

A moça ficou intrigada quando percebeu que a dupla de licantropos simplesmente interrompeu sua aproximação. Como se estivessem farejando algo desconfiadamente, as criaturas olhavam de forma frenética ao redor, erguendo seus fuços para o alto e emitindo inquietantes rosnados. Foi então que um dos monstros simplesmente sumiu de seu campo de visão. Ela poderia supor que, por algum motivo, ele simplesmente tivesse saltado em direção à escuridão, mas a impressão que a fustigava era a de que o lobisomem havia sido subitamente agarrado e rapidamente arrastado por *algo* ainda maior e mais forte do que ele.

Como se para confirmar suas suspeitas, uma barulheira infernal ressoou das trevas de forma breve, mas muito intensa. Em meio a urros e rosnados que denotavam ódio e agressividade, ouviu-se também um longo lamento de agonia e, no instante seguinte, a cabeça decepada e parcialmente descarnada do lobisomem rolou para dentro de uma poça d'água. Espantado ao ver aquela parte mutilada do corpo do companheiro retornando à forma humana, o licantropo restante já se preparava para correr, quando *ele* surgiu da escuridão.

A garota presenciou a aparição de um novo lobisomem – fisicamente tão horrendo e medonho quanto qualquer outro – mas do qual parecia emanar uma energia diferente, ainda mais agressiva e perversa, o que automaticamente o tornava também mais ameaçador. Mesmo sem entender de imediato o que estava acontecendo, a moça teve uma sinistra intuição, que começou a ganhar relevância quando o mostro recém-chegado agarrou o outro pelo pescoço e arremessou-o violentamente contra uma árvore, fazendo com que o seu tronco se partisse ao meio mediante o impacto com a pesada criatura.

Transtornado com o golpe, o licantropo levantou-se rosnando e sacudindo a cabeça, mas antes mesmo que pudesse dar vazão aos seus instintos e fugir da inusitada ameaça, percebeu as poderosas garras do adversário se fechando novamente em torno do seu pescoço. Desta vez o aperto foi tão vigoroso que ele urrou de dor quando sentiu a garganta sendo dilacerada e, mesmo que involuntariamente, permitiu que esse urro se transformasse em um uivo de agonia no instante em que a mandíbula bestial do agressor arrancou com uma mordida brutal grande parte da sua carótida, fazendo com que seu sangue amaldiçoado jorrasse através do ferimento. Quando desabou na lama, o moribundo lobisomem já começava recobrar a fisionomia do policial Silveira.

– J... Ja... Jar... – tentou balbuciar ele, antes que uma violenta patada arrancasse sua cabeça e fizesse-a voar para longe.

Vitória literalmente tremeu de medo ao constatar que aquele monstro agora voltaria suas atenções para ela. Contudo, ele era apenas um e no rifle havia três balas. Tensa, a moça viu o último lobisomem postando-se de quatro e correndo na direção da casa. Ela ergueu a arma de sobressalto, mas não chegou a fazer pontaria, pois o licantropo fez uma curva brusca para a direita e sumiu de vista. Era evidente que a criatura tentaria um ataque surpresa, e por isso mesmo a garota começou a andar em círculos pela sala, tentando afoitamente vigiar ao mesmo tempo a porta e as janelas. Ela estava tão convencida de que o agressor apareceria por uma destas entradas que quase desmaiou de susto quando a parede de madeira desabou e a besta surgiu ali, centímetros ao seu lado.

Com extrema agilidade, o lobisomem desferiu uma patada no rifle, fazendo-o voar para longe das mãos da moça e, na sequência, atingiu-a com um golpe no rosto, derrubando-a no assoalho. Surpreendida, Vitória permaneceu no chão, com as mãos junto à face ensanguentada, quando o monstro agarrou-a pela nuca e arremessou-a de encontro à parede.

Esforçando-se para não desmaiar, a moça sentiu ainda a carne dos seus ombros sendo rasgada quando o licantropo suspendeu-a no ar e depois a arremessou sobre a mesa, que se partiu em pedaços com o impacto do golpe. Vitória sentiu uma dor terrivelmente aguda no lado direito do peito e concluiu de imediato que deveria estar com algumas costelas quebradas. Sua cabeça latejava e só conseguia respirar mediante um considerável esforço. Escutando passos no assoalho, ela olhou na direção de onde esperava avistar o enorme monstro que ceifaria sua vida de uma vez por todas, mas ao invés disso encarou o conhecido rosto juvenil e coberto por cicatrizes que tanto habitava seus pesadelos. Estava diante de Jarbas.

– Sua putinha malcriada! – vociferou o garoto – Até que enfim consegui encontrá-la! E cheguei *na hora H*! Mais um pouco que eu demorasse e aqueles cachorros escrotos acabariam com você antes de mim!

– Foda-se! – gritou a garota.

Com grande rapidez, Jarbas suspendeu a cabeça da moça pelos cabelos e, com a outra mão, atingiu-a com uma violenta bofetada. Pela segunda vez Vitória quase perdeu os sentidos quando sua fronte chocou-se com o assoalho.

– Vagabunda! – exclamou Jarbas – Eu venho até aqui neste fim de mundo para te encontrar e é assim que me recebe?! Ah, sua vadia, agora você vai me pagar por todos aqueles dias em que me deixou trancando em um porão nojento! Vai me pagar pelas torturas! Vai me pagar por tudo! Você vai ser a minha putinha, a minha cadelinha e depois que eu estiver cansado de brincar com você vou te devorar dos pés até a cabeça!

Desesperada, Vitória apalpou os próprios bolsos em busca de algo que pudesse servir como arma improvisada, mas tudo que encontrou foi o isqueiro de Vandinho. Contudo, embora fosse inútil para atacar seu oponente, o artefato incutiu-lhe uma ideia que em outras circunstâncias seria tida com absurda, mas que naquele momento lhe pareceu genial. Mas, para colocá-la em prática ela precisaria ganhar tempo. Apenas um pouco de tempo.

– Eu aceito ser a sua putinha! – disse a moça, com voz chorosa – Eu aceito ser a sua cadelinha! Pode fazer o que quiser comigo, mas não me bata mais! Por favor, não me bata mais!

Aproveitando-se do momento de hesitação de Jarbas, que parecia estar tentando entender o sentido por detrás daquelas palavras, Vitória cambaleou em sua direção e ensaiou um tímido abraço. Aproximou seu rosto do dele, passando a impressão de que iria beijá-lo, mas, ao invés disso, cravou as unhas em sua face com o máximo de força que conseguiu reunir. Surpreso, o garoto gritou de dor e desferiu um tabefe de encontro à moça.

– Puta! Puta! Puta! – gritava Jarbas enquanto levava as mãos ao rosto tentando desvencilhar-se do sangue que turvava sua visão.

Sem perder tempo e lutando para resistir à dor que lhe assaltava, a garota se embrenhou cambaleando no corredor e seguiu na direção do quarto que Jorge costumava utilizar como uma espécie de despensa improvisada. Menos de um minuto depois, Jarbas já estava enxergando perfeitamente e seguiu no encalço de sua vítima.

– Não adiantar se esconder, minha *quenguinha*! – berrou o garoto, em tom irônico – O seu cheiro de cadelinha no cio é inconfundível e eu posso achá-la em qualquer lugar!

Quando adentrou no depósito, Jarbas avistou a garota agachada e de costas, mexericando em algo que retirava de uma caixa de madeira. No instante seguinte, a moça virou-se em sua direção. Na mão direita ela trazia um isqueiro prateado e na esquerda uma banana de dinamite, cujo pavio já estava quase que completamente queimado. Uma dezena de outros explosivos similares encontrava-se ao lado da embalagem.

A última sensação que Vitória vivenciou em sua curta trajetória terrena foi a alegria. Um enorme sorriso de satisfação iluminou a sua abatida fisionomia quando ela avistou a face transtornada de Jarbas, com os olhos arregalados e boca entreaberta, em uma clara demonstração de surpresa e pavor. Aquele era um dos raríssimos momentos onde o garoto demoníaco deixava transparecer que sentia medo e, mais do que isso, revelava-se literalmente apavorado. A moça saboreava cada segundo da angústia expressada pelo ser que ela mais odiou em sua vida e, naquele momento, isso era quase como estar em êxtase.

– Acertaremos nossas contas no inferno, seu filho da puta! – gritou Vitória, um segundo antes do fim de tudo.

Depois veio apenas o estrondo, o calor e o brilho da avassaladora explosão que maculou com tons incandescentes a escuridão uniforme da noite fatídica.

*

Quando Francisco retornou para o povoado de São Bento, na manhã seguinte, o cenário que encontrou era tão desolador que parecia surreal. Policiais, peritos e bombeiros vindos de Bento Gonçalves e Caxias do Sul zanzavam por todos os lados recolhendo cadáveres e partes de corpos mutilados. Dezenas de jornalistas e centenas de curiosos se acumulavam atrás de cordões de isolamento severamente vigiados por militares. Havia muito desespero por parte de familiares e amigos das vítimas pressupostas, e, em seu íntimo, o coração do ancião chorava também.

Atordado, ele tentava recolher informações entre seus conterrâneos, mas as versões eram desencontradas. Falava-se em uma chacina promovida por drogados alucinados, cogitava-se uma guerra de traficantes que acidentalmente teria sido conduzida para lá e levantava-se até a hipótese de um massacre ritualístico promovido por algum tipo de seita satânica. Francisco sabia da verdade, mas tinha a convicção de que ela nunca viria à tona. Entre os homens que estavam trabalhando ali, certamente havia alguns que se encarregariam de ocultar indícios, fraudar provas e assegurar que a existência dos lobisomens permanecesse cogitada apenas no âmbito das lendas.

Em dado momento, o ex-bibliotecário avistou Maurício, um policial de Vale dos Pinhais que era amigo de Jorge. Apressadamente, correu até ele e perguntou como estava a situação na Fazenda Alvorada. O aparvalhado oficial confidenciou que havia uma grande quantidade de cadáveres de homens desconhecidos espalhados pela propriedade, todos bizarramente baleados ou mutilados. Infelizmente o corpo de Jorge já tinha sido encontrado, em um estado tão horrível quanto os demais. No interior das ruínas da casa também estavam sendo recolhidos diversos pedaços de corpos carbonizados, mas destes só seria possível se obter identificação mediante exames de DNA.

Assim que o policial se afastou com ar pensativo, Francisco também decidiu voltar para Vale dos Pinhais. Infelizmente, não descobriria nada ali naquele momento, e provavelmente nunca saberia ao certo tudo que se passou naquela noite de horrores. Intimamente, desejava apenas que os amigos não tivessem morrido em vão.

Enquanto caminhava até o carro, o ancião vislumbrou o sol que timidamente começava a abrir brechas por entre as nuvens escuras que rumavam rapidamente para o leste, empurradas pelo característico vento que soprava insistentemente na serra durante aquela época do ano. Sensibilizado pela visão tão melancólica quanto

bela, o ancião sentiu brotar em seu peito a esperança de que aquela enorme tragédia poderia ao menos ter servido para fechar um ciclo de terror que, de maneira direta ou indireta, havia marcado para sempre a vida de todos os envolvidos. Contudo, se a sua intuição estava ou não correta, era algo que só o tempo iria provar.



SOBRE O AUTOR:

André Bozzetto Jr é natural de Ilópolis – RS e reside atualmente em Pinhalzinho – SC, onde trabalha como professor na Educação Básica e no Ensino Superior. Graduado em História e Mestre em Letras, publicou seu primeiro romance sobrenatural, *Odisséia nas Sombras*, em 1998. Abordou a figura mítica do lobisomem nos enredos dos livros *Na Próxima Lua Cheia* (2010), *Jarbas* (2011), *Lobos do Sul* (2021) e também em diversos contos publicados em antologias de literatura fantástica, como *Metamorfose – A Fúria dos Lobisomens* (2009) e *Amor Lobo* (2013), entre outros. Em 2012 também publicou o suspense intitulado *O Inimigo Final*.

Para ler gratuitamente contos de André Bozzetto Jr e outros autores convidados, resenhas e matérias sobre filmes, histórias em quadrinhos e livros de terror nacionais, além de entrevistas com diversos artistas do gênero, acesse: ***relatosnoturnos.com***



Gostou deste livro? Então, por favor, deixe uma avaliação positiva e nos ajude a continuar produzindo!